São Bernardo de Claraval



Os graus da humildade e da soberba

Edição bilíngüe

CONCRETA

COLEÇÃO ESCOLÁSTICA

Os graus da humildade e da soberba

S. Bernardo de Claraval

Os graus da humildade e da soberba

Edição bilíngüe

Tradução:
Carlos Nougué

CONCRETA

COLEÇÃO ESCOLÁSTICA

Os graus da humildade e da soberba, São Bernardo de Claraval
© Editora Concreta, 2016

Título original:
De Gradibus Humilitatis et Superbiae Tractatus

Texto latino: *Documenta Catholica Omnia, S. Bernardus Claraevallensis Abbas*, in Migne, Patrologia Latina, MPL 182. Foi também consultada a edição crítica de Jean Leclercq em Editiones Cisterciensis (1957).

Os direitos desta edição pertencem à

Editora Concreta
Rua Barão do Gravataí, 342, portaria – Bairro Menino Deus – CEP: 90050-330
Porto Alegre – RS – Telefone: (51) 9916-1877 – e-mail: contato@editoraconcreta.com.br

Editor:
Renan Martins dos Santos

Coordenador editorial:
Sidney Silveira

Tradução:
Carlos Nougué

Revisão:
José Renato Lima

Capa & Diagramação:
Hugo de Santa Cruz

Ficha Catalográfica

Claraval, S. Bernardo de, 1090-1153
C59120 Os graus da humildade e da soberba [livro eletrônico] / trad. de Carlos Nougué, coord. de Sidney Silveira. – Porto Alegre, RS: Concreta, 2016.
104p. :p&b ; 16 x 23cm

ISBN 978-85-68962-22-0

1. Teologia. 2. Filosofia. 3. Filosofia medieval. 4. Cristianismo. 5. Catolicismo. 6. Espiritualidade. I. Título.

CDD-230.2

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

CONCRETA
www.editoraconcreta.com.br

COLEÇÃO ESCOLÁSTICA

Foram características marcantes do período escolástico a elevação da dialética a um cume jamais superado – antes ou depois, na história da filosofia –, o notável apuro na definição de termos e conceitos, a clareza expositiva na apresentação das teses, o extremo rigor lógico nas demonstrações, o caráter sistêmico das obras, a classificação das ciências a partir de um viés metafísico e, por fim, a existência duma abóboda teológica que demarcava a latitude e a longitude dos problemas esmiuçados pela razão humana, os quais abarcavam todos os hemisférios da ordem do ser: da *materia prima* a Deus.

O leitor familiarizado com textos de grandes autores escolásticos, como Santo Tomás de Aquino, Duns Scot, Santo Alberto Magno e outros, estranha ao deparar com obras de períodos posteriores, pois identifica perdas de cunho metodológico que transformaram a filosofia num enorme mosaico de idéias esparzidas a esmo, nos piores casos, ou concatenadas a partir de princípios dúbios, nos melhores. A confissão de Edmund Husserl ao discípulo Eugen Fink de que, se pudesse, voltaria no tempo para recomeçar o seu edifício fenomenológico serve como sombrio dístico do período moderno e pós-moderno: o apartamento entre filosofia e sabedoria – entendida como arquitetura em ordem ao conhecimento das coisas mais elevadas – acabou por gerar inúmeras obras malogradas, mesmo quando nelas havia *insights* brilhantes.

Constatamos isto em Descartes, Malebranche, Espinoza, Kant, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, Husserl, Heiddegger, Ortega y Gasset, Wittgenstein, Sartre, Xavier Zubiri e vários outros autores importantes cujos princípios filosóficos geraram aporias insanáveis, verdadeiros becos sem saída.

Na prática, o filosofar que se foi cristalizando a partir do humanismo renascentista está para a Escolástica assim como a música dodecafônica, de caráter atonal, está para as polifonias sacras. Em suma, o nobre intuito de harmonizar diferentes tipos de conhecimento foi, aos poucos, dando lugar à assunção da desarmonia como algo inescapável. As conseqüências desta atitude intelectual fragmentária e subjetivista, seja para a religião, seja para a moral, seja para a política, seja para as artes, seja para o direito, foram historicamente funestas, mas não é o caso de enumerá-las neste breve texto.

Neste ponto, vale advertir que a Coleção Escolástica, trazida à luz pela editora Concreta em edições bilíngües acuradas, não pretende exacerbar um anacrônico confronto entre o pensar medieval e tudo o que se lhe seguiu. O propósito maior deste projeto é o de apresentar ao público brasileiro obras filosóficas e teológicas pouco difundidas entre nós, não obstante conheçam edições críticas na grande maioria das línguas vernáculas. Tal lacuna começa a ser preenchida por iniciativas como esta, cujo vetor pode ser traduzido pela máxima escolástica *bonum est diffusivum sui* (o bem difunde-se por si mesmo). Ocorre que esta espécie de bens, para ser difundida, precisa ser plantada no solo fértil dos livros bem editados.

No mundo ocidental contemporâneo, plasmado de maneira decisiva na longínqua dúvida cartesiana, assim como nos ceticismos de todos os tipos e matizes que se lhe seguiram; mundo no qual as certezas são apresentadas como uma espécie de acinte ou ingenuidade epistemológica; mundo que se despoja de suas raízes cristãs para dar um salto civilizacional no escuro; mundo, por fim, desfigurado pelas abissais angústias alimentadas por filosofias caducas de nascença; em tal mundo, não nos custa afirmar com ênfase entusiástica o quanto este projeto foi concebido sem nenhum sentimento ambivalente. Ao contrário, moveu-nos a certeza absoluta de que apresentar o Absoluto é um bálsamo para a desventurada terra dos relativismos.

Vários autores do período serão agraciados na Coleção Escolástica com edições bilíngües: Santo Tomás de Aquino, São Boaventura, Santo Anselmo de Cantuária, Santo Alberto Magno, Alexandre de Hales, Roberto Grossetes-te, Duns Scot, Guilherme de Auvergne e outros da mesma altitude filosófica.

Em síntese, a Escolástica é uma verdadeira coleção de gênios. Procuraremos demonstrar isto apresentando-os em edições cujo principal cuidado será o de não lhes desfigurar o pensamento.

Que os leitores brasileiros tirem o melhor proveito possível deste tesouro.

Sidney Silveira
Coordenador da Coleção Escolástica

Agradecimentos aos colaboradores

Através de campanha no *website* da Concreta para financiar a produção de *Os graus da humildade e da soberba*, 359 pessoas fizeram sua parte para que este livro se tornasse realidade, um gesto pelo qual lhes seremos eternamente gratos. A seguir, listamos aquelas que colaboraram para ter seus nomes divulgados nesta seção:

Abner Schmuller
Adalberto de Queiroz
Adilene Adratt
Adriano Dal Molin de Oliveira
Alderson Rogério Coelho
Alex Quintas de Souza
Alexandre Cegalla
Alexandre Ferreira
Alexandre Serpentino
Allan Rocha Silva
Allan Victor Almeida Marandola
Ana Nely Castello Branco Sanches
Anderson Mello de Carvalho
André Bender Granemann
Andre Couto
André Luiz Vaz Bez
André Ortlieb Quinto
Andrei Ben-Hur
Anisia Mendes da Silva
Antonio Carlos Correia de Araújo Jr.
Antonio Paulo de Moraes Leme
Augusto Carlos Pola Jr.
Bernardo Augusto Sperandio Filho
Bruno Leal
Bruno Vallini
Caio Cardoso Alves

Caio Graco da Silva Purita Ferreira
Carlos Alexander de Souza Castro
Carlos Jesus de Abreu Pereira Filho
Cesar Augusto Cavazzola Jr.
Cesar Romulo Silveira Neto
Cláudia Makia
Cristiano Nunes Laureano
Cristina Garabini
Dafni Firmino Cavalcante
Daian Gobbi
Daniel Do Vale Dantas
David Ricardo Damasceno
Deisson Diedrich
Diego Gonçalves de Araújo
Diogo Fontana
Douglas Valdivino de Lima
Eddie Martins Trevizano
Ederson Oliveira
Eduardo Moreira dos Santos
Eduardo Fernandes
Eduardo Cardoso de Moraes
Eduardo da Silva Gomes
Eduardo dos Santos Silveira
Elaine Santos
Emílio Silva
Esther Kulkamp Eyng Prete
Evandro Ferreira
Evandro Cássio Maraschin
Everaldo Wanderlei Uavniczak
Everton Piuco Soares
Fabio Dias
Fábio Renato Mazzo Reis
Felipe Leite Massarenti
Fortunato Baia
Francisco Caetano Bernardes
Gabriel Melati
Gabriel Henrique Knüpfer
Gabriel Warken
Gabriel Zavitoski
Gabriela Marotta Vidigal
Gedson Alves de Souza
Genésio Saraiva
Gilson Bezerra Jr.
Gio Fabiano Voltolini Jr.
Giuliano Araújo Lucas de Carvalho
Gracian Pereira
Grazielli Pozzi Menegardo
Guilherme Batista Afonso Ferreira
Guilherme Ferreira Araújo
Gustavo Alves Sousa
Gustavo de Araújo
Hellyandro Ferraz
Hermano Zanotta
Higo Felipe
Hilário Marivaldo da Silva
Iago Rodrigo O. do Nascimento Sauer
Ivan da Cunha
Janaina Maria Fabricio
Jefferson Bombachim Ribeiro
João Victor Farias
Johann Alves
Jorge Barbosa
Jorge Geraldo de Quadros Jr.
José Antonio Donizetti da Silva
Julio Prático
Krishnamurti Andrade
Leandro Casare
Leonardo Ferreira Boaski
Leonardo Henrique Silva
Leonardo Santanna Maues
Liseane Selleti
Lucas Fonseca
Lucas Lacerda
Luiz Claudio Ribeiro da Silva
Luiza Maria Souza Magalhaes
Marcelo Guizzo
Marcelo Assiz Ricci
Marcelo Marques de Oliveira

Marciano Tadeu de Souza
Márcio André Martins Teixeira
Marcio Henrique Nassif
Marcos Pires de Campos
Marcos Roberto da Silva Costa
Maria Fonteles R. L. C. de Aguiar
Marilyn Migliano
Marinaldo Cavalari
Mateus Felipe
Matheus Ferrari Hering
Matheus Melegari de Almeida
Mauricio Oliveira
Maurício Paraboni
Maurizio Casalaspro
Mauro S. Ribeiro
Melissa A. L. Weber
Miguel Angel Concha Soares
Milla Rafaella Duarte Silveira
Milton Santucci
Moreno Garcia e Silva
Nicholas Fernandes Mota
Nikollas Ramos
Nilceia Bianchini
Nilton Cosme de Castro
Oacy Junior
Odinei Draeger
OrlandoTosetto
Oscar Frank Jr.
Ovidio Rovella
Patricia T. Vaccari Júlio
Paulo Henrique Brasil Ribeiro
Paulo Rocha
Pedro Casassola
Pedro Portela
Pietro Costa
Polyanna Appel
Rafael Cursino
Raimundo Soares Viana Neto
Rebeca Moraes Reis Dias
Ricardo Luiz Silveira da Costa
Roberto Barros Santos
Roberto Smera
Roberto Machado Santos
Rodolfo Melchior Lopes
Rodrigo de Abreu
Rodrigo Gonçalves
Roseli Aparecida de Souza
Rubens Moreira Enderle
Samuel da Silva Marcondes
Sergio Fernando Hennies Leite
Sergio Morselli
Sideval Ramos de Paula
Silvia Emilia Cunha
Silvia Freitas
Tarcísio Henrique
Tathiana Luis Almeida
Tharsis Madeira
Tiago Henrique Laudares Feltrim
Vanessa Marques Malicia
Vicente do Prado Tolezano
Vinícius Manfio
Vitor Colivati
Walther Sant Anna
Wellington Lima
Wellington Vieira Rios
Wendel Ordine
William Gomes Silva
Wilson Arnhold Chagas Jr.
Xavier A. de Sá Peixoto

Sumário

Apresentação - *São Bernardo e o dinamismo da vida do espírito* 13

OS GRAUS DA HUMILDADE E DA SOBERBA

Retratação 21

Prefácio 21

Fruto que devem dar os graus ascendentes de humildade 23

Em que ordem conduzem ao prêmio proposto 29

Primeiro grau da soberba: a curiosidade 63

Sentença sobre o Serafim apóstata 67

Segundo grau: a ligeireza de espírito 77

Terceiro grau: a alegria tola 77

Quarto grau: a jactância 79

Quinto grau: a singularidade 81
Sexto grau: a arrogância 83
Sétimo grau: a presunção 83
Oitavo grau: a escusa dos pecados 85
Nono grau: a confissão simulada 85
Décimo grau: a rebelião 87
Décimo primeiro grau: a liberdade de pecar 89
Décimo segundo grau: o costume de pecar 89
Volta àquele a quem escrevo 97
Bibliografia citada 99
S. Bernardi Claraevallensis Opera Omnia 101

Apresentação

São Bernardo e o dinamismo da vida do espírito

SIDNEY SILVEIRA

Perpassa a antropologia de São Bernardo de Claraval (1090-1153) um dístico inspirado pela Sagrada Escritura: o homem é *capax beatitudinis sempiternae*.[i] Em síntese, a dignidade da natureza humana reside numa abertura ontológica à felicidade perfeita, eterna, irreversível, a qual só pode ser outorgada por Deus, mas cujo vislumbre nós – criaturas racionais em estado de natureza decaída pelo pecado – podemos ter já nesta vida. Esta premissa subjaz a todos os tratados teológicos de Bernardo, como o que a Coleção Escolástica traz para os leitores brasileiros no presente volume: o opúsculo de juventude do monge cisterciense intitulado *Os graus da humildade e da soberba*.[ii]

---

[i] "*Cogita qualem te fecit: nempe etiam secundum corpus egregiam creaturam, sed secundum animam magis, utpote imagine creatoris insignem, rationis participem,* capacem beatitudinis sempiternae". São Bernardo, *Sermo XIV in Psalmum 90*, n. 1 (PL 183, 239A).

[ii] Estudiosos da obra de São Bernardo não estão de acordo com relação à data exata em que foi escrito o *Liber de Gradibus Humilitatis et Superbiae*. Cf. A. Vacan, E. Mangenot e É. Amann, *Dictionnaire de Théologie Catolique.* t. 2, p. 1, Paris, Letouzey et Ané, 1932, p. 752. Não põem em dúvida, contudo, o fato de ser esta a sua primeira síntese magisterial em formato de *catequese capitular*, ou seja, de ensinamento a ser lido nas reuniões entre os frades.

Trata-se de um fulgurante comentário ao Capítulo VII da Regra de São Bento, em cujas páginas se esquadrinham as etapas místicas da humildade, de acordo com o seguinte esquema:

- **1º degrau**: o temor de Deus (nos sentidos, na vontade e na inteligência);
- **2º degrau**: a negação dos próprios desejos;
- **3º degrau:** a prática da obediência;
- **4º degrau**: suportar o desprezo e a injustiça dos homens;
- **5º degrau:** confiar a consciência ao abade do mosteiro;[iii]
- **6º degrau:** renunciar a qualquer conforto externo;
- **7º degrau:** renunciar ao reconhecimento dos méritos pessoais;
- **8º degrau:** renunciar ao desejo de governar a vida monástica;[iv]
- **9º degrau:** exercitar o silêncio;
- **10º degrau:** ser circunspecto e evitar o riso fútil;
- **11º degrau:** ser discreto;
- **12º degrau:** rememorar a própria pequenez e a degradação dos pecados cometidos, fazendo tudo não mais pelo temor do inferno, mas por amor a Cristo.[v]

No livro, um verdadeiro programa de aperfeiçoamento espiritual é proposto por São Bernardo a Godofredo de la Roche-Vanneau (?-1164), primeiro abade do mosteiro de Fontenay e, depois, bispo de Langres de 1138 até o ano de sua morte.[vi] Como se pode observar nos tópicos acima enumerados, a virtude da humildade compreende um dificultoso *caminho do temor ao amor*, em meio ao qual o homem vai nobilitando, aos poucos, os motivos do seu agir cotidiano, purgando-se dos vícios com vistas a alcançar a união mística com Deus. A imagem bíblica da escada de Jacó[vii] serve, na doutrina do Doutor Melífluo,

---

[iii] Podemos também dizer o seguinte, se quisermos aplicar este princípio para além do perímetro dos mosteiros: confiar a consciência ao escrutínio de um diretor espiritual douto e prudente.

[iv] Em sentido mais amplo, diríamos: *renunciar a qualquer tipo de mando*, a menos que a Providência divina disponha as coisas neste sentido.

[v] Este é o resumo esquemático do Capítulo VII da Regra de São Bento, o qual aponta para uma trajetória trinitária que consiste na adoração de Deus Pai por meio do amor ao Filho na graça do Espírito Santo. Cf. D. Idelfonso Herwegen, *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*, Rio de Janeiro, Edições Lumen Christi, 1953, pp. 121-148.

[vi] Hoje há um consenso quanto ao fato de que Godofredo de la Roche-Vanneau era primo de São Bernardo. A presente obra foi escrita pelo abade de Claraval por solicitação de Godofredo.

[vii] Gn 28:11-19. "Jacó viu em sonho que por uma mesma e só rampa subiam e desciam anjos. Que

como ponto analógico a partir do qual se torna manifesto o seguinte: no âmbito estritamente psicológico, a humildade é uma espécie de autodomínio. Com ela, o homem equilibra-se; sem ela, perde-se numa vertiginosa descida aos sombrios meandros da consciência obliterada por paixões.

Não obstante seja um escrito dirigido a monges, *Os graus da humildade e da soberba* é obra recheada de preceitos e conselhos universais, úteis a todos os homens. No livro, o ataque à negligência para com as coisas do espírito refulge desde o início, quando São Bernardo salienta que a humildade é virtude sem a qual se torna impossível a qualquer pessoa chegar ao autoconhecimento, ou seja, à consciência do estado de vileza em que jaz.[viii] Em suas pedagógicas palavras, "a humildade é o labor, enquanto a verdade é o prêmio do labor".[ix] Este pensamento é desenvolvido de diferentes maneiras ao longo dos nove primeiros tópicos do livro, ao passo que nos demais a humildade é descrita a partir do seu vício contrário, a soberba.

Neste contexto, a descida acontece numa espiral de vícios que se vão intercalando: curiosidade, ligeireza de espírito, alegria tonta, jactância, singularidade, arrogância, presunção, escusa dos próprios pecados, confissão simulada, rebelião contra os mestres e os irmãos, licenciosidade no pecar e costume de pecar. Nos seis primeiros degraus deste deplorável declínio moral mostra-se, de acordo com S. Bernardo, o desprezo aos irmãos; nos quatro seguintes, o desprezo ao mestre (diríamos nós hoje: *aos mestres*, os quais são servidores da verdade); nos dois últimos, o desprezo a Deus.[x]

Em resumo, ódio ao próximo, ódio às autoridades humanas legitimamente constituídas e ódio a Deus estão concatenados de maneira assombrosa pelo abade de Claraval. Isto nos dá a clara visão da estrutura dinâmica da vida do espírito e também do fato de que o aperfeiçoamento individual está para o de qualquer comunidade assim como a parte está para o todo. Noutros termos: o progresso de cada pessoa reverte para o bem comum. Ninguém se iluda porém quanto à extrema dificuldade do caminho, pois a humildade prova-se pelo pão da dor e pelo vinho da compunção,[xi] pelos quais a alma purifica-se de maneira paulatina, até começar a fazer-se digna de contemplar as verdades mais elevadas

---

quer dizer isso? Que, se queres voltar à verdade, não precisas buscar um novo e desconhecido caminho: basta-te o mesmo pelo qual desceste. Já o conheces. E, desandando o mesmo caminho, sobe humilhado os mesmos degraus que desceste ensoberbecido.". Cf. páginas 61-63 desta edição.

[viii] "*Humilitas est virtus, qua homo verissima sui agnitione sibi ipsi vilescit.*". Cf. p. 24.

[ix] Cf. p. 23.

[x] Cf. p. 89.

[xi] Cf. p. 27.

e, assim, tornar a vontade livre para amar a Deus. Não exageraria quem dissesse que a humildade é o modo próprio da liberdade; sem ela, resta-nos a escravidão do auto-engano.

Como se pode deduzir, para São Bernardo a humildade é subida que pressupõe uma abertura dos olhos da alma; a soberba é descida na qual estão implicados variados tipos e graus de cegueira da mente. Este é, portanto, o dinamismo psíquico em meio ao qual o homem ou é vencido pelas próprias debilidades e más inclinações, ou se põe de pé para combatê-las ao longo de toda a sua vida neste mundo, sem perder de vista que, sem o auxílio da sabedoria divina espraiada na Sagrada Escritura[xii] – a propósito, os Salmos são citados por Bernardo em inúmeras passagens do livro –, a derrota é certa. Não há, aqui, estagnação possível: nas coisas do espírito, ou se está subindo ou se está descendo.

Os graus da humildade e da soberba condensa a doutrina subministrada aos monges de Claraval nos primeiros anos da existência da ordem cisterciense, e é considerado pela maior parte dos especialistas como o tratado básico da teologia bernardiana.[xiii] Nele, a humildade é o exercício de ascese do corpo e da alma em prol do aperfeiçoamento progressivo do caráter, sendo digno de nota que o jovem Bernardo já deixava entrever, neste seu primeiro opúsculo de valor inconteste, que seria o profundo comentador do *Cântico dos Cânticos* venerado por Guilherme de Saint-Thierry (1080?–1148).[xiv] Em diferentes passagens, Bernardo lembra-nos o prêmio da humildade citando este livro da Sagrada Escritura que recebeu diversos comentários exegéticos entre os séculos XII e XIII:

> "Comei, amigos, e bebei, e embriagai-vos, caríssimos" [Ct 5, 1]. "A caridade", diz, "é o prato principal das filhas de Jerusalém" [Ct 3, 10], porque as almas imperfeitas, por ser ainda incapazes de digerir aquele alimento sólido, têm de

[xii] Diz a respeito de São Bernardo o Papa Pio XII, na Encíclica *Doctor Mellifluus*, de 24 de maio de 1953, nº 3. "A sua doutrina foi embebida quase toda nas páginas da Sagrada Escritura e dos Santos Padres, que dia e noite tinha à mão e meditava profundamente; não nas sutis disputas dos dialéticos e filósofos, que mais de uma vez parece menosprezar. Deve, todavia, notar-se que ele não rejeita a filosofia humana, a genuína filosofia que conduz a Deus, à vida honesta, à sabedoria cristã; mas aquela que, com vã verbosidade e falaz prestígio das cavilações, presume com temerária audácia subir às coisas divinas e sondar todos os segredos de Deus, de maneira a violar – como freqüentemente acontecia também então – a integridade da fé e, miseravelmente, cair na heresia".

[xiii] García M. Colombás, *La Tradición Benedictina,* t. 4, Siglo XII, Zamora, Ediciones Monte Casino, 1994, p. 631.

[xiv] O místico Guilherme de Saint-Thierry chegou a fazer um caderno de anotações das conversas que tivera com São Bernardo a respeito do Cântico dos Cânticos, em Claraval, entre os anos de 1122 e 1124. Cf. Guilherme de Saint-Thierry, *Vita Prima Sancti Bernardi Claraevallis Abbatis*, I, 4, 59 (PL 185, 258).

> alimentar-se de leite em vez de pão, e de azeite em vez de vinho. E retamente se serve no meio [do banquete], porque sua suavidade não aproveita aos incipientes, que vivem no temor, nem é suficiente para os perfeitos, que saboreiam a intensa doçura da contemplação."[xv]

Em breves palavras, a contemplação pressupõe a "purga amarga" do temor a Deus,[xvi] primeiro grau da humildade. Nesta altura, vale dizer o seguinte: ainda que, dialeticamente, abstraíssemos a fé pressuposta na doutrina de São Bernardo, se nos afiguraria evidente o realismo deste tratado que o leitor tem em mãos: humilde é quem adquire um salutar senso de proporções e compreende ser pequenino, falível, fisicamente indigente, finito, moralmente imperfeito, etc. – na medida em que a vida o leva a contemplar-se como pura e simples contingência na ordem do ser. Eis o conselho do abade cisterciense a quem queira iniciar-se nas veredas da humildade:

> "Crava os olhos na terra a fim de te conheceres: a terra dar-te-á tua própria imagem, porque, com efeito, és terra e à terra hás de voltar".[xvii]

Não é nosso propósito estender-nos demasiadamente nesta nota introdutória, mesmo porque as páginas a seguir falam por si. Deixemos apenas consignado que este comentário de São Bernardo à Regra de São Bento tem no seu horizonte um princípio muito caro a todos os notáveis autores de espiritualidade: os pensamentos desviados de Deus (*cogitationes perversae*) distraem o homem das verdades acerca de sua própria condição. Daí a necessidade de ele alimentar a sua alma com conceitos verdadeiros, adequados à natureza das coisas, para assim ir reduzindo os descompassos da vontade própria – que, em várias ocasiões, se faz irmã da vanglória, do desejo de prevalecer, da indiferença para com o próximo.

Entender o *Timor Dei* como o primeiro grau da humildade e aplicá-lo aos sentidos, à vontade e à inteligência foi sabedoria beneditina da qual o Doutor Melífluo bebeu em abundância, o que se reflete não apenas neste *Os graus da humildade e da soberba*, mas em todos os escritos morais e também nos tratados de ascética e mística saídos de sua iluminada pena. Como diz D. Idelfonso Herwegen, O.S.B., "os pensamentos sem vigilância e a vontade sem

---

[xv] Cf. p. 27 desta edição.

[xvi] "*Hi adhuc a noxiis carnalium delectationum humoribus,* timores amarissima potione purgandi (...)". Cf. p. 28.

[xvii] Cf. p. 63.

freio acarretam a indisciplina dos sentidos".[xviii] Noutras palavras, fazem do homem um joguete de instintos baixos que lhe trazem apatia moral, fonte de males tremendos.

Para Bernardo de Claraval, a soberba humana é patologia que destrói a hierarquia implicada nas potências da alma. Vale a pena, pois, começar a leitura desta obra meditando a respeito dos benefícios extraordinários que o exercício da humildade pode trazer a cada um de nós, com a ajuda do bom Deus.

[xviii] D. Idelfonso Herwegen, *op. cit.*, p. 129.

Os graus da humildade e da soberba



(De Gradibus Humilitatis et Superbiae Tractatus)

Retractatio S. Bernardi in Tractatum de Gradibus Humilitatis

In hoc Opusculo, cum illud de Evangelio, quod Dominus ait, diem ultimi judicii se nescire, ad aliquam sententiam confirmandam atque corroborandam proferrem in medium (cap. 1, n. 1), improvide quidem apposui, quod in Evangelio scriptum non esse postea deprehendi. Nam cum textus habeat tantummodo, neque filius scit; ego deceptus magis, quam fallere volens, litterae quippe immemor, sed non sensus, «Nec ipse,» inquam, «Filius hominis scit.» Unde etiam totam ordiens sequentem disputationem, ex eo quod non veraciter posui, veram conatus sum approbare assertionem. Sed quia talem errorem meum multo post, quam a me idem libellus editus, et a pluribus jam transcriptus fuit, deprehendi; cum non potui per tot jam libellos sparsum persequi mendacium, necessarium credidi confugere ad confessionis remedium.

Alio quoque in loco (Cap. 10, n. 35) quamdam de Seraphim opinionem posui, quam nunquam audivi, nusquam legi. Ubi sane lector meus attendat, quod proinde temperanter, «puto,» dixerim: volens videlicet non aliud, quam putari, quod certum reddere de Scripturis non valui.

Titulus quoque ipse qui de Gradibus Humilitatis inscribitur, pro eo forsitan quod non humilitatis, sed superbiae potius hic distingui describique gradus videntur, calumniam patietur, sed hoc a minus vel intelligentibus, vel attendentibus ejus tituli rationem, quam tamen in fine opusculi ipse breviter intimare curavi.

Praefatio

Rogasti me, frater Godefride, ut ea quae de gradibus humilitatis coram fratribus locutus fueram, pleniori tibi tractatu dissererem. Cui tuae petitioni digne, ut dignum erat, et volens satisfacere, et timens non posse, evangelici consilii memor, non prius, fateor, incipere ausus sum, quam sedens computavi, si sufficerent sumptus ad perficiendum (Luc. XIV, 28).

Cum autem charitas hunc foras misisset timorem, quo mihi timebam illudi de opere non consummando, subintravit alius timor de contrario,

Retratação

Eu já escrevera quase metade deste opúsculo quando achei por bem confirmar e corroborar uma afirmação mencionando a passagem do Evangelho em que o Senhor expressa sua ignorância quanto ao Dia do Juízo. Pois bem, cometi então uma imprudência, porque, como me daria conta, o Evangelho não se expressa daquele modo, senão que o texto diz tão somente: "Nem o Filho o sabe".[1] Mas eu, mais autoconvencido que com intenção de impor, não lembrava a expressão precisa, apenas seu sentido, razão por que escrevi: "Nem o Filho do homem o sabe". Ao começar a disputa seguinte, tentei provar a asserção, partindo porém de uma afirmação contrária à verdade. Como todavia não me daria conta de tal erro senão muito depois de o livro ter sido divulgado, e de ter sido transcrito já por muitos, foi-me necessário adotar o remédio desta retratação: com efeito, uma vez que o erro já estava difundido por tantos manuscritos, não me foi possível atalhá-lo.

Em outro lugar manifestei uma opinião acerca dos Serafins que eu nunca ouvira nem lera. Note o leitor, porém, a prudência do autor, que se exprime dizendo: "penso". Eu não queria apresentar mais que uma simples opinião com respeito a algo cuja veracidade não pude demonstrar mediante as Escrituras.

Por fim, até se pode discutir a oportunidade do título *Os graus da humildade*, porque, com efeito, descrevo mais os graus de soberba. Aqui, todavia, exagerarão os menos inteligentes ou os que não atendem às razões do título. Mas ao fim do opúsculo tento justificá-lo brevemente.

Prefácio

Pediste-me, irmão Godofredo, que te dissesse por escrito e algo extensamente o que pregara aos irmãos com respeito aos graus de humildade. Tentei satisfazer-te dignamente o pedido, ainda que com temor de não conseguir fazê-lo. Confesso-te que nunca se afastava de minha mente o conselho evangélico, e não ousava começar a escrever porque me detinha a pensar se contava de fato com os meios para levá-lo a efeito.[2]

E, quando já a caridade havia afastado tal temor de não poder concluir a obra, assaltou-me outro temor, contrário. Caso o levasse a termo, espreitar-me-ia

1 Mc 13, 32: "[...] *nemo scit* [...] *neque Filius*".
2 Lc 14, 28.

quo coepi timere gravius periculum de gloria si perfecissem, quam de ignominia si defecissem. Unde inter hunc timorem et charitatem, velut in quodam bivio positus, diu haesitavi, cui viarum tuto me crederem; metuens aut loquendo utiliter de humilitate, ipse humilis non inveniri; aut tacendo humiliter, inutilis fieri.

Cumque neutram viam tutam, alterutram tamen mihi tenendam esse conspicerem; elegi potius tibi, si quem possem, communicare fructum sermonis, quam tutari me solum portu silentii: simul fiduciam habens, si quid forte, quod approbes, dixerim, tuis precibus posse me non superbire; sin autem (quod magis puto) nihil tuo studio dignum effecerim, de nihilo superbire non posse.

1. Locuturus ergo de gradibus humilitatis, quos beatus Benedictus non numerandos, sed ascendendos proponit (Reg. cap. 7), prius ostendo, si possum, quo per illos perveniendum sit, ut audito fructu perventionis, minus gravet labor ascensionis.

Proponit itaque Dominus nobis viae laborem, laboris mercedem *Ego sum*, inquit, *via, veritas, et vita* (Joan. XIV, 6). Viam dicit humilitatem, quae ducit ad veritatem. Altera labor, altera fructus laboris est. Unde sciam, inquis, quod ibi de humilitate locutus sit, cum indeterminate dixerit: *Ego sum via*? Audi apertius: *Discite a me quia mitis sum et humilis corde* (Matth. XI. 29).

Se ergo proponit humilitatis exemplum, mansuetudinis formam. Si imitaris eum, non ambulas in tenebris, sed habebis lumen vitae (Joan. VIII, 12). Quid est lumen vitae, nisi veritas; quae illuminans omnem hominem venientem in hunc mundum, ostendit ubi sit vera vita? Ideo cum dixisset, *Ego um via et veritas*, subdidit, *et vita*: ac si diceret: Ego sum via, quae ad veritatem duco; ego sum veritas quae vitam promitto: ego

o perigo da vanglória, perigo, com efeito, muito mais grave que o desprezo por não terminá-la. Por isso, entre o temor e a caridade, e como que perplexo diante de dois caminhos, por longo tempo hesitei com respeito a qual dos dois deveria tomar. Temia que, se falasse utilmente da humildade, desse a sensação de não ser humilde; e que, se me calasse por humildade, fosse inquinado de inútil.

Não me fiava em nenhum destes dois caminhos; mas via-me obrigado a tomar um deles. E pareceu-me melhor compartilhar contigo o fruto de minhas palavras do que permanecer em segurança, eu sozinho, no porto de meu silêncio. Confio em que, se por acaso eu disser algo que aproves, tua oração consiga que eu não me ensoberbeça disso. Se, ao contrário – o que me parece mais de esperar –, eu não vier a escrever nada digno de teu talento, então já não terei motivo algum para ensoberbecer-me.

Fruto que devem dar os graus ascendentes de humildade

I. 1. Antes de começar a falar dos graus de humildade propostos por São Bento, não porém para simplesmente enumerá-los, mas para elevá-los,[3] pretendo mostrar-te, se puder, aonde nos levam. Desse modo, conhecido antecipadamente o fruto que nos espera à chegada, não nos oprimirá o trabalho da subida.

Quando o Senhor diz: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" [Jo 14, 6],[4] propõe-nos o labor do caminho, e o prêmio do labor. A humildade, com efeito, é chamada de caminho que conduz à verdade. A humildade é o labor, enquanto a verdade é o prêmio do labor. "Como sabes", dirás tu, "que esta passagem se refere à humildade, se [o Senhor] disse de modo indeterminado: 'Eu sou o caminho'?". Escuta-o atentamente: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" [Mt 11, 29].

Ele pois se propõe como exemplo de humildade e como modelo de mansidão. Se o imitares, não andarás em trevas, senão que terás a luz da vida.[5] E o que é a luz da vida senão a verdade, que ilumina a todo homem que vem a este mundo, e que mostra onde se encontra a vida verdadeira? Por isso, além de dizer: "Eu sou o caminho e a verdade", disse ainda: "e a vida". É como se dissesse: "Eu sou o caminho", porque levo à verdade; "eu sou a verdade", porque prometo a vida; "eu sou a vida", porque a dou. Porque ele mesmo diz: "A vida

3 Cap. 7 da Regra de São Bento, *Regula cum commentariis,* PL 66, 370D-375A. Pode ser lido em português na internet, em: <http://www.osb.org.br/regra.html#capítulo 7 ->.

4 Tenha-se em vista que as citações bíblicas de São Bernardo foram feitas a partir da Vulgata Latina.

5 Jo 8, 12.

sum vita, quam do. *Haec est enim*, ait, *vita aeterna, ut cognoscent te verum Deum: et quem misisti Jesum Christum* (Matth. XVII, 3).

Vel sic, quasi tu dicas: Viam considero, id est humilitatem: fructum desidero, veritatem. Sed quid si tantus est labor viae, ut ad optatum lucrum non possim pervenire? Respondet: *Ego sum via*, id est viaticum, quo sustenteris in via.

Clamat igitur errantibus, et viam ignorantibus, Ego sum via: dubitantibus, et non credentibus, *Ego sum veritas*: jam ascendentibus, sed lassescentibus, *Ego sum vita*. Satis, ut reor, ostensum est ex proposito capitulo Evangelii, cognitionem veritatis fructum esse humilitatis. Accipe et aliud. *Confiteor tibi, Pater, Domine coeli et terrae, quia abscondisti haec*, haud dubium quin veritatis secreta, *a sapientibus et prudentibus*, id est a superbis, *et revelasti ea parvulis* (Luc. X, 21), hoc est humilibus. Et in hoc apparet quod veritas, quae superbis absconditur, humilibus revelatur.

2. Humilitatis vero talis potest esse definitio: Humilitas est virtus, qua homo verissima sui agnitione sibi ipsi vilescit. Haec autem convenit his qui ascensionibus in corde suo dispositis, de virtute in virtutem, id est de gradu in gradum proficiunt, donec ad culmen humilitatis perveniant, in quo velut in Sion, id est in speculatione, positi, veritatem prospiciant. *Etenim*, inquit, *benedictionem dabit legislator* (Psal. LXXXIII, 8): quia qui dedit legem, dabit et benedictionem; hoc est, qui jussit humilitatem, perducet ad veritatem.

Quis vero est hic legislator, nisi dulcis et rectus Dominus qui legem dedit delinquentibus in via? (Psal. XXIV, 8.) In via quippe delinquunt, qui veritatem derelinquunt. Sed nunquid vel sic a dulci Domino derelinquuntur? Ipsis ergo dulcis et rectus Dominus legem dat viam humilitatis, per quam redeant ad cognitionem veritatis. Dat occasionem recuperandae salutis, quia dulcis est; non tamen absque disciplina legis, quia rectus est. Dulcis, quia perire non patitur; rectus, quia punire non obliviscitur.

3. Hanc itaque legem, qua reditur ad veritatem, beatus Benedictus per duodecim gradus disponit: ut sicut per decem praecepta legis ac geminam circumcisionem (in quo duodenarius numerus adimpletur) ad Christum venitur; ita his duodecim gradibus ascensis, veritas apprehendatur. Illud quoque quod in scala illa, quae in typo humilitatis Jacob monstrata est,

eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" [Jo 17, 3].

Se porém tu dizes: "Considero o caminho, a humildade; desejo o fruto, a verdade. Mas o que farei se tão grande é o labor do caminho que não posso chegar ao ganho desejado?", ele responde-te: "Eu sou a vida", isto é, o viático com que te sustentarás no caminho.

O Senhor clama aos desencaminhados e aos ignorantes do caminho: "Eu sou o caminho"; aos que duvidam e aos que não crêem: "Eu sou a verdade"; e aos ascendentes, mas lassos: "Eu sou a vida". Está, ao que parece, suficientemente claro por capítulos do Evangelho que o conhecimento da verdade é fruto da humildade. Vê este: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas", referindo-se sem dúvida aos segredos da verdade, "aos sábios e aos prudentes", isto é, aos soberbos, "e as revelaste aos pequeninos",[6] isto é, aos humildes. E nisto aparece que a verdade, que se esconde dos soberbos, se revela aos humildes.

2. A humildade pode definir-se assim: a humildade é uma virtude que leva o homem a desprezar-se ante seu próprio e veríssimo conhecimento. Esta definição convém aos que estão dispostos a ascender no coração de virtude em virtude, isto é, a avançar de grau em grau, até chegar ao cume da humildade, no qual, como em Sião, isto é, em especulação, descobre a verdade. "O legislador", diz-se, "dará sua bênção" [Sl 83, 6-8], porque o que deu a lei dará também a bênção; o que exigiu a humildade levará à verdade.

Quem é este legislador senão o doce e reto Senhor, que deu lei aos extraviados do caminho?[7] Desencaminham-se os que abandonam a verdade. Mas será que ficarão abandonados pelo doce Senhor? É pois a estes que o doce e reto Senhor dá por lei o caminho da humildade, para que voltem ao conhecimento da verdade. Dá ocasião para recuperar a salvação, porque é doce; não, porém, sem a disciplina da lei, porque é reto. Doce, porque não permite que se percam; reto, porque não se esquece de punir.

II. 3. Esta lei, por conseguinte, que nos encaminha à verdade, o beato Bento a dispôs em doze graus, e, assim como após os dez preceitos da lei e a dupla circuncisão – os quais no total dão doze – se chega a Cristo, assim também galgando estes doze graus se apreende a verdade. O próprio fato do aparecimento do Senhor – que não pode enganar-nos – no ponto mais alto

6 Mt 11, 25.
7 Sl 24, 8.

Dominus desuper innixus apparuit (Gen. XXVIII, 12, 13), quid nobis aliud innuit, nisi quod in culmine humilitatis constituitur cognitio veritatis? Dominus quippe de summitate scalae prospiciebat super filios hominum tanquam Veritas, cujus oculi sicut fallere nolunt, ita falli non norunt, ut videret si est intelligens aut requirens Deum. An non tibi de alto videtur clamare ac dicere requirentibus se (novit enim qui sunt ejus): *Transite ad me, omnes qui concupiscitis me, et a generationibus meis implemini?* (Eccli. XXIV, 26) et illud: *Venite ad me, omnes qui laboratis et onerati estis, et ego vos reficiam* (Matth. XI, 28).

Venite, inquit. Quo? Ad me veritatem. Qua? Per humilitatem. Quo fructu? Ego vos reficiam. Sed quae est refectio, quam Veritas ascendentibus promittit, pervenientibus reddit? An forte ipsa est charitas? Ad hanc quippe, ut ait beatus Benedictus, ascensis omnibus humilitatis gradibus monachus mox perveniet (Reg. cap. 7, grad. 12). Vere dulcis et suavis cibus charitas, quae fessos allevat, debiles roborat, moestos laetificat. Jugum denique Veritatis facit suave, et onus leve.

4. Bonus cibus charitas, quae media in ferculo Salomonis consistens (Cantic. III, 9, 10), diversarum odore virtutum, velut diversi generis fragrantia pigmentorum, esurientes reficit, jucundat reficientes. Ibi siquidem apponitur pax, patientia, benignitas, longanimitas, gaudium in Spiritu sancto: et si quae sunt aliae veritatis seu sapientiae generationes, apparantur [*al.* apponuntur] in illa.

Habet et humilitas in eodem ferculo suas epulas, panem scilicet doloris et vinum compunctionis, quas primo Veritas incipientibus offert, quibus utique dicitur: *Surgite postquam sederitis, qui manducatis panem doloris* (Psal. CXXVI, 2).

Habet ibidem contemplatio ex adipe frumenti solidum cibum sapientiae, cum vino quod laetificat cor hominis, ad quae Veritas perfectos invitat, dicens: *Comedite, amici mei, et bibite; et inebriamini, charissimi* (Cantic. V, 1). *Media*, inquit, *charitate constravit propter filias Jerusalem* (id. II, 10); propter imperfectas videlicet animas, quae, dum adhuc illum solidum cibum minus capere possunt, lacte interim charitatis pro pane, oleo pro vino nutriendae sunt.

daquela escada que, como em um tipo de humildade, se mostrou a Jacó[8] não indica, porventura, que o conhecimento da verdade se constitui no alto da humildade? Do alto da escada o Senhor olhava para os filhos dos homens para ver se havia algum inteligente que buscasse a Deus. E a ti não te parece que o Senhor, conhecedor de todos os seus, do alto está clamando aos que o buscam: "Vinde a mim todos os que me desejais e saciai-vos de meus frutos" [Eclo 24, 26]? E ainda: "Vinde a mim todos os que trabalhais e vos achais carregados, e eu vos aliviarei" [Mt 11, 28].

"Vinde", diz. Aonde? "A mim", a verdade. Por onde? Pela humildade. Qual o fruto? "Eu vos aliviarei." Que alívio promete a verdade ao que sobe, e lhe dá ao que chega? A caridade, porventura? Sim, porque segundo o beato Bento, uma vez subidos todos os graus da humildade, chega-se de imediato à caridade.[9] Verdadeiramente a caridade é um alimento doce e suave, que reanima os cansados, robustece os fracos, alegra os tristes e torna suportável o jugo. A verdade faz suave e leve o fardo.

4. A caridade é um bom alimento, que, consistente no prato principal de Salomão,[10] exala o odor das diversas virtudes, como à fragrância das especiarias mais surpreendentes. Não só sacia os famintos e alegra os comensais, senão que com ela se servem também a paz, a paciência, a benignidade, a longanimidade, o gáudio no Espírito Santo; e preparam-se nela todas as coisas que são da verdade ou da sabedoria.

A humildade também tem seus complementos nesta mesa: o pão da dor e o vinho da compunção, o que por primeiro a verdade oferece aos incipientes, e diz-lhes: "Levantai-vos depois de ter-vos sentado os que comeis o pão da dor" [Sl 127, 2].

Tampouco falta a contemplação ao sólido alimento da sabedoria, feito de flor de farinha, e o vinho, que alegra o coração do homem, e ao qual a Verdade convida os perfeitos, dizendo: "Comei, amigos, e bebei, e embriagai-vos, caríssimos" [Ct 5, 1]. "A caridade", diz, "é o prato principal das filhas de Jerusalém" [Ct 3, 10], porque as almas imperfeitas, por ser ainda incapazes de digerir aquele alimento sólido, têm de alimentar-se de leite em vez de pão, e de azeite em vez de vinho. E retamente se serve no meio [do banquete], porque sua suavidade não aproveita aos incipientes, que vivem no temor, nem é suficiente para os perfeitos, que saboreiam a intensa doçura da contemplação.

---

8 Gn 28, 12-13.

9 *Regula cum commentariis,* Cap. 7, 12º grau (PL 66, 408C).

10 Ct 3, 9.

Quae recte *media* describitur, quia ejus suavitas nec incipientibus praesto est, prohibente timore; nec perfectis satis est, pro abundantiori contemplationis dulcedine. Hi adhuc a noxiis carnalium delectationum humoribus, timoris amarissima potione purgandi, nondum lactis dulcedinem experiuntur: illi jam avulsi a lacte, epulari ab introitu gloriae gloriosius delectantur: solis mediis, id est proficientibus, ita jam melleas quasdam sorbitiunculas charitatis expertis, ut illis interim pro sui teneritudine contenti sint.

5. Primus ergo cibus est humilitatis, purgatorius cum amaritudine: secundus charitatis, consolatorius cum dulcedine: tertius contemplationis, solidus cum fortitudine. Heu mihi, Domine Deus virtutum! quousque irasceris super orationem servi tui, cibabis me pane lacrymarum, et potum dabis mihi in lacrymis? Quis me invitabit ad illud vel medium ac dulce charitatis convivium: ubi justi epulantur in conspectu Dei, et delectantur in laetitia, ut jam non loquens in amaritudine animae meae, dicam Deo, Noli me condemnare: sed epulando in azymis sinceritatis et veritatis, laetus cantem in viis Domini, quoniam magna est gloria Domini? Bona tamen via humilitatis, qua veritas inquiritur, charitas acquiritur, generationes sapientiae participantur. Denique sicut finis legis Christus, sic perfectio humilitatis, cognitio veritatis. Christus cum venit attulit gratiam: Veritas quibus innotuerit, dat charitatem. Innotescit autem humilibus: humilibus ergo dat gratiam.

6. Dixi, ut potui, quo fructu humilitatis gradus ascendi debeant: dicam, ut potero, quo ordine ad propositum bravium veritatis perducant.

Sed, quia ipsa quoque veritatis agnitio in tribus gradibus consistit, ipsos breviter, si possum, distinguo: quatenus ex hoc clarius innotescat, ad quem trium veritatis, duodecimus humilitatis pertingat. Inquirimus namque veritatem in nobis, in proximis, in sui natura. In nobis, nosmetipsos dijudicando: in proximis, eorum malis compatiendo: in sui natura mundo corde contemplando.

Os incipientes, enquanto não se curarem dos nocivos humores dos deleites carnais mediante a purga amarga do temor, não podem experimentar a doçura do leite; os perfeitos já foram desleitados, e agora se deleitam com este outro alimento, antecipação da glória. Aquele não aproveita senão aos que se encontram no meio, os proficientes, que já experimentaram o doce sabor da caridade em alguns sorvos: nesse ínterim, ficam contentes por causa de sua juventude.

5. O primeiro prato, por conseguinte, é o da humildade, uma purga amarga. Vem depois o prato da caridade, um consolo com dulçor. Segue-se o da contemplação, prato com vigor. Pobre de mim! Até quando, Senhor, ficarás aborrecido com teu servo que te suplica? Até quando me alimentarás com o pão do pranto e me oferecerás lágrimas por bebida? Quem me convidará a comer daquele último prato, ou ao menos do saboroso alimento da caridade, que se serve no meio do banquete, porque, com efeito, os justos os comem diante de Deus transbordando de alegria? Então eu já não pediria a Deus com amargura da alma: Não me condenes! Muito pelo contrário, ao celebrar o convite com os ázimos da pureza e da verdade, cantaria alegremente nos caminhos do Senhor, porque grande é a glória do Senhor.

É bom, portanto, o caminho da humildade: nele, busca-se a verdade, encontra-se a caridade, compartilham-se os frutos da sabedoria. Por último, o fim da lei é Cristo; e a perfeição da humildade, o conhecimento da verdade. Quando veio ao mundo, Cristo trouxe consigo a graça. Quando se revela, a verdade oferece a caridade; sempre porém se manifesta aos humildes: por isso, "Deus dá a graça aos humildes" [1 Pd 5, 5].

III. 6. Quanto me foi possível, acabo de expor o fruto que nos espera ao final da subida dos graus da humildade. Direi agora, se me for possível, a ordem em que conduzem ao proposto prêmio da verdade.

Em que ordem conduzem ao prêmio proposto

Como todavia o conhecimento da verdade tem, por sua vez, três graus, tentarei explicá-los brevemente. Ver-se-á assim com maior clareza a que grau da verdade corresponde o décimo segundo grau da humildade. Com efeito, a verdade buscamo-la em nós, no próximo e em si mesma: em nós, julgando-nos a nós mesmos; nos próximos, compadecendo-nos de seus males; em si mesma, contemplando-a com coração limpo.

Observa sicut numerum, ita et ordinem. Primo te doceat Veritas ipsa, quod prius in proximis quam in sui debeat inquiri natura. Post hoc accipies, cur prius in te, quam in proximis inquirere debeas. In numero siquidem beatitudinum, quas suo sermone distinxit Dominus, prius misericordes, quam mundicordes posuit (Matth. V, 7, 8). Misericordes quippe cito in proximis veritatem deprehendunt, dum suos affectus in illos extendunt: dum sic per charitatem se illis conformant, ut illorum vel bona, vel mala, tanquam propria sentiant. Cum infirmis infirmantur, cum scandalizatis uruntur (II Cor. XI, 29). Gaudere cum gaudentibus, flere cum flentibus consueverunt (Rom. XII, 15). Hac charitate fraterna cordis acie mundata, veritatem delectantur in sui contemplari natura, pro cujus amore mala tolerant aliena.

Qui vero ita se fratribus non consociant, sed e contrario aut flentibus insultant, aut gaudentibus derogant, dum quod in illis est, in se esse non sentiunt, quia similiter affecti non sunt, veritatem in proximis qualiter deprehendere possunt? Bene namque convenit illis illud vulgare proverbium: Nescit sanus quid sentiat aeger, aut plenus quid patiatur jejunus. Et aeger aegro, et jejunus jejuno quanto propinquius, tanto familiarius compatiuntur. Sicut enim pura veritas non nisi puro corde videtur; sic miseria fratris verius misero corde sentitur. Sed ut ob alienam miseriam miserum cor habeas, oportet ut tuam prius agnoscas: ut proximi mentem in tua invenias, et ex te noveris, qualiter illi subvenias, exemplo scilicet Salvatoris nostri, qui pati voluit, ut compati sciret; miser fieri, ut misereri disceret, ut quomodo de ipso scriptum est, *Didicit ex his quae passus est obedientiam* (Hebr. V, 8), ita et misericordiam disceret. Non quod ante misereri nesciret, cujus misericordia ab aeterno, et usque in aeternum: sed, quod natura sciebat ab aeterno, temporali didicit experimento.

7. Sed forte durum tibi videtur, quod dixi Dei sapientiam Christum didicisse misericordiam; quasi is per quem omnia facta sunt, aliquid aliquando ignorasset ex iis quae sunt: maxime cum illud quod ex Epistola ad Hebraeos ad id comprobandum commemoravi, alio sensu, qui non ita videatur absurdus, possit intelligi; ut hoc quod dictum est, *didicit*, non ad ipsum caput referatur in sui persona, sed ad corpus ejus, quod est Ecclesia;

Assinalei-te o número dos graus; observa agora sua ordem. Gostaria, antes de tudo, de que a própria Verdade te ensinasse por que ela deve ser buscada antes nos próximos que em si mesma. Entenderás, depois, por que deves buscá-la antes em ti que nos próximos. Ao pregar as bem-aventuranças, com efeito, o Senhor antepôs os misericordiosos aos limpos de coração [Mt 5, 7-8]. É que os misericordiosos logo descobrem a verdade nos próximos: dirigem-lhes seus afetos e adaptam-se de tal modo, que sentem como próprios os bens e os males dos outros. Com os doentes, adoecem; com os que se escandalizam, abrasam-se [II Cor 11, 29]. "Alegrai-vos com os que estão alegres, chorai com os que choram" [Rm 12, 15]. Purificados já no íntimo de seu coração pela mesma caridade fraterna, deleitam-se em contemplar a verdade em si mesma, por cujo amor toleram os males dos outros.

Os que no entanto não se consociam assim com seus irmãos, senão que ofendem aos que choram, menosprezam aos que se alegram, ou não sentem em si mesmos o que se passa com os outros, por não sentir afetos semelhantes aos seus, nunca poderão descobrir a verdade nos próximos. A estes, adequa-se perfeitamente o tão conhecido ditado: "Nem o são sente o que sente o doente, nem o saciado o que sente o faminto". O doente e o faminto, com efeito, são os que melhor se compadecem dos doentes e dos famintos, porque o vivem igualmente. A verdade pura não a compreende senão o coração puro; e ninguém sente tão vivamente a miséria do irmão do que o coração que assume sua própria miséria. Para que sintas na miséria de teu irmão teu próprio coração de miséria, precisas conhecer antes tua própria miséria: só assim poderás viver em ti seus males, e surgirão em ti iniciativas de ajuda fraterna. E, com efeito, foi assim que agiu o nosso Salvador: quis sofrer para saber compadecer-se; fez-se miserável para aprender a ter misericórdia. E, assim como dele se escreveu: "Aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" [Hb 5, 8], assim também soube o que é a misericórdia. Isso, naturalmente, não quer dizer que Aquele cuja misericórdia é eterna ignorasse a misericórdia, senão que aprendeu no tempo pela experiência o que por sua natureza sabia desde a eternidade.

7. Talvez te pareça demasiado duro o que acabo de dizer, ou seja, que Cristo, a Sabedoria de Deus, tenha tido de aprender a ser misericordioso, como se Aquele pelo qual foram feitas todas as coisas tivesse ignorado por algum tempo algo do que foi feito, muito especialmente se se leva em consideração que aquelas citações da Epístola aos Hebreus podem ser compreendidas em outro sentido. Não é absurdo, com efeito, que a palavra "aprendeu" não se refira à Cabeça, à pessoa de Cristo, mas a seu corpo, a Igreja. Se é assim, o

et ita sit sensus: *Et didicit ex iis quae passus est obedientiam*, hoc est, obedientiam didicit in suo corpore ex iis quae passus est in capite.

Nam illa mors, illa crux, opprobria, sputa, flagella, quae omnia caput nostrum Christus pertransiit, quid aliud corpori ejus, id est nobis, quam praeclara obedientiae documenta fuerunt? *Christus* enim, ait Paulus, *factus est obediens Patri usque ad mortem, mortem autem crucis* (Philipp. II, 8). Qua necessitate? Respondeat apostolus Petrus: *Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini,* inquit, *vestigia ejus* (I Petr. II, 21), id est, ut imitemini obedientiam ejus.

Ex his ergo quae passus est, discimus quanta nos, qui puri homines sumus, oporteat pro obedientia perpeti, pro qua is, qui et Deus erat, non dubitaverit mori. Et hoc modo, inquis, non inconveniens erit, si dicatur Christus vel obedientiam, vel misericordiam, seu aliquid aliud in suo corpore didicisse: dum tamen sibi in sua persona nil, quod se ante latuerit, credatur ex tempore potuisse accedere. Sicque ipse sit qui misereri doceat aut obedire, ipse qui discat: quia caput et corpus unus est Christus.

8. Non nego hunc intellectum, quin rectus sit: sed ex alio loco ipsius Epistolae, superior interpretatio videtur approbari, ubi dicitur: *Nusquam enim Angelos apprehendit, sed semen Abrahae apprehendit: unde debuit per omnia fratribus assimilari, ut misericors fieret* (Hebr. II, 16, 17). Puto quod haec verba sic ad caput referenda sunt, ut corpori penitus aptari non possint. De Verbo utique Dei dictum est quod *non Angelos apprehendit*, hoc est, non in unam sibi personam assumpsit, *sed semen Abrahae*. Neque enim legitur, Verbum angelus factum est, sed *Verbum caro factum est* (Joan. I, 14), et caro de carne Abrahae, juxta promissionem, quae illi primum facta est. *Unde*, id est ex qua seminis assumptione, *debuit per omnia fratribus assimilari*; id est, oportuit ac necesse fuit, ut similis nobis passibilis, nostrarum omnia, excepto peccato, genera miseriarum percurreret.

Si quaeris, qua necessitate? *Ut misericors*, inquit, *fieret*. Et hoc, ais, cur non recte ad corpus referri potest? Sed audi quod paulo post sequitur: *In eo enim, in quo passus est ipse et tentatus, potens est et eis qui tentantur auxiliari* (Hebr. II, 18). In quibus verbis quid melius intelligi possit non video; nisi quod ideo pati ac tentari, omnibusque, absque peccato, humanis voluit communicare miseriis (quod est per omnia fratribus simulari), ut similiter passis ac tentatis misereri ac compati ipse disceret experimento.

sentido completo da frase "aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" seria o seguinte: aprendeu em seu corpo a obediência *pelo que sofreu* na cabeça.

A morte, a cruz, os opróbrios, as cusparadas e os açoites que suportou nossa cabeça, Cristo, que outra coisa foram para seu corpo, para nós, senão preclaros exemplos de obediência? "Cristo", diz São Paulo, "fez-se obediente ao Pai até à morte, e morte de cruz" [Fl 2, 8]. Por quê? Responde o apóstolo Pedro: "Também sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais suas pegadas" [I Pd 2, 21], isto é, para que imiteis sua obediência.

De tudo quanto padeceu por nós, que somos puros homens, aprendemos quanto nos convém padecer pela obediência: "Desse modo", dizes tu, "já não há inconveniente algum em dizer que Cristo aprendeu em seu corpo a obediência, a misericórdia ou qualquer outra coisa, desde que não se pense que no transcurso de sua vida temporal o Senhor pudesse aprender em seu corpo algo que ignorasse antes. E, assim, ele mesmo aprende e ao mesmo tempo ensina a misericórdia e a obediência: porque a cabeça e o corpo são um só Cristo".

8. Não nego que esse entendimento seja reto; mas há outra passagem da mesma Epístola que parece aprovar a anterior, quando diz: "Porque em nenhum lugar (da Escritura se lê) que ele vem em auxílio dos anjos (rebeldes), mas vem em auxílio da descendência de Abraão. Daí que ele deveu ser em tudo semelhante a seus irmãos, a fim de ser diante de Deus um pontífice misericordioso" [Hb 2, 16-17]. Creio que estas palavras se referem exclusivamente à cabeça, não ao corpo. Com efeito, diz-se do Verbo de Deus que ele não vem em auxílio dos anjos, ou seja, que não se uniu pessoalmente a eles, *mas sim à descendência de Abraão*. Tampouco lemos que o Verbo se fez anjo, e sim que "o Verbo se fez carne" [Jo 1, 14], e carne da carne de Abraão, segundo a mesma promessa que se lhe fizera. "Daí", isto é, para fazer-se filho de Abraão, "vem que ele deveu em tudo ser semelhante a seus irmãos", ou seja, conveio e foi necessário que, fraco como nós, percorresse todas as nossas misérias, excluído o pecado.

Se todavia perguntas: "Por que foi necessário?", ali mesmo encontras a resposta: "A fim de ser misericordioso". E, se insistes: "Por que isto não pode referir-se ao corpo?", escuta o que se segue: "Pois que, porque ele mesmo sofreu e foi tentado, é que pode socorrer aqueles que são tentados" [Hb 2, 18]. Não encontro melhor entendimento destas palavras que a referência a uma vontade de sofrer, de ser tentado e de percorrer as misérias humanas, "excluído o pecado" [Hb 4, 15] – o que é "em tudo ser semelhante a seus irmãos" –, a fim de aprender por experiência a ter misericórdia e compadecer-se dos que sofrem e são tentados.

9. Quo quidem experimento non dico ut sapientior efficeretur, sed propinquior videretur: quatenus infirmi filii Adam, quos suos fieri et appellari fratres non dedignatus est (Ibid. 11), suas illi infirmitates committere non dubitarent, qui sanare illas et posset ut Deus, et vellet ut proximus, et cognosceret ut eadem passus. Unde Isaias virum eum appellat *dolorum, et scientem infirmitatem* (Isa. LIII, 3); et Apostolus: *Non enim habemus*, inquit, *Pontificem qui non possit compati infirmitatibus nostris*. Unde autem possit, indicans adjungit: *Tentatum autem per omnia pro similitudine, absque peccato* (Hebr. IV, 15).

Beatus quippe Deus, beatus Dei Filius, in ea forma, qua non rapinam arbitratus est esse se aequalem Patri, procul dubio impassibilis, priusquam se exinanisset formam servi accipiens (Philipp. II, 6, 7), sicut miseriam vel subjectionem expertus non erat, sic misericordiam vel obedientiam non noverat experimento. Sciebat quidem per naturam, non autem sciebat per experientiam. At ubi minoratus est non solum a seipso, sed etiam paulo minus ab Angelis, qui et ipsi impassibiles sunt per gratiam, non per naturam, usque ad illam formam, in qua pati et subjici posset, quod utique (sicut dictum est) in sua non posset; et in passione expertus est misericordiam, et in subjectione obedientiam. Per quam tamen experientiam, non illi (ut dixi) scientia, sed nobis fiducia crevit, dum ex hoc misero genere cognitionis, is a quo longe erraveramus, factus est propior nobis.

Quando enim illi appropinquare auderemus, in sua impassibilitate manenti? Nunc autem, Apostolo suadente, monemur *cum fiducia* adire *thronum gratiae ipsius* (Hebr. IV, 16), quem nimirum, sicut alibi scriptum est, *languores nostros* tulisse, et *dolores nostros* portasse cognoscimus (Isa. LIII, 4), et in eo quo passus est ipse, nobis compati posse non dubitamus.

10. Non ergo debet absurdum videri, si dicitur, Christum non quidem aliquid scire coepisse, quod aliquando nescierit; scire tamen alio modo misericordiam ab aeterno per divinitatem, et aliter in tempore didicisse per carnem. Vide ne et simili locutionis modo illud dictum sit, quod Do-

9. Certamente, não quero dizer que por tal experiência se tivesse feito mais sábio, senão que assim parecia muito mais próximo de nós, frágeis filhos de Adão. Tampouco deixou de dignar-se a chamar-nos e fazer-nos irmãos seus,[11] e tudo para que não hesitássemos em atribuir-lhe as fraquezas que, como Deus, pode curar, e que, como próximo, quer curar. Já as conhece, porque as sofreu. Com razão, portanto, chama-o Isaías "homem de dores e experimentado nos sofrimentos" [Is 53, 3]. E o Apóstolo: "Não temos um pontífice que não possa compadecer-se de nossas enfermidades" [Hb 4, 15]. E acrescenta, indicando porque não o pode: "Foi tentado em tudo à nossa semelhança, exceto no pecado" [*idem*].

Feliz é Deus, feliz é o Filho de Deus, na condição pela qual não se manteve igual ao Pai: era impassível antes de despojar-se de sua categoria e de assumir a condição de escravo.[12] Até então não era experto em miséria e em sujeição, e tampouco conhecia por experiência a misericórdia e a obediência. Sabia-o por natureza, não, todavia, por experiência. Diminuiu-se porém a si mesmo, fazendo-se algo inferior aos anjos, que são impassíveis por graça,[13] não por natureza; e rebaixou-se à condição em que poderia sofrer e sujeitar-se – o que, como se disse, lhe era impossível na condição divina. Por isso aprendeu a misericórdia no sofrimento, e a obediência na sujeição. Não obstante, como disse anteriormente, por esta experiência não teve aumentada sua ciência, senão que aumentou nossa confiança, porque mediante este miserável modo de conhecer se aproximou mais de nós Aquele de que tão longe estávamos.

Quando teríamos ousado aproximar-nos dele se ele tivesse permanecido em sua impassibilidade? Agora, porém, persuade-nos o Apóstolo a que nos aproximemos confiantemente "ante o tribunal da graça" [Hb 4, 16] daquele que, como está escrito alhures, padeceu nossos sofrimentos e suportou nossas dores:[14] ou seja, conhecemos que ele pode compadecer-se de nós porque ele mesmo padeceu.

10. Não deve, pois, parecer-nos absurdo o dizer que Cristo conhecia a misericórdia desde sempre, pela divindade, mas de maneira distinta de como a conheceu no tempo, pela carne. Não queremos dizer que Cristo tivesse

---

11 Hb 2, 11.

12 Fl 2, 6-7.

13 "(...) *impassibiles sunt per gratiam*". Aqui São Bernardo comete uma pequena imprecisão teológica. Todos os anjos foram criados em graça – inclusive Lúcifer e os que com ele caíram –, mas só se tornaram impassíveis, no sentido de não poderem mudar a sua condição, os que, não pecando, foram confirmados na glória. [Nota do coordenador da Coleção Escolástica; doravante, N. C.]

14 Is 53, 4.

minus requirentibus discipulis de die ultimo se nescire respondit. Nam quomodo diem illum ille nesciebat, in quo omnes sapientiae et scientiae thesauri sunt absconditi? (Coloss. II, 3.) Cur ergo se scire negabat, quod certum est quia nescire non poterat? Numquid forte mendaciter eos voluit celare, quod utiliter non valuit innotescere? Absit. Sicut nil ignorare poterat, cum sapientia sit: sic nec mentiri, cum veritas sit. Sed volens discipulos ab inutilis inquisitionis curiositate compescere, quod inquirebant, se scire negavit: non omnino quidem, sed tali quodam modo, quo negare veraciter potuit. Nam, etsi suae divinitatis intuitu aeque omnia, praeterita scilicet, praesentia atque futura perlustrando, diem quoque illum palam habebat; non tamen ullis carnis suae sensibus experiendo agnoverat. Alioquin jam spiritu oris sui Antichristum interfecerat, jam auribus sui corporis archangelum vociferantem, et tubam sonantem, in quo strepitu mortui suscitandi sunt, audierat: jam oculis suae carnis oves haedosque, qui ab invicem segregandi sunt, perspexerat.

11. Denique ut intelligas, quod illa tantum cognitione, quae per carnem fit, se illum diem nescire perhibuerit, vigilanter respondens, non ait: Nec ego scio, sed *nec ipse*, inquit, *Filius* hominis *scit* (Marc. XIII, 32). Quid est Filius hominis, nisi nomen assumptae carnis? Quo siquidem nomine intelligi datur, quia dicens se aliquid nescire, non juxta quod Deus est, sed secundum hominem loquitur. Alias quippe loquens de se secundum suam divinitatem, non Filius, vel Filium hominis; Sed ego, vel Me, saepius ponere consuevit, ut ibi: *Amen, amen dico vobis, antequam Abraham fieret, ego sum* (Joan. VIII, 58). *Ego sum*, ait: non, Filius hominis est. Nec dubium, quin de illa essentia diceret, qua ante Abraham et sine initio est, non qua post Abraham et ex Abraham factus est.

Alibi quoque hominum de se opinionem a discipulis inquirens, *Quem dicunt*, inquit, *homines esse*, non me, sed *Filium hominis*? Rursus eosdem interrogans, qui de se ipsi quoque sentirent: *Vos autem*, non quem Filium hominis, sed *quem me*, ait, *esse dicitis*? Carnalis videlicet populi sententiam de carne inquirens, nomen carnis, quod proprie est *Filius hominis*, posuit: spirituales vero discipulos de sua divinitate in-

começado a saber algo que anteriormente não soubesse. Atenta a que o Senhor usou expressão parecida quando respondeu à pergunta de seus discípulos sobre o último dia: confessou-lhes sua ignorância. Será que ele, em quem se ocultam os tesouros da sabedoria e da ciência,[15] não podia saber sobre isso? Como, então, negou que o soubesse, sendo indiscutível que não poderia ignorá-lo? Por acaso mentiu para esconder-lhes o que não era conveniente descobrir-lhes? De modo algum. Se por ser a sabedoria não pode ignorar nada, por ser a verdade tampouco pode mentir. Não quis, isto sim, dar azo à curiosidade inútil, razão por que negou que soubesse o que lhe perguntavam. Não o negou, todavia, de maneira absoluta, mas do modo como se pode negar verazmente, porque, se com o olhar da divindade via todas as coisas, as passadas, as presentes e as futuras, então conhecia perfeitamente aquele dia – não porém por experiência dos sentidos corporais. Se assim fosse, já teria aniquilado ao Anticristo com o hálito de sua boca; já teria ressoado em seus ouvidos corporais o vociferar do Anjo e o fragor da trombeta, a cujo estrépito os mortos hão de ressuscitar; já teria visto ainda com os olhos corporais as ovelhas e as cabras, que hão de estar separadas entre si.

11. Por fim, compreenderás melhor agora que, quando exprimia sua ignorância a respeito do último dia, se referia tão somente a seu conhecimento humano. Ao responder de tal modo, com efeito, não disse: "Eu não o sei"; senão que disse: "Nem o Filho do Homem o sabe" [Mc 13, 32]. Que pretende assinalar a expressão "Filho do homem" senão a natureza humana que ele assumira? Com este nome, dá-se a entender que, quando ele diz não sabê-lo, não fala como Deus, mas como homem. Outras vezes, falando de si mesmo enquanto Deus, não usa a palavra "Filho", ou "Filho do homem", mas "eu", ou "a mim", como aqui: "Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão fosse, eu sou" [Jo 8, 58]. "Eu sou", diz, e não "já é o Filho do homem". Sem dúvida, fala aqui da essência pela qual é antes de Abraão, desde a eternidade, e não daquela pela qual nasceu depois de Abraão, e que procede de Abraão mesmo.

Também ao querer saber dos discípulos a opinião que os homens tinham dele, perguntou-lhes: "Quem dizem os homens que é o Filho do homem?" [Mt 16, 13], e não: "Quem dizem os homens que sou eu?" Ao perguntar-lhes, todavia, sua opinião sobre ele, diz-lhes: "E vós quem dizeis que eu sou?" [Mt 16, 15], e não: "Quem dizeis que é o Filho do homem?" Ao querer saber o que pensava o povo carnal de sua natureza humana, impôs-se um nome carnal, que propriamente é "Filho do homem". Ao perguntar, porém,

15 Cl 2, 3.

terrogans, non Filium hominis, sed signanter *me* dixit. Quod denique Petrus intelligens, quid per hoc quod dixerat, *me*. requisiti fuissent, sua responsione aperuit: *Tu es*, inquiens, non Jesus filius Virginis, sed *Christus Filius Dei* (Matth. XVI, 13-16). Quod utique si respondisset, nihilominus veritatem dixisset: sed in verbis interrogationis sensum interrogantis prudenter advertens, competenter proprieque ad interrogata respondit, dicens: *Tu es Christus, Filius Dei*.

12. Cum igitur videas Christum in una quidem persona duas habere naturas, unam qua semper fuit, alteram qua esse coepit; et secundum sempiternum suum quidem esse, semper omnia nosse; secundum temporalem vero, multa temporaliter expertum fuisse: cur fateri dubitas, ut esse in tempore coepit ex carne, sic carnis quoque miserias scire coepisse, illo duntaxat modo cognitionis, quem docet defectio carnis?

Quod utique genus scientiae protoplasti sapientius feliciusque nescirent, quando id attingere nisi stulte misereque non poterant. Sed plasmator eorum Deus requirens quod perierat, opus suum miseratus prosecutus est, descendens et ipse misericorditer, quo illi ceciderant miserabiliter. Voluit experiri in se, quod illi faciendo contra se merito paterentur, non simili quidem curiositate, sed mirabili charitate: non ut miser cum miseris remaneret, sed ut misericors factus miseros liberaret. Factus, inquam, misericors, non illa misericordia, quam felix manens habuit ab aeterno, sed quam mediante miseria reperit in habitu nostro.

Porro pietatis opus, quod per illam coepit, in ista perfecit: non quod sola illa non posset perficere; sed quia nobis non potuit absque ista sufficere. Utraque siquidem necessaria; sed nobis haec magis congrua fuit.

O ineffabilis pietatis excogitatio! Quando nos illam miram misericordiam cogitaremus, quam praecedens miseria non informat? Quando illam adverteremus incognitam nobis compassionem, quae non passione praeventa, cum impassibilitate perdurat?

Attamen si illa, quae miseriam nescit misericordia non praecessisset, ad hanc, cujus miseria mater est, non accessisset. Si non accessisset, non

a seus discípulos, que eram espirituais, sobre sua divindade, não se referiu a si mesmo como Filho do homem, senão que se referiu diretamente a seu "eu". Pedro compreendeu o que lhes quisera perguntar ao dizer "eu", e respondeu certeiramente: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus" [Mt 16, 16]; mas não disse "Tu és Jesus, o filho da Virgem". Se tivesse respondido deste modo, sem dúvida teria dito a verdade; advertindo prudentemente, no entanto, o sentido em que se lhe fazia a pergunta, respondeu competente e propriamente dizendo: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus".

12. Sabes sem dúvida que Cristo é uma só pessoa em duas naturezas: uma, pela qual sempre foi; a outra, pela qual começou a viver no tempo. E, com efeito, por seu ser sempiterno, conhece sempre todas as coisas; mas, por seu ser temporal, aprendeu muitas coisas temporalmente. Por que então hesitas em admitir que, assim como temporalmente começou a viver na carne, assim também começou a conhecer as misérias dos homens mediante essa sorte de conhecimento próprio do defeito da carne?

Quão mais sábios e felizes teriam sido nossos Primeiros Pais ignorando esta sorte de ciência, que não podiam alcançar sem se fazerem néscios e infelizes! Mas Deus, Criador deles, buscando o que se perdera, prosseguiu compassivamente sua obra, e desceu misericordiosamente até onde eles tinham caído tão miseravelmente. Quis experimentar em si o que nossos pais sofriam com justiça por ter agido contra ele; sentiu-se porém movido não por curiosidade semelhante à deles, mas por admirável caridade; e não para ser mais um infeliz entre os infelizes, e sim para livrar os miseráveis fazendo-se misericordioso. Fez-se misericordioso, todavia, não com a misericórdia que, permanecendo feliz, tivera desde sempre, mas com a que encontrou ao fazer-se uno conosco, envolto na miséria.

Desse modo, a obra que começara com a misericórdia eterna, rematou-a com a misericórdia temporal: mas não porque não a pudesse levar a efeito tão somente com a eterna, mas porque com respeito a nós a eterna sem a temporal não nos podia bastar. Foram as duas necessárias, mas para nós foi mais congruente a segunda.

Oh! que inefável invenção da piedade! Teríamos podido imaginar até a mesma misericórdia eterna se não se houvesse anteposto a miséria que no-la faz compreender? Quando teríamos descoberto aquela compaixão, desconhecida para nós, que sem a Paixão teria permanecido na impassibilidade?

Se todavia a misericórdia que desconhece a miséria não tivesse existido anteriormente, tampouco se teria seguido a outra misericórdia, cuja mãe é a miséria. Se por outro lado esta não se tivesse seguido, tampouco nos teria

attraxisset: si non attraxisset, non extraxisset. Unde autem extraxit, nisi de lacu miseriae, et de luto faecis? (Psal. XXXIX, 3.)

Nec illam tamen misericordiam deseruit, sed hanc inseruit: non mutavit, sed multiplicavit, sicut scriptum est: *Homines et jumenta salvabis, Domine, quemadmodum multiplicasti misericordiam tuam, Deus* (Psal. XXXV, 7, 8).

13. Sed jam ad propositum redeamus. Si ergo se miserum fecit, qui miser non erat, ut experiretur quod et ante sciebat: quanto magis tu, non dico ut te facias quod non es, sed ut attendas quod es, quia vere miser es, et sic discas misereri, qui hoc aliter scire non potes! ne forte, si proximi malum consideres, et tuum non attendas, movearis non ad miserationem, sed ad indignationem; non ad adjuvandum, sed ad judicandum: denique non ad instruendum in spiritu lenitatis, sed ad destruendum in spiritu furoris. *Vos, qui spirituales estis*, ait Apostolus, *hujusmodi instruite in spiritu lenitatis*. Apostoli consilium sive etiam praeceptum est, ut mansueto, id est eo spiritu fratri aegrotanti subvenias, quo tibi vis subveniri cum aegrotas. Et ut scias qualiter erga delinquentem mansuescere possis, *Considerans*, inquit, *teipsum, ne et tu tenteris* (Galat. VI, 1).

14. Considerare libet, quam bene discipulus Veritatis ordinem sequatur Magistri. In beatitudinibus, quas supra memoravi (num. 6), sicut prius misericordes quam mundicordes, sic prius mites quam misericordes pronuntiati sunt (Matth. V, 4, 7, 8). Et Apostolus cum spirituales hortaretur ad instruendum carnales, adjunxit, *in spiritu lenitatis*. Instructio quippe fratrum pertinet ad misericordes; spiritus lenitatis, ad mites. Ac si diceret: Inter misericordes deputari non potest, qui in semetipso mitis non est. Ecce Apostolus aperte ostendit, quod superius me ostensurum promisi (num. 6), prius videlicet veritatem inquirendam esse in nobis, quam in proximis; *considerans*, inquiens, *teipsum*, id est, quam facilis ad tentandum, quam pronus ad peccandum: quatenus ex tui consideratione mitescas, sicque ad succurrendum aliis in spiritu lenitatis accedas. Alioquin si monentem non audis discipulum, arguentem time Magistrum: *Hypocrita, ejice primum trabem de oculo tuo; et sic videbis festucam ejicere de oculo fratris tui* (Matth. VII, 5).

atraído; e, se não nos tivesse atraído, tampouco nos teria extraído. Extraído? De onde? Do fosso da miséria e do charco lodoso.[16]

O Senhor, no entanto, não se despojou da misericórdia eterna, senão que a acrescentou à temporal. Não a mudou; multiplicou-a, como está escrito: "Socorres a homens e a animais, ó Senhor, como multiplicaste tua misericórdia!" [Sl 35, 7-8].

IV. 13. Voltemos agora ao nosso propósito. Se o que não era miserável se fez miséria para experimentar o que já sabia previamente, quanto mais não deves tu, não digo fazer-te o que não és, mas atender ao que és, porque, com efeito, és miserável? Aprenderás assim a misericórdia, e só assim a podes aprender. Porque, se consideras o mal de teus próximos e não atendes ao teu, sentir-te-ás movido não à compaixão, mas à indignação; tendemos, com efeito, a julgar, não a ajudar; a destruir furiosamente, não a instruir com brandura. "Vós, que sois espirituais", diz o Apóstolo, "admoestai-o com espírito de mansidão" [Gl 6, 1]. O conselho e preceito do Apóstolo consiste em que ajudes ao irmão enfermo com a mesma mansidão que queres que te ajudem a ti quando te enfermas; e consiste ainda em que entendas quanta mansidão deves ter no trato com o pecador: "refletindo cada um sobre si mesmo", diz ainda o Apóstolo, "não caia também em tentação" [*idem*].

14. Importa considerar com que perfeição o discípulo da verdade segue a ordem estabelecida pelo Mestre. Nas bem-aventuranças a que me referi mais acima, com efeito, os misericordiosos precedem aos limpos de coração, e os mansos aos misericordiosos.[17] O Apóstolo, ao exortar os espirituais a que instruam os carnais, acrescenta: "com espírito de mansidão". A instrução dos irmãos certamente corresponde aos misericordiosos; fazê-lo com brandura, aos mansos. É como se dissesse: não pode contar-se entre os misericordiosos aquele que não é manso em si. Veja como o Apóstolo mostra claramente o que mais acima [núm. 6] prometi demonstrar: a verdade, com efeito, havemos de buscá-la antes em nós mesmos que nos próximos. "Refletindo cada um sobre si mesmo", isto é, sobre quão fácil é tentado e quão propenso é a pecar: por esta consideração, far-se-á manso e poderá aproximar-se dos outros para socorrê-los "com espírito de mansidão". E, se não és capaz de escutar o discípulo que te aconselha, teme ao menos o Mestre que te acusa: "Hipócrita, tira primeiro a trave de teu olho, e então verás para tirar a aresta do olho de teu irmão" [Mt 7, 5].

16 Sl 39, 3.
17 Mt 5, 4, 7-8.

Trabes in oculo grandis et grossa, superbia in mente est: quae quadam corpulentia sui vana, non sana; tumida, non solida, oculum mentis obscurat, veritatem obumbrat: ita ut, si tuam occupaverit mentem, jam tu te videre, jam te talem, qualis es, vel qualis esse potes, non possis sentire: sed qualem te amas, talem te vel putes esse, vel speres fore. Quid enim aliud est superbia, quam (ut quidam sanctus definit), amor propriae excellentiae? Unde et nos possumus dicere per contrarium, humilitatem propriae et excellentiae esse contemptum.

Amor vero, sicut nec odium, veritatis judicium nescit. Vis judicium Veritatis audire! *Sicut audio, sic judico* (Joan. V, 30). Non sicut odi, non sicut amo, non sicut timeo. Est judicium odii, ut illud: *Nos legem habemus, et secundum legem nostram debet mori* (Joan. XIX, 7). Est et timoris, ut illud: *Si dimittimus eum sic, venient Romani et tollent nostrum locum et genem* (Joan. XI, 48). Judicium vero amoris, ut David de filio parricida: *Parcite*, inquit, *puero Absalon* (II Reg. XVIII, 5).

Et legibus humanis statutum, et in causis, tam ecclesiasticis, quam saecularibus servatum scio, speciales amicos causantium non debere admitti ad judicium: ne vel fallant, vel fallantur amore suorum. Quod si culpam amici tuo judicio amor illius aut minuit, aut prorsus abscondit: quanto magis amor tui tuum contra te judicium fallit!

15. Qui ergo plene veritatem in se cognoscere curat, necesse est ut semota trabe superbiae, quae oculum arcet a luce, ascensiones in corde suo disponat, per quas seipsum in seipso inquirat, et sic post duodecimum humilitatis ad primum veritatis gradum pertingat.

Cum autem veritate inventa in se, imo se invento in veritate, dicere potuerit, *Credidi, propter quod locutus sum; ego autem humiliatus sum nimis*: ascendat homo ad cor altum, ut exaltetur veritas, et ad gradum secundum perveniens dicat in excessu suo: *Omnis homo mendax* (Psal. CXV, 10, 11). Putas, hunc ordinem David non tenuit! Putas, hoc non sensit Propheta, quod Dominus, quod Apostolus, quod et nos post ipsos, et per ipsos sentimus! Credidi, inquit, Veritati dicenti: *Qui sequitur me,*

A soberba da mente, com efeito, é essa trave grande e grossa no olho, que por sua corpulência vã, não sã, inchada, não sólida, obscurece o olho da mente, e escurece a verdade. Se chegar a ocupar tua mente, já não poderás ver-te nem sentir-te como és ou como podes ser, mas como te queres, como pensas que és, ou como esperas vir a ser. Que é a soberba senão, como a define um santo, o amor da própria excelência? E podemos dizer que, pelo contrário, a humildade é o entendimento da própria excelência.[18]

Nem o amor nem o ódio conhecem o juízo da verdade. Queres ouvir o juízo da verdade? "Julgo segundo o que ouço" [Jo 5, 30]: não segundo odeio, nem segundo amo, nem segundo temo. Há um juízo do ódio, como este: "Nós temos uma lei, e segundo a lei [Ele] deve morrer" [Jo 19, 7]. Há um também do temor, como este: "Se o deixamos assim, crerão todos nele; e virão os romanos, e destruirão nossa cidade e nossa nação" [Jo 11, 48]. Mas o juízo do amor é como o de Davi com respeito ao filho parricida: "Trata bem", diz ele, "ao jovem Absalão" [II Sm 18, 5].

Há uma norma segundo as leis humanas que se observa tanto nas causas eclesiásticas como nas civis: está disposto que os amigos íntimos dos litigantes nunca devem ser convocados a juízo, para que, levados pelo amor dos amigos, não enganem nem se deixem enganar. E, se o amor que professas a teu amigo influi em teu critério como atenuante ou ausência de culpa, quanto mais o amor que te professas a ti mesmo não te enganará quanto emitas um juízo contra ti?

15. Por conseguinte, o que cuida de conhecer a verdade de si mesmo deve tirar a trave de sua soberba, porque ela impede a seus olhos a luz, e terá de dispor-se a ascender no coração, observando-se a si mesmo em si mesmo, até alcançar, com o décimo segundo grau da humildade, o primeiro da verdade.

Quando pois tiver encontrado em si mesmo a verdade, ou melhor, quando se tiver encontrado a si mesmo na verdade e puder dizer: "Eu fiei-me, e por isso falei; eu estou pois extremamente humilhado" [Sl 116, 10], ascenda mais então o homem no coração, para que a verdade seja exaltada, e alcance o segundo grau, e diga em seu arroubo: "Todos os homens são mentirosos" [Sl 116, 11]. Pensas que Davi não seguiu esta mesma ordem? Pensas que o profeta não advertiu o que o Senhor, o Apóstolo e eu entendemos seguindo seu exemplo? Diz ele: "Eu fiei-me" na Verdade, que dizia: "O que me segue não anda

18 "(...) *humilitatem propriae excellentiae esse conceptum*". São Bernardo, nesta passagem, segue a linha de Santa Teresa de Ávila – que, séculos depois dele, dirá: "Humildade é caminhar na verdade". Em suma, o humilde não ama desordenadamente a própria excelência, mas sabe reconhecê-la em si, quando é real, sem jamais perder de vista que ela é, antes e acima de tudo, um dom de Deus. [N. C.]

non ambulat in tenebris (Joan. VIII, 12). Credidi ergo sequendo, *propter quod locutus sum* confitendo. Quid confitendo! Veritatem quam cognovi credendo. Postquam autem et credidi ad justitiam, et locutus sum ad salutem, *humiliatus sum nimis*, hoc est perfecte. Tanquam diceret: Quia veritatem cognitam in me confiteri contra me non erubui, ad perfectionem humilitatis profeci. *Nimis* enim pro Perfecte potest intelligi; ut ibi: *In mandatis ejus volet nimis* (Psal. CXI, 1). Quod si quis contendat, *nimis* hic pro Valde positum non pro Perfecte, quia et expositores id ipsum videntur astruere; neque hoc discordat a sensu Prophetae, ut sic sentiamus eum dixisse: Ego quidem, cum adhuc veritatem non nossem, aliquid me putabam esse, cum nihil essem. At postquam in Christum credendo, id est ejus humilitatem imitando, veritatem agnovi; ipsa quidem exaltata est in me ex mea confessione: sed ego *humiliatus sum nimis*, id est, valde vilui mihi ex mei consideratione.

16. Humiliatus ergo Propheta in hoc primo gradu veritatis, ut ait in alio psalmo: *Et in veritate tua humiliasti me* (Psal. CXVIII, 75); semetipsum attendat, et ex propria miseria generalem perpendat: sicque ad secundum transiens dicat in excessu suo, *Omnis homo mendax*. In quo excessu suo? In illo procul dubio, quo sese excedens, ac veritati adhaerens, seipsum dijudicat. In illo ergo excessu suo dicat, non indignando aut insultando, sed miserando et compatiendo: *Omnis homo mendax*. Quid est, *Omnis homo mendax*? Omnis homo infirmus, omnis homo miser et impotens, qui nec se, nec alium possit salvare. Sicut dicitur: *Fallax equus ad salutem* (Psal. XXXII, 17), non quod equus aliquem fallat, sed quia is seipsum fallit, qui in fortitudine ejus confidit: sic omnis homo dicitur mendax, id est fragilis, mutabilis, a quo salus non possit vel sua, vel aliena sperari: quin potius maledictionem incurrat, qui spem suam in homine ponit (Jerem. XVII, 5). Proficiens itaque humilis Propheta per ducatum veritatis, quodque in se lugebat videns in aliis, dum apponit scientiam, apponat et dolorem, ac generaliter, sed veraciter dicat: *Omnis homo mendax*.

17. Vide quam longe aliud senserit de se Pharisaeus ille superbus. Quid deprompsit in excessu suo? *Deus, gratias ago tibi, quia non sum sicut caeteri hominum* (Luc. XVIII, 11). Dum in se singulariter exsultat, aliis arrogan-

nas trevas" [Jo 8, 12]. "Fiei-me", pois, seguindo-a, "e por isso falei" confessando. Que confessei? A verdade que conhecia na fé. E, depois que "me fiei" para a justiça e "falei" para a salvação, "estou extremamente humilhado" – ou seja, perfeitamente. É como se dissesse: já que não me envergonhei confessando contra mim mesmo a verdade que conheci em mim, cheguei à perfeição da humildade. "Extremamente", portanto, pode entender-se por "perfeitamente", como aqui: "Compraz-se extremamente em seus mandatos" [Sl 112, 1]. Se todavia alguém sustenta que "extremamente" significa aqui "muito" e não "perfeitamente", por ser tal o significado que lhe dão os expositores, tal tradução não discordaria do sentido do Profeta, como se se dissesse: Eu, com efeito, quando ainda não conhecia a verdade, considerava-me algo, ainda que não fosse nada. No entanto, desde que me fiei em Cristo, ou seja, desde que imitei sua humildade, passei a conhecer a verdade: ela foi enaltecida em mim, por causa de minha mesma confissão. Mas "eu estou extremamente humilhado", isto é: a mesma consideração de mim suscitou-me grande desprezo.

V. 16. Humilhado pois o profeta neste primeiro grau da verdade, como diz em outro Salmo: "Humilhaste-me em tua verdade" [Sl 119, 75], observa-se a si mesmo, e, sabedor de sua própria miséria, considera a dos outros. Passa assim ao segundo grau, e diz em seu arroubo: "Todos os homens são mentirosos". Em que arroubo? Naquele pelo qual ele sai de si mesmo e, aderindo à verdade, se julga. Diz com efeito neste arroubo, não indignadamente nem insultantemente, mas com misericórdia e compaixão: "Todos os homens são mentirosos". Que quer dizer "todos os homens são mentirosos"? Quer dizer que todo homem é fraco, que todo homem é miserável e impotente, e que não pode salvar-se a si mesmo nem a outro. Assim, diz-se "falaz é o cavalo para a segurança" [Sl 33, 17] não porque o cavalo engane a alguém, mas porque se engana a si mesmo o que confia em sua fortaleza. Diz-se do mesmo modo que "todos os homens são mentirosos", ou seja, frágeis e volúveis, dos quais nada se pode esperar, nem a própria salvação nem a alheia, sem incorrer na maldição do que deposita suas esperanças em outro homem.[19] Assim, o profeta, humilde e proficiente no caminho da verdade, quando descobre nos outros as misérias que lamentara em si mesmo, acumula experiência e ao mesmo tempo amplia sua dor; e, de modo geral mas veraz, diz: "Todos os homens são mentirosos".

17. Veja quão diferentemente sentia de si mesmo aquele fariseu soberbo. Que foi o que brotou de seu arroubo? "Graças te dou, ó Deus, porque não sou como os outros homens" [Lc 18, 11]. Enquanto se compraz em sua mesma

19 Jr 17, 5.

ter insultat. David autem aliter. Ait enim: *Omnis homo mendax*. Neminem excipit, ne quem decipiat: sciens quia omnes peccaverunt, et omnes egent gloria Dei (Rom. III, 23).

Pharisaeus se solum decipit, quem solum excipit, dum caeteros damnat. Propheta se non excipit a communi miseria, ne excipiatur a misericordia: Pharisaeus exsufflat misericordiam, dum dissimulat miseriam. Propheta affirmat tam de omnibus, quam de se: *Omnis homo mendax*: Pharisaeus confirmat de omnibus praeter se, *Non sum*, inquiens, *sicut caeteri hominum* Et gratias agit, non quia bonus, sed quia solus: non tam de bonis quae habet, quam de malis quae in aliis videt. Nondum de suo trabem ejecerat, et festucas in oculis fratrum enumerat. Nam subdit: *Injusti, captores* (Luc. XVIII, 11).

Non frustra, ut arbitror, excessum a proposito feci, si utriusque excessus differentiam intellexisti.

18. Jam ad propositum redeundum est. Quos itaque veritas sibi jam innotescere, ac per hoc vilescere fecit, necesse est, ut cuncta, quae amare solebant, et ipsi sibi amarescant. Statuentes nimirum se ante se, tales se videre cogunt, quales vel a se videri erubescunt. Dumque sibi displicet quod sunt, et ad id suspirant quod non sunt, quod utique per se fore diffidunt; vehementer sese lugentes id solum consolationis inveniunt, ut severi judices sui, qui scilicet amore veri esuriant et sitiant justitiam, usque ad contemptum sui districtissimam de se exigant satisfactionem, et de caetero emendationem. Sed, cum se ad id sufficere non posse conspiciunt (cum enim fecerint omnia quae mandata fuerint sibi, servos se inutiles dicunt (Luc. XVII, 10), de justitia ad misericordiam confugiunt. Ut autem illam consequantur, consilium Veritatis sequuntur: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur* (Matth. V, 7).

Et hic est secundus gradus veritatis, quo eam in proximis inquirunt; dum de suis aliorum necessitates exquirunt; dum ex iis quae patiuntur, patientibus compati sciunt.

19. In his ergo tribus quae dicta sunt, id est in luctu poenitentiae, in desiderio justitiae, in operibus misericordiae si perseverant, a tribus impedimentis, quae aut ignorantia, aut infirmitate, aut studio contraxerunt,

singularidade, insulta arrogantemente os outros. Muito diferentemente de Davi, que, quando diz que "todos os homens são mentirosos", não exclui nenhum a fim de não enganar a ninguém: sabe que "todos pecaram, e estão privados da glória de Deus" [Rm 3, 23].

O fariseu, por seu lado, ao condenar os outros, só a si mesmo se engana, porque só a si mesmo se exclui. O profeta, com efeito, não se exclui da miséria comum para não ficar excluído da misericórdia; o fariseu, ao esconder sua miséria, afasta de si mesmo a misericórdia. O profeta afirma de si e dos outros: "Todos os homens são mentirosos"; o fariseu afirma-o de todos, menos de si mesmo: "Não sou", diz, "como os outros homens". E dá graças não porque seja bom, mas porque se sente único; e não tanto pelos bens que tem quanto pelos males que vê nos outros. Ainda não tirou a trave de seu olho, e conta já as arestas dos olhos dos irmãos; com efeito, acrescenta: "ladrões, injustos" [Lc 18, 11].

Parece-me útil esta digressão: ter-te-á servido para que compreendesses a diferença entre a humilhação do profeta e o arroubo do fariseu.

18. Retomemos agora nosso propósito. Todos quantos a verdade obrigou a conhecer-se a si mesmos e, por isso mesmo, a menosprezar-se a si mesmos necessitam que tudo quanto amavam, incluído o amor de si mesmos, se lhes torne amargo. O confronto consigo mesmos obriga-os a ver-se tais quais são, e prova-lhes vergonha. Desagrada-lhes o que são, e eles suspiram pelo que não são, cientes de que jamais o alcançarão por suas próprias forças, e choram veementemente: já não encontram outro consolo que se constituírem juízes severos de si mesmos, e por amor da verdade sentem fome e sede de justiça. Chegam assim ao desprezo de si mesmos, exigem de si mesmos estritíssima satisfação e desejam mudar de vida. Vêem claramente, todavia, que são incapazes de alcançar seu propósito: quando fizeram já o que se lhes ordenava, dizem-se servos inúteis,[20] com o que fogem da injustiça e se refugiam na misericórdia. E, a fim de alcançarem a misericórdia, seguem o conselho da Verdade: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" [Mt 5, 7].

E este é o segundo grau da verdade: os que chegaram a ele buscam a verdade nos próximos; advertem as necessidades dos outros nas suas próprias necessidades; e pelo que padecem aprendem a compadecer-se dos que padecem.

VI. 19. Se pois perseverarem nas três coisas ditas, isto é, o pranto da penitência, o desejo de justiça e as obras de misericórdia, limparão o olhar de seu coração dos três impedimentos contraídos por ignorância, por fraqueza

20 Lc 17, 10.

cordis aciem mundant, quo per contemplationem ad tertium veritatis gradum pertranseant.

Hae sunt viae, quae videntur hominibus bonae, illis duntaxat exceptis, qui laetantur cum male fecerint, et exsultant in rebus pessimis (Prov. II, 14), ac se de infirmitate vel ignorantia tegunt ad excusandas excusationes in peccatis (Psal. CXL, 4). Sed frustra sibi de infirmitate, vel ignorantia blandiuntur, qui ut liberius peccent, libenter ignorant, vel infirmantur. Putas, primo homini profuit, licet ipse non libenter peccavit, quod se per uxorem, tanquam per carnis infirmitatem, defendit (Gen. III, 12)? aut primi martyris lapidatores, quoniam aures suas continuerunt (Act. VII, 56), per ignorantiam excusabiles erunt?

Qui igitur studio et amore peccandi a veritate se sentiunt alienatos, infirmitate et ignorantia pressos; studium in gemitum, amorem in moerorem convertant, infirmitatem carnis fervore justitiae vincant, ignorantiam liberalitate repellant: ne si nunc egentem, nudam et infirmam veritatem ignorant, cum potestate magna et virtute venientem, terrentem, arguentem, sero cum rubore cognoscant, frustra cum tremore respondeant: *Quando te vidimus egere, et non ministravimus tibi*? (Matth. XXV, 44.) Cognoscetur certe Dominus judicia faciens (Psal. IX, 17), qui nunc ignoratur misericordiam quaerens. Denique videbunt in quem transfixerunt (Joan. XIX, 37): similiter et avari quem contempserunt. Ab omni ergo labe, infirmitate, ignorantia studiove contracta, flendo, justitiam esuriendo, operibus misericordiae insistendo, mundatur oculus cordis, cui se in sui puritate Veritas videndam promittit: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt* (Matth. V, 8). Cum sint itaque tres gradus seu status veritatis, ad primum ascendimus per laborem humilitatis, ad secundum per affectum compassionis, ad tertium per excessum contemplationis. In primo veritas reperitur severa; in secundo, pia; in tertio, pura. Ad primum ratio ducit, qua nos discutimus; ad secundum affectus perducit, quo aliis miseremur; ad tertium puritas rapit, qua ad invisibilia sublevamur.

20. Interlucet hic mihi mira quaedam ac divisa individuae Trinitatis operatio, si quo modo tamen ab homine sedente in tenebris ineffabilis illa

e por desejo. Assim, por meio da contemplação, passarão ao terceiro grau da verdade.

Há caminhos que parecem bons somente para os homens que "se alegram por ter feito o mal, e fazem gala de sua maldade" [Pr 2, 14], e que depois recorrem à fraqueza ou à ignorância para escusar seus pecados.[21] Mas baldadamente se vangloriam de sua fraqueza ou de sua ignorância os que, a fim de pecar com maior liberdade, se estabelecem na ignorância ou na fraqueza. Pensas tu que ao primeiro homem, conquanto não pecasse de bom grado, lhe aproveitou lançar a culpa à sua mulher, ou seja, à fraqueza da carne?[22] Pensas que a ignorância poderá escusar os que lapidaram o primeiro mártir por não terem querido ouvir?[23]

No mesmo caso estão todos os que, por desejo ou por amor do pecado, se sentem afastados da verdade e presos na fraqueza e na ignorância: convertam estes seu desejo em pranto, e seu amor em aflição; repilam a fraqueza da carne mediante o fervor da justiça, e a ignorância mediante a liberalidade – para que não lhes ocorra que, por não reconhecer já a simples e nua verdade, conheçam-na demasiado tarde e com vergonha quando ela vier com grande potestade e virtude, aterrando e argüindo. Será então inútil que lhes perguntem: "Quando é que te vimos necessitado e não te assistimos?" [Mt 25, 44]. "Conhecerão" certamente "o Senhor quando fizer justiça" [Sl 9, 17]. Finalmente "lançarão o olhar àquele a quem transpassaram" [Jo 19, 37], e semelhantemente os avaros aos que desprezaram. O olho do coração, ao qual a Verdade promete manifestar-se plenamente: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus" [Mt 5, 8], purifica-se de toda mácula, de toda fraqueza, de toda ignorância ou de todo mau desejo adquirido por meio do choro, da fome e da sede de ser justo, e por meio da perseverança nas obras de misericórdia. Três, com efeito, são os graus ou estados da verdade. Ao primeiro sobe-se pelo trabalho da humildade; ao segundo, pelo afeto da compaixão; ao terceiro, pelo vôo da contemplação. No primeiro grau, mostra-se-nos severa a verdade; no segundo, piedosa; no terceiro, pura. Ao primeiro conduz a razão com que nos examinamos a nós mesmos; ao segundo, o afeto com que nos compadecemos dos outros; ao terceiro, a pureza que arrebata, e pela qual nos alçamos às realidades invisíveis.

VII. 20. Aparece então nitidamente diante de meu olhar uma operação da inseparável Trindade que, todavia, se faz separadamente em cada uma das

21 Sl 141, 4.
22 Gn 3, 12.
23 At 7, 58-59.

possit capi cooperantium sibi personarum divisio. In primo siquidem gradu Filius, in secundo Spiritus sanctus, in tertio mihi Pater operari videtur.

Vis audire Filii operationem? *Si ego*, inquit, *lavi vobis pedes Dominus et magister, quanto magis et vos debetis alter alterius lavare pedes?* (Joan. XIII, 14.) Tradebat discipulis humilitatis formam veritatis Magister, qua in primo gradu primum eis veritas innotesceret. Attende et opus Spiritus sancti: *Charitas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum sanctum qui datus est nobis* (Rom. V, 5). Charitas quippe donum est Spiritus sancti, qua fit ut qui sub disciplina Filii per humilitatem ad primum usque gradum veritatis jam profecerunt, ad secundum per compassionem proximi, sub magisterio Spiritus sancti perveniant. Audi et de Patre, *Beatus es, Simon Bar Jona, quia caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus qui est in coelis* (Matth. XVI, 17); et illud, *Pater filiis notam faciet veritatem suam* (Isai. XXXVIII, 19); et, *Confiteor tibi, Pater, quia abscondisti haec a sapientibus, et revelasti ea parvulis* (Matth. XI, 25).

Vides quia quos verbo et exemplo prius Filius humiliavit, super quos deinde Spiritus sanctus charitatem effudit, hos tandem in gloria Pater recepit? Filius facit discipulos, Paraclitus consolatur amicos, Pater exaltat filios. Quia vero non solum Filius, sed et Pater et Spiritus sanctus veraciter Veritas appellantur; constat quod una eademque Veritas, servata proprietate personarum, tria haec in tribus gradibus operatur. Primo scilicet instruit, ut magister: secundo consolatur, ut amicus vel frater: tertio astringit, ut filios pater.

21. Dei quippe Filius, Verbum scilicet ac sapientia Patris, primum quidem illam animae nostrae potentiam, quae ratio dicitur, cum reperit carne depressam, peccato captivam, ignorantia caecam, exterioribus deditam; clementer assumens, potenter erigens, prudenter instruens, introrsum trahens, ac mirabiliter utens tanquam pro se vicaria, ipsam sibi judicem statuit, ita ut pro reverentia Verbi cui conjungitur, ipsa sui accusatrix, testis, et judex, contra se Veritatis fungatur officio.

Ex qua prima conjunctione Verbi et rationis humilitas nascitur. Aliam deinde partem, quae dicitur voluntas, veneno quidem carnis infectam, sed jam ratione discussam, Spiritus sanctus dignanter visitans, suaviter

Pessoas. Se se trata de um homem que vive em trevas, ele pode de alguma maneira vir a compreender a separação das três Pessoas, que porém agem de comum acordo. Desse modo, no primeiro grau lhe parece ver a obra do Filho; no segundo, a do Espírito Santo; no terceiro, a do Pai.

Queres ouvir como opera o Filho? Escuta-o: "Se eu, pois [sendo vosso] Senhor e Mestre, vos lavei os pés, deveis lavar-vos os pés uns aos outros" [Jo 13, 14]. Deste modo o mestre da verdade dá a seus discípulos a regra da humildade; e, assim, a verdade dá-se a conhecer em seu primeiro grau. Atende agora à obra do Espírito Santo: "A caridade está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado" [Rm 5, 5]. A caridade, com efeito, é um dom do Espírito Santo. Graças a ela, todos os que seguiram os ensinamentos do Filho e mediante a humildade se iniciam no primeiro grau da verdade, principiam a progredir e, aplicando-se à verdade do Espírito Santo, alcançam o segundo grau pela compaixão para com o próximo. Escuta ainda o referente ao Pai: "Bem-aventurado és, Simão filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue o que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus" [Mt 16, 17]; e aquilo outro: "O Pai fará conhecer aos filhos tua verdade" [Is 38, 19]; e: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos prudentes, e as revelaste aos pequeninos" [Mt 11, 25].

Vês como aos que primeiro o Filho, com sua palavra e seu exemplo, faz humildes o Espírito depois derrama sobre eles a caridade, e o Pai os recebe na glória? O Filho forma discípulos; o Paráclito consola os amigos; o Pai enaltece os filhos. Com efeito, Verdade não é o nome exclusivamente do Filho, senão que também o é do Pai e do Espírito Santo. Respeitada pois a propriedade de cada uma das Pessoas, é uma a Verdade que opera estas três coisas nos três graus: no primeiro, com efeito, ensina como mestre; no segundo, consola como amigo e irmão; no terceiro, porém, abraça como um pai a seus filhos.

21. Primeiro, portanto, o Filho, o Verbo e a sabedoria de Deus Pai, quando vê a potência de nossa alma chamada razão deprimida pela carne, cativa do pecado, cegada pela ignorância, entregue às coisas exteriores, toma-a com clemência, ergue-a com fortaleza, instrui-a com prudência, fá-la entrar em si mesma; e, revestindo-a de seus mesmos poderes de forma prodigiosa, constitui-a juiz de si mesma. E a razão é, assim, ao mesmo tempo acusadora, testemunha e tribunal, e desempenha diante de si mesma a função da verdade.

Desta primeira conjunção entre o Verbo e a razão, nasce a humildade. Depois, o Espírito Santo digna-se a visitar a outra potência, que se diz vontade, ainda infectada pelo veneno da carne, mas ilustrada já pela razão. Purga-a o

pugnans, ardenter afficiens, misericordem facit: ita ut more pellis, quae uncta extenditur, ipsa quoque unctione perfusa coelesti usque ad inimicos per affectum dilatetur. Et sic ex hac secunda conjunctione Spiritus Dei et voluntatis humanae, charitas efficitur. Utramque vero partem, rationem scilicet et voluntatem, alteram verbo veritatis instructam, alteram spiritu veritatis afflatam; illam hyssopo humilitatis aspersam, hanc igne charitatis succensam; tandem jam perfectam animam, propter humilitatem sine macula, propter charitatem sine ruga; cum nec voluntas rationi repugnat, nec ratio veritatem dissimulat, gloriosam sibi sponsam Pater conglutinat: ita ut nec ratio de se, nec voluntas de proximo cogitare sinatur, sed hoc solum beata illa anima dicere delectetur, *Introduxit me Rex in cubiculum suum*. Digna certe, quae de schola humilitatis, in qua primum sub magistro Filio ad seipsam intrare didicit, juxta comminationem ad se factam, *Si ignoras te, egredere et pasce haedos tuos* (Cantic. I, 3, 7); digna ergo, quae de schola illa humilitatis duce Spiritu sancto in cellaria charitatis (quae nimirum proximorum pectora intelligenda sunt) per affectionem introduceretur; unde suffulta floribus, ac stipata malis, bonis scilicet moribus et virtutibus sanctis, ad Regis demum cubiculum, cujus amore languet, admitteretur.

Ibi modicum, hora videlicet quasi dimidia, silentio facto in coelo, inter desideratos amplexus suaviter quiescens, ipsa quidem dormit, sed cor ejus vigilat, quo utique interim veritatis arcana rimatur: quorum postmodum memoria statim ad se reditura pascatur. Ibi videt invisibilia, audit ineffabilia, quae non licet homini loqui. Excedunt quippe omnem illam, quam nox nocti indicat, scientiam: dies tamen diei eructat verbum, et inter sapientes sapientiam loqui et spiritualibus spiritualia licet conferri.

22. Putas, hos gradus Paulus non transierat, qui usque ad tertium coelum se raptum fuisse testatur? (II Cor. XII, 2.) Sed quare raptum, et non potius ductum? Ut videlicet si tantus Apostolus raptum se dicit fuisse, quo nec doctus scivit, nec ductus potuit ire; me, qui procul dubio minor sum Paulo, ad tertium coelum nulla mea virtute, nullo meo labore pervenire posse praesumam: ne vel de virtute confidam, vel pro labore diffidam. Qui enim docetur aut ducitur, ex hoc ipso quod docentem vel ducentem sequitur, laborare convincitur, et aliquid ex se agit, ut ad destinatum locum

Espírito com suavidade, sela-a com seu fogo e torna-a, assim, misericordiosa. Assim, com efeito, como uma pele se estica quando untada, a vontade, coberta pela unção celestial, estende-se por amor até aos inimigos. E desta segunda conjunção, do Espírito Santo com a vontade, nasce a caridade. Atendamos porém ainda a estas duas potências, a saber, a razão e a vontade. A razão é instruída pelo Verbo da verdade, enquanto a vontade o é pelo Espírito da verdade. A razão é aspergida pelo hissopo da humildade, enquanto a vontade é abrasada pelo fogo da caridade. As duas juntas são a alma perfeita, sem mácula, em razão da humildade, e sem ruga, em razão da caridade. Quando a vontade já não resistir à razão, e a razão já não encobrir a verdade, então o Pai se unirá a elas como a uma gloriosa esposa; e então a razão já não poderá pensar nada de si mesma, nem a vontade julgar o próximo, porque, com efeito, tal alma fustigada não encontrará consolo senão repetindo: "O Rei introduziu-me em sua câmara" [Ct 1, 4]. Tornou-se digna já de superar a escola da humildade, e aqui, ensinada pelo Filho, aprendeu a entrar em si mesma, conforme à advertência que se lhe fez: "Se não te conheces, vai e apascenta teus cabritos" [Ct 1, 7]. Tornou-se digna, pois, de passar da escola da humildade ao celeiro da caridade, que é o coração dos próximos. O Espírito Santo guiou-a e introduziu-a mediante o selo do amor, e ela nutre-se de passas e robustece-se de maçãs, as quais são os bons costumes e as santas virtudes; e abre-se-lhe por fim a câmara do rei, por cujo amor languesce.

Ali, entre o grande silêncio que reina no céu por meia hora, descansa ela docemente entre os desejados abraços, e dorme; seu coração, todavia, vigia. Ali vê coisas invisíveis, ouve coisas inefáveis que o homem nem sequer pode balbuciar e que excede toda a ciência que a noite sussurra à noite; e no entanto o dia-a-dia lhe passa sua mensagem, razão por que é lícito comunicar a sabedoria entre os sábios, e compartilhar o espiritual entre os espirituais.

VIII. 22. Assim por exemplo, Paulo confessa que fora arrebatado ao terceiro céu: mas pensas que não superara tais graus?[24] Por que porém diz *arrebatado* e não *levado*? Para que eu, que sou menos que Paulo, quando me disser tão grande apóstolo que foi arrebatado ao ponto onde nem o sábio soube, nem o que assim foi elevado pôde por si chegar, não presuma que com minhas próprias forças ou com meu próprio labor possa alcançar o terceiro céu. Desse modo, não confiarei em minha virtude, nem me exaurirei em esforços vãos. Mas o que é ensinado ou guiado, pelo simples fato de seguir ao que o ensina ou guia, é obrigado a trabalhar e a dar algo de sua parte para ser conduzido

24 II Cor 12, 2.

vel sensum pertrabatur, ita ut dicere possit: *Non autem ego, sed gratia Dei mecum* (I Cor. XV, 10).

Qui vero rapitur, non suis viribus, sed alienis innixus, tanquam nescius quocunque portatur, nec de toto in se, nec de parte gloriatur, ubi nec per se, nec cum alio aliquid operatur. Ad primum itaque sive ad medium coelum ductus vel adjutus Apostolus ascendere potuit: ad tertium autem ut perveniret, rapi oportuit. Nam ad hoc et Filius legitur descendisse, ut vocaret et juvaret ascensuros ad primum: et Spiritus sanctus missus fuisse, qui perduceret ad secundum. Pater vero, licet Filio et Spiritui sancto semper cooperetur, nunquam tamen aut de coelo descendisse, aut ad terras legitur missus fuisse.

Lego certe, quod *misericordia Domini plena est terra* (Psal. XXXII, 5); et, *Pleni sunt coeli et terra gloria tua*, et multa hujusmodi. Lego et de Filio, *Postquam venit plenitudo temporis, misit Deus Filium suum* (Galat. IV, 4). Et ipse Filius loquitur de se, *Spiritus Domini misit me* (Isa. LXI, 1). Et per eumdem prophetam: *Et nunc*, inquit, *Dominus misit me et Spiritus ejus* (Isa. XLVIII, 16). Lego et de Spiritu sancto, *Paraclitus autem Spiritus sanctus, quem mittet Pater in nomine meo* (Joan. XIV, 26); et, *Cum assumptus fuero, mittam vobis eum* (Joan. XVI, 7), haud dubium quin Spiritum sanctum. Patrem autem in sua persona, licet nusquam non sit, nusquam tamen invenio nisi in coelis, ut in Evangelio, *Et Pater meus qui in coelis est* (Matth. XXIII, 9); et in oratione, *Pater noster qui es in coelis* (Matth. VI, 9).

23. Unde nimirum colligo, quod quia Pater non descendit, Apostolus ut eum videret, ad tertium coelum ascendere quidem non potuit, quo tamen se raptum memoravit. Denique, *Nemo ascendit in coelum, nisi qui descendit de coelo Filius hominis* (Joan. III, 13). Et ne putes de primo dictum vel secundo, dicit tibi David: *A summo coelo egressio ejus* (Psal. XVIII, 7). Ad quod iterum non subito raptus, non furtim sublatus, sed, *Videntibus*, inquit, *illis*, id est Apostolis, *elevatus est* (Act. I, 9). Non sicut Elias, qui unum (IV Reg. II); non sicut Paulus, qui nullum (vix enim vel seipsum testem aut arbitrum habere potuit, ipso perhibente, *Nescio, Deus scit*): sed ut Omnipotens, qui quando voluit descendit, quando voluit ascendit,

ao lugar que lhe está destinado, de modo que então poderá dizer: "Não eu, porém, mas a graça de Deus, que está comigo" [I Cor 15, 10].

O que todavia é arrebatado não só se porta como ignorante, mas não se apóia em suas próprias forças, somente nas de outro. Absolutamente não pode, com efeito, gloriar-se de si mesmo quanto a nada, porque o que se operou nele não foi feito por ele nem em cooperação com outro. O Apóstolo pôde ascender ao primeiro céu ou ao segundo levado pela mão; mas, para chegar ao terceiro céu, teve de ser arrebatado. Pois está escrito que o Filho desceu para ajudar aos que havia de ascender ao primeiro céu; que o Espírito Santo foi enviado para conduzir-nos ao segundo céu. Em parte alguma porém se diz que o Pai, conquanto sempre opere com o Filho e com o Espírito Santo, tenha descido do céu ou fosse enviado à terra.

Sim, é verdade, leio o seguinte: "A misericórdia do Senhor enche a terra" [Sl 33, 5], e: "Cheios estão o céu e a terra de tua glória",[25] e muitas outras desse gênero. Com respeito ao Filho, leio ainda: "Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho" [Gl 4, 4]; e o mesmo Filho diz de si: "O Espírito do Senhor enviou-me" [Is 61, 1]. E expressa-se pelo mesmo Profeta: "E agora enviaram-me o Senhor e seu Espírito" [Is 48, 16]. Com respeito ao Espírito Santo, leio também: "Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome" [Jo 14, 26]; e: "Se for, eu vo-lo enviarei" [Jo 16, 7], o que sem dúvida se refere ao Espírito Santo. Em parte alguma, no entanto, leio que o Pai, conquanto esteja em todas as partes, se ache pessoalmente em outra parte que o céu, como se vê no Evangelho: "E meu Pai, que está no céu" [Mt 16, 17], e na oração: "Pai nosso, que estais no céu" [Mt 6, 9].

23. De tudo isso colijo que, se o Pai não desceu, o Apóstolo não pôde ascender ao terceiro céu para vê-lo, e por isso relembrou que fora arrebatado. Com efeito: "Ninguém subiu ao céu além daquele que desceu do céu" [Jo 3, 13]. E não penses que fala do primeiro céu ou do segundo, dado que te diz Davi: "Sua saída é do mais alto do céu" [Sl 18, 7]. A este mesmo lugar voltou Cristo: não foi porém arrebatado de súbito nem transladado às ocultas; viram-no ascender os apóstolos.[26] Não foi este, todavia, o caso de Elias, que teve tão somente uma testemunha;[27] nem o de Paulo, que não teve nenhuma: porque só ele mesmo pôde ser testemunha e juiz. Di-lo ele próprio: "Eu não o sei; Deus o sabe" [II Cor 12, 2]. Mas Cristo, todo-poderoso, desceu quando quis,

25 Trecho do canto litúrgico *Sanctus*; cf. Is 6, 3.
26 At 1, 9.
27 II Rs 2.

pro suo arbitrio arbitros et spectatores, locum et tempus, diem et horam exspectans, *videntibus illis*, quos scilicet tanta visione dignatur, *elevatus est*.

Raptus est Paulus, raptus est Elias, translatus est Enoch (Eccli. XLIV, 16): Redemptor vero noster legitur *elevatus*, hoc est, ex seipso levatus, non aliunde adjutus. Denique non currus vehiculo, non angeli adminiculo, sed propria virtute subnixum *suscepit eum nubes ab oculis eorum* (Act. I, 9). Cur hoc? An fessum juvit? an pigrum impulit? an cadentem sustinuit? Absit. Sed suscepit eum ab oculis carnalibus discipulorum: qui, etsi Christum noverant secundum carnem, sed ultra jam non noscerent. Quos ergo per humilitatem ad primum coelum Filius vocat, hos in secundo per charitatem Spiritus aggregat, ad tertium per contemplationem Pater exaltat.

Primo humiliantur in veritate, et dicunt, *In veritate tua humiliasti me* (Psal. CXVIII, 75). Secundo congaudent veritati, et psallunt, *Ecce quam bonum, et quam jucundum habitare fratres in unum?* (Psal. CXXXII, 1.) De charitate quippe scriptum est, *Congaudet autem, veritati* (I Cor. XIII, 6). Tertio ad arcana veritatis rapiuntur, et aiunt, *Secretum meum mihi, secretum meum mihi* (Isa. XXIV, 16).

24. Sed quid ego miser superflua magis loquacitate, quam spiritus vivacitate duos coelos superiores percurro, qui manibus pedibusque repens adhuc sub inferiore laboro? Ad quod tamen jam, ipso juvante, quo et vocante, mihi scalam erexi. Illic siquidem iter est, quo ostendat mihi salutare Dei. Jam Dominum desuper innixum suspicio, jam ad vocem veritatis exsulto. Vocavit me, et ego respondi illi: *Operi manuum tuarum porriges dexteram* (Job XIV, 15).

Tu quidem, Domine, gressus meos dinumeras, sed ego lentus ascensor, fessus viator, diverticula quaero. Vae mihi, si tenebrae me comprehendant, aut si mea fuga fiat in hieme, vel in Sabbato: dum nunc ad lucem, cum tempus acceptabile et dies salutis sunt, proficisci dissimulo. Quid moror? Ora pro me, fili, frater, socie, et particeps profectus mei, si quis est, in Domino. Ora Omnipotentem, quatenus sic pigrum roboret pedem, ut tamen non veniat mihi pes superbiae. Etsi enim pes piger, ut ad veritatis gradum ascendat, idoneus non est: tolerabilior tamen est isto, qui in

subiu quando por seu arbítrio havia árbitros e espectadores. Escolheu, com efeito, um lugar, um tempo, um dia, uma hora determinados, e por isso "viram-no elevar-se" [At 1, 9] aqueles a quem quis dignar-se a oferecer essa visão.

Mas Paulo e Elias foram arrebatados, enquanto Enoque foi transladado.[28] De nosso Redentor, porém, lê-se que "elevou-se à vista deles", ou seja, que ascendeu sem nenhuma ajuda. Sem carros por veículo nem anjos por apoio, senão que sustentado por sua própria virtude: "e uma nuvem ocultou-o a seus olhos" [At 1, 9]. Que sentido tem tal nuvem? Estaria cansado, razão por que necessitava de sua ajuda? Sentia-se talvez apático, razão por que o terá empurrado a nuvem? Caía talvez, e ter-lhe-á servido de apoio a nuvem? Nada disso. O que sucedeu não foi senão que a nuvem o ocultou aos olhos carnais de seus discípulos. Até então, com efeito, tinham conhecido a Cristo segundo a carne; doravante, todavia, não deveriam conhecê-lo assim. Por conseguinte, aos que o Filho chama pela humildade ao primeiro céu, a esses o Espírito os reúne no segundo pela caridade, e o Pai os exalta ao terceiro céu pela contemplação.

Em primeiro lugar, humilham-se na verdade, e dizem: "Humilhaste-me em tua verdade" [Sl 119, 75]. Em segundo, alegram-se da verdade, e cantam: "Vede quão bom e quão jucundo é habitar com os irmãos unidos" [Sl 133, 1], porque, com efeito, da caridade se escreveu: "Folga porém com a verdade" [I Cor 13, 6]. Em terceiro, são arrebatados até aos arcanos da verdade, e dizem: "Meu segredo para mim, meu segredo para mim" [Is 24, 16].

IX. 24. Mas como eu, miserável, presumo atravessar os dois céus superiores e dizer palavras vãs que nem sequer eu mesmo compreendo? Ainda me vou arrastando pelo inferior dos três. Para ascender a este céu inferior, levantei uma escada com a ajuda de Deus, que me chama até ali. É esse o caminho, com efeito, que me conduz à vida eterna. Ergo os olhos para o Senhor, que está no mais alto. E exulto ao ouvir a voz da Verdade. Ele chamou-me, sim, e eu respondi-lhe: "Estenderás a tua destra para a obra de tuas mãos" [Jó 14, 15].

Ó Senhor, tu contas meus passos, e eu subo lentamente; caminho arquejante; busco outra senda. Infausto de mim se me surpreendem as trevas, se minha fuga se dá no inverno ou no sábado! Agora é o tempo propício, o dia da salvação, e no entanto evito caminhar para a luz. Por que me atraso? Reza por mim, meu filho, meu irmão, meu amigo, e suplica ao Todo-poderoso que firme o pé indolente e que não me alcancem os passos da soberba. Com efeito, se o passo indolente é inapto para ascender à verdade, é todavia mais

28 Eclo 44, 16.

ea stare non potest, ut habes ibi: *Expulsi sunt, nec potuerunt stare* (Psal. XXXV, 12, 13).

25. Et hoc quidem de superbis. Sed quid de illorum capite? quid de illo, qui dicitur *rex super omnes filios superbiae?* (Job. XLI, 25.) Et *ipse*, inquit, *in veritate non stetit* (Joan. VIII, 44): et alibi, *Videbam Satanam sicut fulgur cadentem de coelo* (Luc. X, 18). Quare hoc, nisi propter superbiam? Vae mihi, si et me viderit, qui alta a longe cognoscit, superbientem; et illam in me terribilem intonet vocem: Tu quidem filius Excelsi eras, sed sicut homo morieris, et sicut unus de principibus cades (Psal. LXXXI, 6, 7). Quis non ab hujus tonitrui voce formidet? O quam salubrius ad tactum angeli nervus femoris Jacob emarcuit (Gen. XXXII, 25), quam angeli superbientis intumuit, evanuit, ruit. Utinam et meum nervum angelus tangat ut marcescat, si forte ex hac infirmitate incipiam proficere, qui ex mea firmitate non possum nisi deficere. Lego profecto: *Quod infirmum est Dei, fortius est hominibus* (I Cor. I, 25).

Sic quoque Apostolus de suo nervo conquestus, quem angelus non Domini, sed Satanae colaphizabat, responsum audivit: *Sufficit tibi gratia mea; nam virtus in infirmitate perficitur*. Quae virtus? Ipse Apostolus respondeat: *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis, ut inhabitet in me virtus Christi* (II Cor. XII, 9). Sed nondum forsitan intelligis, de qua specialiter dixerit, quia Christus omnes virtutes habuit. Sed, cum omnes habuerit, prae omnibus tamen unam, id est humilitatem, nobis in se commendavit, cum ait: *Discite a me quia mitis sum et humilis corde* (Matth. XI, 29).

26. Libenter igitur et ego, Domine Jesu, gloriabor, si potero, in mea infirmitate, in mei nervi contractione, ut tua virtus, id est humilitas, perficiatur in me. Nam sufficit mihi gratia tua, cum defecerit virtus mea. Pedem profecto gratiae fortiter figens, et meum qui infirmus est, leniter trahens, securus ascendam per scalam humilitatis: donec veritati adhaerens, ad latitudinem transeam charitatis. Tunc psallam cum gratiarum actione, et dicam: *Statuisti in loco spatioso pedes meos* (Psal. XXX, 9). Sic arcta via cautius inceditur strictim, sic ardua scala tutius pedetentim ascenditur; sic miro modo licet pigrius, ad veritatem tamen firmius claudicando ascenditur.

suportável que o passo da soberba, como se tem ali: "Expulsos, não puderam manter-se de pé" [Sl 35, 13].

25. E isto sem dúvida se disse dos soberbos. Que diremos, todavia, do chefe de todos eles, ou seja, aquele que é dito "rei de todos os filhos da soberba" [Jó 41, 25]? Disse o mesmo Senhor: "Não se manteve na verdade" [Jo 8, 44]. E alhures: "Eu via Satanás cair do céu" [Lc 10, 18]. E por que senão pela soberba? Infausto de mim se o Senhor, que de longe conhece o soberbo, perceber que me ensoberbeci, porque me lançará aquelas terríveis palavras: "Tu eras filho do Altíssimo, mas morrerás como tantos outros, cairás como todos os príncipes" [Sl 81, 6-7]. Quem deixará de tremer diante do fragor deste trovão? Quão mais proveitoso foi que o anjo tocasse o nervo do fêmur de Jó[29] e o deixasse teso, se se compara com a inchação, a perdição e a queda do anjo soberbo! Tomara que o anjo também me toque o nervo e mo deixe rígido! Vamos ver então se eu, que com minha própria fortaleza não posso senão cair, começo a valer-me desta mesma fraqueza. Leio, com efeito: "A fraqueza [ou o que os homens julgarem ser fraqueza] de Deus é mais forte que os homens" [I Cor 1, 25].

Assim, conquanto o Apóstolo se lamentasse da rigidez de seu nervo, a razão era que o esbofeteava o próprio Satanás, e não nenhum anjo do Senhor. Ainda assim, contudo, ouviu [Paulo] esta resposta: "Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que a virtude se perfaz" [II Cor 12, 9]. Que virtude [ou força]? Que no-lo responda o mesmo Apóstolo: "De boa vontade me gloriarei em minhas fraquezas. Para que habite em mim a virtude de Cristo" [2 Cor 12, 9]. Talvez, contudo, ainda não compreendas bem de que virtude fala concretamente, dado que as teve todas Cristo. Não obstante, em sua palavra "aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" [Mt 11, 29], recomendou-nos sobretudo a humildade.

26. Também eu, Senhor Jesus, com muito boa vontade me gloriarei, se mo permite minha fraqueza, na rigidez de meu nervo, para que tua virtude – a humildade – se perfaça em mim. Pois, quando desfalece minha virtude, então me basta tua graça. Apoiando firmemente o pé da graça e retirando suavemente o meu, que é fraco, galgarei com segurança a escada da humildade, até que, aderindo à verdade, passe às planuras da caridade. Cantarei então com ação de graças, e direi: "Puseste-me os pés num caminho largo" [Sl 30, 9]. Assim se avança com bastante precaução, e sobe-se degrau a degrau a árdua escada, até que, arrastando-se mesmo e claudicando na mesma segurança, se atinge a verdade.

29 Gn 32, 25.

Sed, heu mihi! quia incolatus meus prolongatus est? (Psal. CXIX, 5.) Quis dabit mihi pennas sicut columbae, quibus celerius volem ad veritatem, ut jam requiescam in charitate? (Psal. LIV, 7.) Quae quoniam desunt, deduc me, Domine, in via tua, et ingrediar in veritate tua, et veritas liberabit me. Vae mihi quod de illa descendi. Nisi enim prius leviter, inaniter descendissem; in ascendendo tamdiu, tam graviter non laborassem.

Sed quid dico, Descendi? nam fortasse rectius Cecidi dixerim. Nisi quia forte sicut nemo repente fit summus, sed gradatim quisque ascendit; sic nemo repente fit pessimus, sed paulatim descendit. Alioquin quomodo stabit illud: *Impius cunctis diebus vitae suae superbit?* (Job XV, 20.) Denique sunt viae, quae videntur hominibus bonae, et tamen ad malum deducunt.

27. Est ergo via descensionis, sicut et ascensionis. Et via est ad bonum, et via est ad malum. Cave malam, elige bonam. Si per te non potes, ora cum propheta, et dic: *Viam iniquitatis amove a me*. Quomodo? *Et de lege tua miserere mei*; illa scilicet lege, quam dedisti delinquentibus in via, id est derelinquentibus veritatem, de quibus unus ego sum, qui vere a veritate cecidi. Sed numquid qui cadit, non adjiciet ut resurgat? Propter hoc *viam veritatis elegi*, qua ascendam humiliatus, unde superbiendo descendi.

Ascendam, inquam, et psallam: *Bonum mihi, Domine, quod humiliasti me; bonum mihi lex oris tui super millia auri et argenti* (Psal. CXVIII, 29, 30, 71, 72). Duas tibi vias videtur David proposuisse, sed unam noveris esse; ipsam tamen a se diversam, et diversis nominibus appellatam, aut *iniquitatis* propter descendentes, aut *veritatis* propter ascendentes: quia et iidem gradus sunt ascendentium in solium, et descendentium; et eadem via accedentium ad civitatem, et recedentium; et unum ostium est ingredientium domum, et egredientium. Per unam denique scalam ascendentes Angeli, et descendentes Jacob apparuerunt (Gen. XXVIII, 12). Quo spectant haec? Ut videlicet si ad veritatem redire cupis, non necesse sit viam quaerere novam quam non nosti, sed notam qua descendisti: quatenus reci-

Mas infausto de mim! Meu desterro prolongou-se.[30] Quem me dará asas de pomba[31] para voar celeremente para a verdade e encontrar repouso na caridade? Como não as tenho, "mostra-me, Senhor, teu caminho, para que eu siga tua verdade" [Sl 85, 11] – e a verdade far-me-á livre. Infausto de mim, que desci de tal altura! Se por ligeireza e inanidade não houvesse descido, não teria agora de laborar tão longa e gravemente para subir.

E por que digo que desci? Muito mais acertadamente deveria dizer que caí. Mas é verdade que, assim como ninguém ascende de súbito ao mais alto, senão que progride passo a passo, assim também ninguém se torna péssimo de repente, senão que desce paulatinamente. Se fosse de outro modo, como se teria podido dizer isto: "O ímpio se ensoberbece todos os dias de sua vida" [Jó 15, 20]? E diz-se ainda que "há vias que parecem boas aos homens" [Pr 16, 25], as quais no entanto conduzem ao mal.

27. Há pois um caminho para cima e outro para baixo. Um caminho leva ao bem, enquanto o outro ao mal. Esquiva o mau caminho, e escolhe o bom. Se porém te sentes incapaz disso, suplica com o profeta dizendo: "Da via da iniqüidade, afasta-me" [Sl 118, 29]. De que modo? "E concede-me o favor de tua lei" [Sl 118, 29], ou seja, da lei que deste aos que delinquem no caminho, aos que deixam a verdade. Um destes sou eu, que caí da verdade. Mas, então, o que cai já não poderá levantar-se? Por isso elegi o caminho da verdade, para ascender até à cúspide de onde caí por causa de minha soberba.

Ascenderei e cantarei: "Foi bom para mim, Senhor, que me humilhasses; melhor para mim é a lei de tua boca que milhares de moedas de ouro e de prata" [Sl 118, 71-72]. Pode parecer-te, sim, que Davi propõe dois caminhos; mas presta atenção e verás que não é senão um, ainda que com dois nomes. Chama-se iniqüidade para os que descem, e verdade para os que sobem. Os degraus são os mesmos tanto para os que ascendem ao trono como para os que descem. Um só, com efeito, é o caminho tanto para os que se aproximam da cidade como para os que a deixam; e uma só é a porta tanto para os que entram na casa como para os que saem dela. Jacó viu em sonho que por uma mesma e só rampa subiam e desciam anjos.[32] Que quer dizer isso? Que, se queres voltar à verdade, não precisas buscar um novo e desconhecido caminho: basta-te o mesmo pelo qual desceste. Já o conheces. E, desandando o mesmo caminho,

30 Sl 119, 5.
31 Sl 54, 7.
32 Gn 28, 12.

procis gressibus tua ipse vestigia sequens, per eosdem gradus humiliatus ascendas, per quos superbiendo descenderas: ita ut qui duodecimus superbiae fuit descendenti, primus humilitatis sit ascendenti; undecimus, inveniatur secundus; decimus, tertius; nonus, quartus; octavus, quintus; septimus, sextus; sextus, septimus; quintus, octavus; quartus, nonus; tertius, decimus; secundus, undecimus; primus, duodecimus.

Quibus superbiae gradibus in te inventis, imo recognitis, jam non laboras in quaerendo viam humilitatis.

28. Primus itaque superbiae gradus est curiositas. Hanc autem talibus indiciis deprehendes. Si videris monachum, de quo prius bene confidebas, ubicunque stat, ambulat, sedet, oculis incipientem vagari, caput erectum, aures portare suspensas; e motibus exterioris hominis interiorem immutatum agnoscas. Vir quippe perversus annuit oculo, terit pede, digito loquitur (Prov. VI, 12, 13); et ex insolenti corporis motu, recens animae morbus deprehenditur: quam, dum a sui circumspectione torpescit incuria sui, curiosam in alios facit. Quia enim seipsam ignorat, foras mittitur, ut haedos pascat (Cantic. I, 7). Haedos quippe, qui peccatum significant, recte oculos auresque appellaverim: quoniam sicut mors per peccatum in orbem, sic per has fenestras intrat ad mentem.

In his ergo pascendis se occupat curiosus, dum scire non curat qualem se reliquerit intus. Et vere si te vigilanter, homo, attendas, mirum est si ad aliud unquam intendas. Audi, curiose, Salomonem; audi, stulte, Sapientem. *Omni custodia*, inquit, *custodi cor tuum* (Prov. IV, 23): ut omnes videlicet sensus tui vigilent ad id, unde vita procedit, custodiendum. Quo enim a te, o curiose, recedis? Cui te interim committis? Utquid audes oculos levare ad coelum, qui peccasti in coelum? Terram intuere, ut cognoscas teipsum. Ipsa te tibi repraesentabit, quia terra es, et in terram ibis.

sobe humilhado os mesmos degraus que desceste ensoberbecido. Desse modo, o que é o décimo segundo degrau da soberba para o que desce, esse mesmo há de ser o primeiro da humildade para o que sobe; o décimo primeiro, o segundo; o décimo, o terceiro; o nono, o quarto; o oitavo, o quinto; o sétimo, o sexto; o sexto, o sétimo; o quinto, o oitavo; o quarto, o nono; o terceiro, o décimo; o segundo, o décimo primeiro; o primeiro, o décimo segundo.

Quanto houveres encontrado, ou melhor, reconhecido em ti tais degraus da soberba, já não terás de laborar para encontrar o caminho da humildade.

Primeiro grau da soberba: a curiosidade

X. 28. Assim, o primeiro grau da soberba é a curiosidade. Podes depreendê-la dos seguintes indícios: se vês um monge que diante de ti desfrutava de boa reputação, e que todavia agora, em qualquer lugar em que esteja, em pé, andando ou sentado, não faz senão olhar para todas as partes com a cabeça sempre erguida, aplicando o ouvido a todo e qualquer rumor, podes coligir de tais gestos do homem exterior que o homem interior sofreu uma mudança. "O homem perverso", com efeito, "pisca o olho, move os pés, aponta com o dedo" [Pr 6, 12-13]. Por tais estranhos movimentos do corpo, podes advertir a incipiente doença da alma. E a alma, que por seu desleixo se vai entorpecendo quando a cuidar de si mesma, torna-se curiosa quando se trata das coisas dos demais. Desconhece-se a si mesma, com efeito, e por isso é lançada fora para que apascente os cabritos.[33] E acertadamente se chama "cabritos", que são símbolo do pecado, aos olhos e aos ouvidos: porque, assim como a morte entrou no mundo pelo pecado, assim também penetra por tais janelas da alma.

O curioso, com efeito, entretém-se em apascentar tais cabritos, ao passo que não se preocupa com conhecer seu próprio estado interior. Pois, se cuidas com suma atenção de ti mesmo, será difícil pensares em qualquer outra coisa. Curioso, escuta a Salomão; escuta, néscio, ao sábio: "Acima de toda custódia, custodia teu coração" [Pr 4, 23], de modo que todos os teus sentidos vigiem a fim de custodiar aquilo de onde brota a vida. Curioso, aonde vais quando te afastas de ti? A quem te confias durante esse tempo? Como ousas erguer os olhos para o céu tu, que pecaste contra o céu? Crava os olhos na terra a fim de te conheceres: a terra dar-te-á tua própria imagem, porque, com efeito, és terra e à terra hás de voltar.

33 Ct 1, 7.

29. Duabus tamen ex causis inculpabiliter oculos levas, ut vel petas auxilium, vel impendas. Levavit oculos David in montes, ut peteret (Psal. CXX, 1): levavit et Dominus super turbas, ut impenderet (Joan. VI, 5). Alter miserabiliter, alter misericorditer, ambo inculpabiliter. Tu quoque si locum, tempus et causam considerans, tua vel fratris necessitate oculos levas; non solum non culpo, sed et plurimum laudo. Hoc enim excusat miseria, illud commendat misericordia. Sin alias, non Prophetae, non Domini, sed Dinae aut Evae, imo ipsius Satanae imitatorem te dixerim. Dina namque dum ad pascendos haedos egreditur, ipsa patri, et sua sibi virginitas rapitur (Gen. XXXIV, 1, 2).

O Dina, quid necesse est ut videas mulieres alienigenas? Qua necessitate? qua utilitate? An sola curiositate? Etsi tu otiose vides, sed non otiose videris. Tu curiose spectas, sed curiosius spectaris. Quis crederet tunc illam tuam curiosam otiositatem, vel otiosam curiositatem, fore post sic non otiosam, sed tibi, tuis, hostibusque tam perniciosam?

30. Tu quoque, o Eva, in paradiso posita es, ut cum viro tuo opereris et custodias illum: si injunctum perfeceris, quandoque transitura ad melius, ubi nec opus sit te in aliquo opere occupari, nec de custodia sollicitari. Omne lignum paradisi tibi conceditur ad vescendum, praeter illud, quod dicitur *scientiae boni et mali* (Gen. II, 15-17). Si enim caetera bona sunt, et sapiunt bonum, quid est opus edere de ligno, quod sapit etiam malum? *Non plus sapere, quam oportet sapere* (Rom. XII, 3). Sapere enim malum, sapere non est, sed desipere. Serva ergo commissum, exspecta promissum; cave prohibitum, ne perdas concessum.

Quid tuam mortem tam intente intueris? Quid illo tam crebro vagantia lumina jacis? Quid spectare libet, quod manducare non licet? Oculos, inquis, tendo, non manum. Non est interdictum ne videam, sed ne comedam. An non licet oculos quo volo levare, quos Deus in mea posuit potestate? Ad quod Apostolus: *Omnia mihi licent, sed non omnia expediunt* (I Cor. VI, 12). Etsi culpa non est, culpae tamen indicium est. Nisi enim

29. Por duas causas, todavia, é-te permitido erguer os olhos sem cometer a menor falta: para pedir ajuda e para oferecê-la. Davi levantou o olhar aos montes para pedir ajuda,[34] enquanto o Senhor o fez às turbas para compadecer-se.[35] Um o fez por sua miséria; o outro, por sua misericórdia. Em nenhum dos dois, no entanto, houve nem vestígio de falta. Se tu, portanto, considerando o lugar, o tempo e a causa, ergues os olhos por tua própria necessidade ou pela de teu irmão, não só não te julgo culpado, senão que te louvo muito: porque a miséria escusa aquilo, enquanto a misericórdia recomenda isto. Se porém o fazes por outra causa, pensarei que és imitador não do profeta nem do Senhor, mas de Diná ou de Eva, e até do próprio Satanás. Diná,[36] com efeito, saiu a apascentar os cabritos, foi raptada de seu pai e perdeu a virgindade.

Diná, por que tiveste de ir ver a mulheres estrangeiras? Que necessidade ou utilidade se te impunha? Fizeste-o por pura curiosidade? Tu olhas com ingenuidade, mas outros te olham com malícia. Tu contemplas com curiosidade, mas outros contemplam com outra curiosidade. Quem pensaria então que tua curiosa inocência, ou tua inocente curiosidade, seria não só ociosa, mas muito perniciosa para ti, para os teus, até para os hostis a ti?

30. E tu, Eva, foste posta no paraíso para cultivá-lo e custodiá-lo com teu varão, e, se cumpres o ordenado, passas a outro lugar, melhor, onde já não tens de ocupar-te de nada nem preocupar-te com custodiá-lo. É-te permitido comer de todas as árvores do paraíso, menos a chamada da ciência do bem e do mal. Se, com efeito, os frutos das outras árvores são bons e sabem bem, o que te leva a comer da árvore que sabe mal?[37] "Não saibam mais do que convém saber" [Rm 12, 3]. Pois provar o mal não é saboreá-lo, mas perder o gosto. Custodia bem o que te foi confiado, e espera o prometido. Evita o proibido, para que não percas o que já possuis.

Por que te preocupas tanto com tua morte? Por que diriges tão amiúde teus olhos inquietos para aquela árvore? Por que gostas de olhar o que não se pode comer? Respondes-me: "Aproximo-me apenas com os olhos, não com as mãos. Não me foi proibido olhar, só comer. Será que não posso levantar aonde eu quiser os olhos que Deus me deixou a meu alvedrio?" Responde-lhe o Apóstolo: "Tudo [o que é indiferente em si] me é permitido, mas nem tudo me convém" [I Cor 6, 12]. Não é pecado, mas é indício de pecado. Se, com

34 Sl 120, 1.

35 Jo 6, 5.

36 Trata-se de Diná, filha de Jacó e Lia, cuja história lê-se em Gn, 34.

37 Gn 2, 15-17.

mens minus se curiose servaret, tua curiositas tempus vacuum non haberet. Etsi culpa non est, culpae tamen occasio est, et indicium commissae, et causa est committendae.

Te enim intenta ad aliud, latenter interim in cor tuum serpens illabitur, blande alloquitur. Blanditiis rationem, mendaciis timorem compescit. *Nequaquam*, inquiens, *morieris* (Gen. III, 4). Auget curam, dum incitat gulam: acuit curiositatem, dum suggerit cupiditatem. Offert tandem prohibitum, et aufert concessum: porrigit pomum, et subripit paradisum. Hauris virus peritura, et perituros paritura. Perit salus, non destitit partus. Nascimur, morimur: ideoque nascimur morituri, quia prius morimur nascituri. Propterea grave jugum super omnes filios tuos usque in hodiernum diem.

31. Sed et tu, signaculum similitudinis, non in paradiso, sed in deliciis paradisi Dei positus es (Ezech. XXVIII, 12, 13). Quid amplius quaerere debes? Plenus ergo sapientia, et perfectus decore, altiora te ne quaesieris, et fortiora te ne scrutatus fueris. Sta in te, ne cadas a te, si ambulas in magnis et in mirabilibus super te. Sed quid interim ex obliquo intendis ad aquilonem? Jam te video, jam te perspicio nescio quae supra te curiosius alta rimantem. *Ponam*, inquit, *sedem meam ad aquilonem* (Isa. XIV, 13). Caeteris astantibus coelicolis, dum tu solus sedere affectas, fratrum concordiam, totius coelestis patriae pacem, ipsius, quantum in te est, quietem Trinitatis infestas.

Quo te tua, miser, curiositas ducit, ut praesumptione singulari non dubites civibus scandalum, injuriam facere Regi? Millia millium ministrant ei, et decies centena millia assistunt ei (Dan VII, 10), ubi nemo sedere perhibetur, nisi solus is qui sedet super Cherubim, cui a caeteris ministratur: et tu nescio quae prae caeteris perspiciendo differentius, curiosius inquirendo, irreverentius pervadendo, sedem tibi collocas in coelo, ut sis similis Altissimo? Quo fine? qua fiducia? Metire, insipiens, vires, pensa fi-

efeito, tua alma se mantém alerta, a curiosidade não achará momentos ociosos; e, se isso tampouco é pecado, faz-te porém propensa a cometer faltas. É indício de pecado que se cometeu, e causa do que se cometerá.

Quando olhas com ânsia a árvore proibida, a serpente introduz-se às furtadelas em teu coração, e fala-te lisonjeiramente; afaga-te o coração, e dissipa-te mentirosamente o temor: "Morrer? De modo algum!" [Gn 3, 4] Excita-te a gula, a fim de que te afervores de ansiedade; excita-te a curiosidade pela sugestão do desejo. Oferece-te o proibido, e arranca-te o que já tens. Dá-te uma maçã, e arrebata-te o paraíso. Por teres engolido o veneno, morrerás, e darás a luz os que hão de morrer. Perdeu-se a salvação, mas os homens continuam a nascer. Nascemos, morremos: nascemos para morrer, porque morremos antes de nascer. Este é o grave jugo que caiu sobre teus filhos até o dia de hoje.

Sentença sobre o Serafim apóstata,[38] não tomada dos doutores, mas inventada pelo próprio escritor

31. Mas e tu, selo da divina semelhança, não no paraíso, mas nas delícias do paraíso de Deus,[39] que mais podes querer? Estás cheio de sabedoria, e é perfeita tua beleza: "Não pretendas o que te ultrapassa, nem escrutes o que se te esconde" [Eclo 3, 22]. Aceita-te a ti mesmo, e não percas o que és pretendendo grandezas que excedem a tua capacidade. Por que olhas de soslaio para o Aquilão?[40] Vejo-te aspirar com demasiado afã a coisas que te ultrapassam. "Porei meu trono", diz, "para o Aquilão".[41] Todos os outros habitantes do céu se mantêm em pé, em seu posto, enquanto só tu pretendes sentar-te e perturbas a concórdia dos irmãos, a paz de toda a pátria celestial e, quanto ao que depende de ti, até o mesmo repouso da Trindade.

Aonde te leva, ó miserável, tua ambição? Movido por presunção sem par, não hesitas em escandalizar os cidadãos nem em ofender a Deus. "Eram milhares de milhares os que o serviam, e bilhões os que assistiam diante dele" [Dn 7, 10]: ali nada aparece sentado além daquele que se senta sobre querubins e a quem todos servem. Tu, porém, não sei o que vês que os outros não vêem; tu o examinas sem limites, e o esquadrinhas sem reverência alguma, e ergues um trono no céu para ser igual ao Altíssimo. E para que o fazes? Em quem confias? Ó insensato, mede

38 Ou seja, Lúcifer.

39 Ez 28, 12-13.

40 O vento do norte.

41 Is 14, 13 sec. ant. vers.

nem, excogita modum. Sciente hoc Altissimo praesumis, an nesciente? volente, an non volente? Sed quomodo malum quodcunque machinaris, aut velle, aut ignorare potest, cujus optima voluntas, cujus perfecta scientia est? Numquid autem et scire, et nolle non dubitas, sed non posse resistere putas? At vero nisi te conditum esse dubitaveris, dubitare te non crediderim de omnipotentia, sive de omnimoda scientia ac bonitate Conditoris, qui te de nihilo potuit, talem scivit, tantum condere voluit. Quomodo ergo Deum consentire aestimas, quod fieri nolit, ac refellere possit?

An forte in te video compleri, imo a te initiari, quod post te, et per te a tui similibus in terris frequentatum solet vulgariter dici: Privatus dominus temerarios nutrit [*al. add*. satellites]? An oculos tuus nequam est, quia ille bonus? De cujus bonitate dum fiduciam nefariam sumis, factus es et contra scientiam impudens, et contra potentiam audax.

32. Hoc est enim, o impie, hoc est quod cogitas; haec est iniquitas, quam meditaris in cubili tuo, et dicis: Putas Creator opus suum destruat? Scio quidem quia non latet Deum qualiscunque cogitatio mea: Deus enim est. Nec placet ei talis cogitatio mea, quia bonus est. Sed nec si velit effugiam manus ejus, quia potens est. Nunquid tamen mihi timendum est? Si enim cum bonus sit, non potest illi placere malum meum, quanto minus suum? Meum quippe dixerim contra ejus voluntatem aliquid velle: suum autem, si vindicet sese. Tam ergo quodeunque scelus non valet velle ulcisci, quam nec vult, nec valet sua bonitate privari. Fallis te, miser, fallis te, non Deum. Te, inquam, fallis, et mentitur iniquitas sibi, non Deo. Dolose quidem agis, sed in conspectu ejus. Te ergo fallis, non Deum. Et quia de magno ejus bono in te, tu magnum in eum excogitas malum, merito iniquitas tua invenitur ad odium.

Quae major namque iniquitas, quam ut inde a te Creator contemnatur, unde plus amari merebatur? Quae major iniquitas, quam cum de potentia Dei non dubites, quin te scilicet destruere possit qui condere potuit; confisus tamen de multa ejus dulcedine, qua speras eum nolle vindicare cum possit; mala pro bonis, odium pro dilectione retribuas?

33. Haec, inquam, iniquitas, non ira momentanea, sed odio digna est sempiterno, qua tuo dulcissimo et altissimo Domino, licet invito, desideras tamen ac speras aequari, quatenus semper videat quod dolcat, dum te socium habeat cum nolit, nec dejiciat cum possit; quin potius eligat ipse dolere, quam te patiatur perire; possit quidem dejicere si velit, sed prae

tuas forças; sopesa o desfecho, pensa na maneira de levá-lo a efeito. Presumes tramar tudo isso diante ou às costas do Altíssimo? Com seu beneplácito ou sem ele? Aquele cuja vontade é insuperável, e cuja ciência é perfeita, como haverá de ignorar todo o mal que estás tramando? Porventura estás convencido de que Ele o sabe, mas não quer ou não é capaz de opor-se? Se ainda te aceitas como criatura, com efeito, não ouses duvidar da onipresença ou da onímoda ciência e bondade do Criador, que quis, soube e pôde criar-te do nada, tal qual és. Como pensas que Deus consentirá no que Ele mesmo não quer e pode impedir?

Parece-me que se vai cumprindo em ti, ou melhor, parece-me que és o pioneiro do que depois de ti costumam dizer os que seguem teu exemplo: porventura um senhor cria pérfidos em sua mesma casa? Ou vês tu com maus olhos que ele seja bom? Abusando temerariamente de sua bondade, tornas-te impudente contra sua ciência, e audacioso contra seu poder.

32. Isto, ó miserável, é o que pensas; esta é a iniqüidade que meditas em teu leito, dizendo: "Destruirá o Criador a obra de suas próprias mãos?" Sei perfeitamente que a Deus não se oculta nenhum de meus pensamentos, justo porque é Deus. Sei ainda que não lhe apraz este pensamento meu, justo porque Deus é bom. E sei também que, se o quiser Ele, não poderei eu escapar de suas mãos, justo porque é todo-poderoso. Mas haverei de temê-lo? Sim, porque, se por ser bom não pode aprazer-lhe meu mal, quanto menos não o fará o seu? Meu mal consiste em querer algo que vai contra sua vontade; seu mal, em vingar-se. Mas, assim como Ele não quer nem pode ser privado de sua bondade, assim tampouco pode querer vingar-se do mal. Tu, ó miserável, tu te enganas a ti mesmo, não a Deus. Tu te enganas, repito-o, enquanto a iniqüidade mente contra si mesmo, mas não contra Deus. Ages de modo doloso, e diante d'Ele: e por isso tu te enganas a ti mesmo, mas não a Deus. Como para corresponder a um tão grande bem d'Ele em ti, maquinas tão grande mal contra Ele. Não sem razão, portanto, tua iniqüidade atrai-te o ódio de Deus.

Pode dar-se maior perversidade que desprezar a Deus no que merece ser mais amado? Não duvidas do poder de Deus, capaz sempre de criar-te ou de destruir-te, e todavia que atitude pode ser mais reprochável que a tua quando abusas de sua grande doçura, crendo que não se levantará para vingar-se se lhe pagas com mal o bem, e com ódio o amor?

33. Essa perversidade, portanto, merece não uma ira momentânea, mas um ódio eterno: justo porque queres e esperas igualar-te a teu dulcíssimo e altíssimo Senhor. Ele tem de suportar-te e não te expulsa de sua vista, conquanto o pudesse fazer; elege suportar o que não lhe apraz em vez de padecer tua perda; não lhe custa nada arruinar-te, mas pensas que sua condescendência não lho pode

dulcedine, ut aestimas, velle non possit. Certe si talis est qualem putas, tanto nequius agis, si non amas. Et si ille patitur aliquid fieri contra se potius, quam ipse aliquid faciat contra te; quanta malitia est, ut vel tu non parcas illi, qui sibi non parcit, parcendo tibi?

Absit tamen ab ejus perfectione, ut quia dulcis est, justus non sit, quasi simul dulcis et justus esse non possit: cum melior sit justa dulcedo, quam remissa; imo virtus non sit dulcedo sine justitia. Quia igitur gratuitae Dei bonitati, qua gratis factus es, ingratus existis, justitiam vero quam expertus non es, non metuis; ideoque audacter committis culpam, de qua falso tibi promittis impunitatem: jam ecce justum senties, quem bonum nosti, cadens in foveam, quam paras auctori: ut dum scilicet talem in eum poenam machinaris, qua tamen valeat carere si velit, sed ut putas non valeat velle; et ideo nec carere ea utique bonitate, qua neminem expertus es illum punisse: talem justus Deus justissime in te retorqueat poenam, qui nec valet, nec debet pati suam impune bonitatem offendi: sic utique temperans in vindicta sententiam, ut, si velis resipiscere, non neget veniam; secundum tamen duritiam tuam et cor impoenitens, non possis velle, et ideo nec poena carere.

34. Sed jam audi calumniam: *Coelum*, inquit, *mihi sedes est, terra autem scabellum pedum meorum* (Isa. LXVI, 1). Non dixit, Oriens, aut Occidens, aut Una aliqua coeli plaga: sed, Totum coelum mihi sedes est. Non potes ergo in parte sedere coeli, cum ille totum elegerit sibi. In terra non potes, quia scabellum pedum ejus est. Terra etenim locus solidus est, ubi sedet Ecclesia, fundata supra firmam petram. Quid facies? E coelo pulsus, in terra remanere non potes. Elige ergo tibi in aere locum, non ad sedendum, sed ad volandum: ut qui tentasti concutere statum aeternitatis, poenam sentias propriae fluctuationis. Te ergo fluctuante inter coelum et terram, sedet Dominus super solium excelsum et elevatum, et plena est omnis terra majestate ejus (Isa. VI, 3), ut nusquam nisi in aere invenias locum.

35. Seraphim namque aliis quidem alis suae contemplationis de throno ad scabellum, de scabello ad thronum volantia, aliis caput Domini pedesque velantia, ad hoc ibi posita puto, ut sicut homini peccanti paradisi per Cherubin prohibetur ingressus, ita et per Seraphin tuae curiositati modus imponatur : quatenus nec coeli jam magis impudenter, quam pru-

permitir. Mas justamente, se Deus é tal qual tu pensas, então ages tão indignamente quanto não o amas. E, se Ele prefere padecer algo contra si mesmo antes que causar-te um mal, quão grande é tua malícia, e quão insensível és para com tal Senhor, que, perdoando-te, não se perdoa a si mesmo.

Sua perfeição, contudo, não lhe impede que seja doce e justo a uma só vez: como se lhe fosse impossível ser doce e ao mesmo tempo justo. Com efeito, a autêntica bondade funda-se na justiça, não na fraqueza. Mais que isso, sem a justiça a doçura não é virtude. E tu és um ingrato, porque, se existes, não é senão graças à bondade gratuita de Deus: nela fostes criado gratuitamente. Não temes a justiça que ainda não padeceste, e audaciosamente incorres em culpa, da qual falsamente pretendes ficar impune. Chegará já o momento em que provarás quão justo é Aquele que conheceste como bom. Então cairás na fossa mesma que preparaste para teu Criador. Maquinas uma ofensa; Ele podê-la-ia esquivar se o quisesse; mas, segundo teus próprios critérios, não é capaz de querê-lo – e sua bondade lhe impede o castigar. No entanto, o Deus justo, que não pode nem há de permitir seja ofendida sua bondade, justissimamente te retorquirá com uma pena; mas temperará de tal modo a sentença, que, se quiseres emendar-te, não deixará de dar-te o perdão. Dada todavia tua obstinação, dado teu impenitente coração, não o poderás querer: e carregarás para sempre a pena.

34. Escuta agora este embuste: "O céu é meu trono, e a terra o escabelo de meus pés" [Is 66, 1; At 7, 49]. Não disse "o Oriente" ou "o Ocidente", nem nenhuma outra parte do céu, senão que disse "todo o céu é meu trono". Mas não podes tu sentar-te em nenhuma parte do céu: Ele escolheu-o todo para si. Tampouco o podes fazer na terra: é o escabelo de seus pés. A terra é um lugar sólido, onde está assentada a Igreja sobre a rocha firme. Que farás? Foste expulso do céu, e não podes ficar na terra. Procura pois um lugar no ar, não, é claro, para sentar-te, mas para voar: sentirás então a pena de tua mesma flutuação, tu, que tentaste perturbar a quietude da eternidade. E, enquanto vais flutuando entre o céu e a terra, o Senhor senta-se num trono excelso e elevado, e toda a terra está plena de sua majestade – de modo que não encontrarás outro lugar que o ar.

35. Os serafins, com as asas de sua contemplação, voam do trono ao escabelo, e do escabelo ao trono; e com as outras asas cobrem a cabeça e os pés do Senhor. Penso que se lhes atribuiu tal lugar com um fim determinado: assim como um Querubim impedia ao homem entrar no paraíso, assim também um Serafim te cerceia a curiosidade. Doravante não voltarás a esquadrinhar, tão impudentemente e tão pouco recatadamente, os arcanos celestes, nem poderás

denter arcana rimeris, nec Ecclesiae mysteria cognoscas in terris; sed solis contentus sis cordibus superborum, qui nec in terra dignantur esse sicut caeteri hominum, nec sicut Angeli volant ad coelum.

Licet vero et caput in coelo, et pedes in terra a te abscondantur; quiddam tamen tibi medium videndum ad invidendum duntaxat permittitur: dum suspensus in aere, descendentes quidem per te, et ascendentes Angelos intueris; sed quid vel audiant in coelis, vel nuntient terris, penitus nescis.

36. O Lucifer, qui mane oriebaris, imo non jam lucifer, sed noctifer, aut etiam mortifer, rectus cursus tuus erat ab oriente ad meridiem, et tu praepostero ordine tendis ad aquilonem? Quanto magis ad alta festinas, tanto celerius ad occasum declinas. Velim tamen curiosius, o curiose, intentionem tuae curiositatis inquirere. *Ponam*, inquit, *sedem meam ad aquilonem* (Isa. XIV, 13). Nec aquilonem hunc corporalem, nec sedem hanc (cum sis spiritus) intelligo materialem. Puto autem per *aquilonem*, reprobandos homines fuisse designatos; per *sedem*, potestatem in illos. Quos utique in praescientia Dei, quanto ei vicinior, tanto caeteris perspicacior praevidens, nullo quidem sapientiae radio coruscantes, nullo spiritus amore ferventes, velut vacuum repereris locum, affectasti super illos dominium, quos quadam tuae astutiae claritate perfunderes, tuae malitiae aestibus inflammares: ut quomodo Altissimus sua sapientia ac bonitate omnibus filiis obedientiae praeerat, ita et tu super omnes filios superbiae rex constitutus, tua eos astuta malitia, ac malitiosa astutia regeres, per quod Altissimo similis esses. Sed miror cum in praesentia Dei tuum praevideris principatum, cur non in eadem praevidisti et praecipitium? Nam si praevidisti, quae insania fuit, ut cum tanta miseria cuperes principari, ut malles misere praeesse, quam feliciter subesse? An non expediebat participem esse plagarum illarum luminosarum, quam principem tenebrarum harum? Sed credibilius est, quod non praevidisti: aut propter illam causam, quam superius dixi, quia Dei bonitatem attendens, dixisti in corde tuo. *Non requiret* (Psal. X, 13), propter quod, o impie, Deum irritasti; aut quia viso principatu, statim in oculo superbiae trabes excrevit, qua interposita casum videre non potuisti.

37. Sic Joseph cum praevidisset exaltationem suam (Gen. XXXVII, 7-9), non tamen praescivit sui venditionem, quamvis propior esset venditio, quam

conhecer os mistérios da Igreja na terra. Não te sentirás satisfeito senão entre os corações soberbos, que não se acomodam na terra como os outros, nem voam para o céu como os anjos.

Ainda que no céu se te oculte a cabeça, e na terra os pés, permite-se porém que vejas algo desse mundo como para excitar tua inveja; e, enquanto te encontras suspenso no ar, vês que uns anjos descem por ti e que outros ascendem, mas não sabes nada do que ouvem no céu nem do que anunciam na terra.

36. Ó Lúcifer, que raiavas como a manhã, agora já não és lucífero, mas noctífero e mortífero: teu reto curso ia do oriente ao meio-dia, mas tu, mudando de direção, diriges-te ao Aquilão? Quanto mais te apressas a subir às alturas, mais vertiginosamente mergulhas nas trevas do ocaso. Mas é curioso, ó curioso: eu quereria inquirir a intenção de tua curiosidade. "Porei", dizes, "meu trono para o Aquilão" [Is 14, 13]; e, como tu és espírito, não me ocorre pensar que tal Aquilão e tal trono sejam materiais. Penso antes que no Aquilão se representam todos os homens que hão de ser condenados; e no trono, o domínio sobre eles. Se a proximidade de Deus te provocava uma perspicácia sem igual, e vias na presciência divina que os réprobos não brilhavam com nenhum raio de sabedoria nem ardiam no amor do Espírito, encontraste todavia um lugar vazio. Tu te propuseste a dominá-los, a cobri-los com a claridade de tua astúcia, a inflamá-los nos ardores de tua malícia. Serias, assim, semelhante ao Altíssimo, que, com sua sabedoria e bondade, estava à testa de todos os filhos da obediência: mas tu, proclamado rei de todos os filhos da soberba, pensavas em governá-los com tua malícia astuciosa e com tua maliciosa astúcia. Não posso conceber como, havendo adivinhado diante de Deus teu principado, não intuíste tua queda; e, se a intuíste, que loucura a tua: como se pode ambicionar um reino de tanta miséria, e preferir uma miserável realeza a uma feliz submissão? Não te aproveitaria mais participar da luminosidade do espaço do que ser príncipe nas trevas? Mas talvez não hajas calculado bem, e provavelmente pelo que eu disse: atendendo à bondade de Deus, disseste em teu coração: "Esqueceu-se [apartou seu rosto, não vê jamais]" [Sl 9, 34], com o que, ó ímpio, irritaste a Deus; ou porque, ao ver o reino, cresceu em teu olho a trave e te impediu a visão da queda.

37. Também José previu sua exaltação;[42] não previu que seria vendido; e até viria antes sua vendição que sua exaltação. Não quero dizer com isso que

42 Gn 37, 7-9.

exaltatio. Non quod tantum patriarcham in superbiam crediderim incidisse: sed ut ejus exemplo pateat, quod hi qui futura praevident per spiritum prophetiae, etsi non omnia, non ideo tamen putandi sunt nulla praevidisse. Quod si quis contendat in eo quod somnia sua adhuc adolescentulus narrabat, quorum tunc mysterium ignorabat, vanitatem posse notari; ego tamen mysterio magis sive simplicitati pueri deputandum arbitror, quam vanitati. Quae tamen, si qua fuit, per ea quae passus legitur, potuit expiari.

Nonnullis enim aliqua aliquando de se per revelationem jucunda monstrantur, quae etsi humanus animus absque ulla vanitate scire non potest, non minus ideo eveniet quod monstratum est; sic tamen ut illa vanitas impunita non sit, qua de magnitudine revelationis aut promissionis in se vel leviter exsultavit. Sicut enim medicus, non solum unguento, sed igne utitur et ferro, quo omne quod in vulnere sanando superfluum excreverit, secet et urat, ne sanitatem, quae ex unguento procedit, impediat: sic medicus animarum Deus hujusmodi animae procurat tentationes, immittit tribulationes, quibus afflicta et humiliata, gaudium vertat in luctum, revelationem putet illusionem. Unde fit ut vanitate careat, et veritas revelationis non pereat.

Sic Pauli extollentia per stimulos carnis reprimitur (II Cor. XII, 7), et ipse revelationibus crebris attollitur. Sic Zachariae infidelitas linguae obligatione mulctatur (Luc. I, 20), et angeli veritas suo in tempore manifestanda non mutatur. Sic per gloriam et ignobilitatem sancti proficiunt, dum inter singularia dona quae recipiunt, communi hominum vanitate pulsari se sentiunt: ut dum per gratiam supra se aliquid cernunt, non obliviscantur quod sunt.

38. Sed quid de revelationibus ad curiositatem? De quibus ut haec per excessum intermiscerem, inde occasio sumpta est, cum ostendere vellem, reprobum angelum ante casum suum sic potuisse praevidere illam, quam post accepit, in reprobos homines dominationem, ut tamen suam non praesciret damnationem. De quo etiam nonnullis quaestiunculis motis magis, quam solutis, totius disputatiunculae haec summa sit: quod per curiositatem a veritate ceciderit, quia prius spectavit curiose, quod affectavit illicite, speravit praesumptuose. Jure igitur in gradibus superbiae primum curiositas vindicat

este patriarca houvesse incorrido em soberba; mas seu exemplo patenteia que os que prevêem o futuro graças ao espírito de profecia, esses podem ver algo, ainda que não em sua totalidade. Talvez alguém se entregue a sustentar que a vaidade se manifesta em que, sendo ainda adolescente, ele se entretinha em contar certos sonhos cujo mistério desconhecia. Eu creio, porém, que tal atitude se encontra mais no âmbito do mistério, ou no da simplicidade infantil, que no da vaidade; e, no entanto, se tal se deu, pôde perfeitamente expiá-lo por tudo quanto se lê que passou.

Algumas vezes, com efeito, dão-se revelações que se mostram agradáveis, e a alma humana não as pode receber sem que se cumpra o revelado. Mas qualquer sorte de vaidade que se apóie na sublimidade da revelação ou da promessa não ficará impune. Tomemos o caso do médico: com efeito, ele não se serve só do ungüento, senão que usa também o fogo e os ferros, porque com eles queima e corta as excrecências da ferida que vai tratar a fim de que não impeçam a terapia do ungüento. Deus é o médico das almas: à alma, envia-lhe provas e tribulações, que a afligem e humilham; transforma a alegria em luto, e a revelação parece ilusão. Pois é assim que ela se verá livre da vaidade, e a verdade da revelação não perecerá.

Desse modo, a vanglória de Paulo é refreada pelo aguilhão da carne,[43] enquanto ele é agraciado com muitas revelações. Sucede o mesmo com a incredulidade de Zacarias: ele foi castigado com a mudez,[44] mas nem por isso deixou de cumprir-se a verdade da revelação, a qual no devido tempo haveria de manifestar-se. É assim, portanto, que entre a glória e a ignobilidade progridem os santos. Sentem pulsar a vaidade humana, mas ao mesmo tempo recebem graças abundantes. Não lhes é pois possível esquecer o que são quando, pela graça, advertem algo que os excede.

38. Mas que têm que ver as revelações com a curiosidade? A razão por que entrelacei aqui este assunto apareceu quando quis mostrar que o Anjo reprovado, antes da queda, podia ter previsto o domínio sobre os homens reprovados que depois receberia, sem que com isso previsse sua própria danação. E acerca deste Anjo apresentamos certas questões sem importância, e tampouco se buscaram soluções para elas. Seja pois esta a conclusão das idéias derradeiras: pela curiosidade apartamo-nos do âmbito da verdade. Primeiro se olha com curiosidade o que depois se deseja ilicitamente e se anela com presunção. Evidentemente, a curiosidade reclama para si o primeiro dos graus da soberba, que, de

43 II Cor 12, 7.
44 Lc 1, 20.

sibi, quae etiam inventa est initium esse omnis peccati. Sed nisi haec citius cohibeatur, in levitatem animi, quae secundus gradus est, cito delabitur.

39. Monachus enim, qui sui negligens, alios curiose circumspicit, dum quosdam suspicit superiores, quosdam despicit inferiores: et in aliis quidem videt quod invidet, in aliis quod irridet. Inde fit ut pro mobilitate oculorum levigatus animus, nulla utique sui cura aggravatus, modo per superbiam ad alta se erigat, modo per invidiam in ima demergat: nunc per invidiam nequiter tabescit, nunc per excellentiam pueriliter hilarescit. In altero nequam, in altero vanus, in utroque superbus existit: quia et quod superari se dolet, et quod superare se gaudet, amor propriae excellentiae facit.

Has autem animi vicissitudines nunc pauca et mordacia, nunc multa et inania; nunc risu, nunc luctu plena, semper vero irrationabilia indicant verba. Compara, si vis, hos duos primos superbiae gradus supremis duobus humilitatis: et vide si non in ultimo curiositas, in penultimo levitas cohibetur. Id ipsum in caeteris reperies, si alterutrum comparentur. Sed jam ad tertium docendo, non descendendo veniamus.

40. Proprium est superborum, laeta semper appetere, et tristia devitare, juxta illud: *Cor stultorum ubi laetitia* (Eccle. VII, 5). Unde et monachus, qui duos jam superbiae gradus descendit, dum per curiositatem ad animi levitatem devenit, cum gaudium quod semper appetit, frequenti videt interpolari tristitia, quam de bonis alterius contrahit, impatiens suae humiliationis, fugit ad consilium falsae consolationis. Ex illa denique parte, qua sibi sua vilitas, et aliena excellentia monstratur, restringit curiositatem, ut totum se transferat in contrariam partem: quatenus in quo ipse videtur praecellere curiosius notet; in quo alter praecellit, semper dissimulet: ut dum devitat quod triste putatur, laetitia continuetur. Sicque fit ut quem sibi vicissim vindicabant gaudium et tristitia, sola possidere incipiat inep-

acordo com a grande maioria, é a fonte de todos os pecados. Por isso, se não se coíbe prontamente, logo se passa à ligeireza de espírito, que é o segundo grau.

Segundo grau: a ligeireza de espírito

XI. 39. Com efeito, o monge negligente consigo mesmo ocupa-se curiosamente dos demais: a alguns reconhece-os como superiores; aos que porém considera inferiores, a esses os despreza. Nos primeiros, de fato, vê coisas que inveja, enquanto nos segundos vê coisas de que se ri. Daí que a alma, diluída em tal mobilidade dos olhos, e de todo alheia ao cuidado de si, às vezes se erija alto pela soberba, às vezes se deprima fundo pela inveja. Ora se enche de maldade e se consome de inveja, ora ri puerilmente ante sua própria glória. No primeiro caso, manifesta-se a maldade; no segundo, a vaidade; em ambos, a soberba. Pois o amor da própria excelência é o que o faz doer-se pelo que o supera e alegrar-se por sentir-se superior.

Essas vicissitudes do espírito se notam pelo modo de falar: às vezes é lacônico e mordaz; outras, loquaz e vão; ora explode de rir, ora rompe em pranto, é sempre de palavras irrazoáveis. Se quiseres, compara estes dois graus da soberba com os últimos da humildade, e verás que no último se cerceia a curiosidade, enquanto no penúltimo a ligeireza: e o mesmo se dará nos outros graus, se os comparares entre si. Passemos agora, porém, a explicar o terceiro grau – sem cair nele.

Terceiro grau: a alegria tola

XIII. 40. É próprio do soberbo apetecer sempre acontecimentos alegres e esquivar sempre acontecimentos tristes, segundo aquilo: "Está o coração do estulto ali onde há alegria" [Ecl 7, 4]. Por isso também o monge, uma vez descidos os dois primeiros graus da soberba, chega pela curiosidade à ligeireza de espírito: com o gáudio, que ele sempre apetece, vê amiúde interpolar-se a tristeza, razão por que do bem contraído por outro, impaciente de sua humilhação, foge então para o conselho de uma falsa consolação. Refreia a curiosidade para não ver a evidência de sua baixeza e a nobreza dos outros. Inclina-se assim para a parte oposta: realça aquilo em que julga sobressair, e atenua dissimuladamente as excelências dos demais. Pretende vedar com isso o que considera seja a fonte de sua tristeza, a fim de viver em constante alegria fingida. Flutuando pois entre o gáudio e a tristeza, cai por fim na armadilha

ta laetitia. In hac autem, in qua tertium tibi gradum constituto, accipe quibus eam signis vel in te deprehendas, vel in altero. Illum qui ejusmodi est, aut nunquam, aut raro gementem audies, aut lacrymantem videbis. Putes, si attendas, aut sui oblitum, aut ablutum a culpis. In signis scurrilitas, in fronte hilaritas, vanitas apparet in incessu. Pronus ad jocum, facilis ac promptus in risu. Cunctis quippe quae in se contemptibilia, et ideo tristia noverat, a memoria rasis; bonisque, si qua sentit in se, adunatis vel simulatis ante oculos mentis, dum nil cogitat nisi quod libet, nec attendit si licet; jam risum tenere, jam ineptam laetitiam dissimulare non valet.

Ut enim vesica collecto turgida vento, punctoque perforata exiguo, si stringitur, crepitat dum detumescit; ac ventus egrediens non passim effusus, sed strictim emissus crebros quosdam sonitus reddit: sic monachus, ubi vanis scurrilibusque cor suum cogitationibus impleverit, propter disciplinam silentii non inveniens ventus vanitatis qua plenius egrediatur, inter angustias faucium per cachinnos excutitur. Saepe vultum pudibundus abscondit, claudit labia, dentes stringit; ridet non volens, cachinnat invitus. Cumque os pugnis obstruxerit suis, per nares adhuc sternutare auditur.

41. At postquam vanitas crescere, et vesica grossescere coeperit, necesse est ut ampliori foramine, laxato sinu, ventositas eructetur, alioquin rumpetur. Sic monachus inepta redundante laetitia dum risu, vel signis eam aperire non sufficit, in Heliu verba prorumpit: *En venter meus, quasi mustum absque spiraculo, quod novas lagunculas dirumpit* (Job. XXXII, 19). Aut loquetur ergo, aut rumpetur. Plenus est enim sermonibus, et coarctat eum spiritus uteri sui. Esurit et sitit auditores, quibus suas jactitet vanitates, quibus omne quod sentit, effundat: quibus, qualis, et quantus sit, innotescat. Inventa autem occasione loquendi, si de litteris sermo exoritur, vetera proferuntur, et nova; volant sententiae, verba resonant ampullosa. Praevenit interrogantem, non quaerenti respondet. Ipse quaerit, ipse solvit, et verba collocutoris imperfecta praescindit. Cum autem pulsato signo necesse est interrumpi colloquium, horam longam, breve queritur intervallum; quaerit licentiam, ut ad fabulas revertatur post horam, non ut quempiam aedificet, sed ut scientiam jactet. Aedificare potest, sed non

da alegria tola. Ponho aqui o terceiro grau da soberba. E com isso tens já suficientes indícios se este grau se dá em ti ou em outros. A estes, com efeito, nunca os verás gemer ou chorar; e, se te deténs a reparar neles um momento, pensarás que se esqueceram de si mesmos, ou que se lavaram de suas culpas. Mas seus gestos transluzem ligeireza; seu semblante, tal alegria tola; seu modo de andar, vaidade. São tendentes a pilhérias, e de riso fácil. Como apagaram da memória tudo o que lhes possa humilhar e entristecer, imaginam ou sonham todas as excelências que julgam ter. Não pensam senão no que lhes apraz, e são incapazes de conter o riso e de dissimular a alegria tola.

São como uma bexiga cheia de ar: se as furas com um alfinete e a apertas, faz barulho enquanto se desinfla. O ar, ao passar por tal minúsculo buraco, produz muitos sons originais. Pois o mesmo sucede ao monge que inflou seu coração de pensamentos vãos e jactanciosos. A disciplina do silêncio não o deixa expulsar livremente o ar da vaidade, razão por que o expele pela boca de modo forçado e entre gargalhadas. Não raro, por vergonha, esconde o rosto, aperta os lábios, trinca os dentes, ri constrangido, solta risadas forçadas. Mas, ainda que feche a boca com os punhos, ainda deixa escapar pelo nariz seguidos espirros.

Quarto grau: a jactância

XIII. 41. Se em seguida a vaidade cresce e a bexiga engrossa, chega-se a uma amplitude tal, que se faz necessário um orifício maior: do contrário, poderia rebentar. É o que se dá no monge que ultrapassa a alegria tola. Já não lhe é suficiente o simples buraco do riso ou dos gestos, e prorrompe com as palavras de Eliú: "Eis que meu peito é como o mosto sem respiradouro, o qual faz estourar as vasilhas novas" [Jó 32, 19]. Se não fala, estoura. Está cheio, com efeito, de verborragia, e o vento do ventre o constrange. Vive sedento de auditório a que possa lançar suas vaidades, expelir tudo o que sente, dar a conhecer o que é e vale. Na primeira oportunidade, se o assunto são as ciências, traz à colação sentenças tanto antigas como novas, e desfia uma peroração com palavras que ressoam ostentosas. Antecipa-se às perguntas; e responde até a quem não lhe pergunta. Propõe questões; resolve-as ele mesmo, e interrompe o interlocutor, impedindo-lhe que termine o que começara a dizer. Quando soa o sinal e se tem de suspender a conversação, a longa hora transcorrida parece-lhe um instante, razão por que pede para voltar a suas histórias após o tempo determinado. Não o faz, claro está, para edificar a ninguém, mas para cantar sua própria ciência. Poderia, sim, edificar; mas

aedificare intendit. Non curat te docere, vel a te doceri ipse quod nescit; sed ut scire sciatur quod scit.

Quod si de religione agitur, statim visiones et somnia proferuntur. Denique laudat jejunia, commendat vigilias, super omnia orationes exaltat; de patientia, de humilitate, et de singulis virtutibus plenissime, sed vanissime disputat: ut tu scilicet, si audieris, dicas, quod *ex abundantia cordis os loquitur*, et quia *bonus homo de bono thesauro suo profert bona* (Luc. VI, 43).

Si ad ludicra sermo convertitur, in his quanto assuetior, tanto loquacior invenitur. Dicas, si audias rivum vanitatis, fluvium esse scurrilitatis os ejus, ita ut severos quoque et graves animos in levitatem concitet risus. Et ut totum in brevi colligam, in multiloquio nota jactantiam. In hoc habes quartum gradum et descriptum, et nominatum. Fuge rem, et tene nomen. Hac eadem cautela jam accede ad quintum, quem nomino singularitatem.

42. Turpe est ei, qui se supra caeteros jactat, si non plus caeteris aliquid agat, per quod ultra caeteros appareat. Proinde non sufficit ei quod communis monasterii regula, vel majorum cohortantur exempla. Nec tamen melior esse studet, sed videri. Non melius vivere, sed videri vivere gestit, quatenus dicere possit: *Non sum sicut caeteri hominum* (Luc. XVIII, 11). Plus sibi blanditur de uno jejunio, quod caeteris prandentibus facit, quam si cum caeteris septem dies jejunaverit. Commodior sibi videtur una oratiuncula peculiaris, quam tota psalmodia unius noctis. Inter prandendum crebro solet oculos jactare per mensas, ut si quem minus comedere viderit, victum se doleat, et incipiat idipsum sibi crudeliter subtrahere, quod necessarium victui indulgendum praeviderat, plus gloriae metuens detrimentum, quam famis cruciatum. Si quem macriorem, si quem pallidiorem perspexerit, vilem se aestimat, nunquam requiescit. Et quoniam vultum ipse suum videre non potest, qualem scilicet se intuentibus offert, manus quas potest et brachia spectans, palpat costas, humeros attrectat et lumbos: ut secundum quod corporis sui membra, vel minus, vel satis exilia probat, pallorem oris ac colorem discernat.

Ad omnia denique sua strenuus, ad communia piger. Vigilat in lecto, dormit in choro: cumque aliis psallentibus ad vigilias tota nocte dormi-

não o pretende. Não tenta ensinar-te nem valer-se de teus conhecimentos, mas apenas demonstrar-te que sabe algo.

Se a conversa é sobre religião, logo saca à luz visões e sonhos. Depois louva o jejum, recomenda as vigílias, exalta acima de tudo as orações; quanto à paciência, à humildade ou a cada uma das virtudes, disputa plenissimamente mas vanissimamente, de modo que ouvindo-o digas que "a boca fala da abundância do coração" [Mt 12, 34], porque, "o homem bom tira boas coisas do bom tesouro [de seu coração]" [Mt 12, 35].

Se a conversa porém se torna recreativa, então ele se encontra tão loquaz como de costume. Se o ouvires, dirás que sua boca é uma corrente de vaidade, um rio de chocarrices, a ponto de concitar até as mais graves e severas almas a rir levianamente. E, coligindo brevemente de tudo isso, diga-se que no muito falar se nota a jactância. Nisso tens designado e descrito o quarto grau. Foge dele, mas tenha-o na mente. E com esta cautela passemos já ao quinto, a que chamo "a singularidade".

Quinto grau: a singularidade

XIV. 42. Seria algo disforme, para os que se presumem superiores aos outros, não sobressair sempre ao comum e não atrair a atenção por sua mesma superioridade: já não os exorta a regra comum do mosteiro, nem os exemplos dos maiores. Com efeito, não buscam ser melhores, mas tão-somente parecê-lo. Não viver melhor, mas aparentar que são melhores para poder dizer: "Não sou como os outros homens" [Lc 18, 11]. Lisonjeia-se mais com jejuar um só dia em que os outros comem como se houvesse jejuado sete dias com toda a comunidade. Parece-lhe mais proveitosa uma breve oração particular que toda a salmodia de uma noite. Nas refeições, lança amiúde o olhar às outras mesas: se vê que alguém come menos, dói-se como se houvesse sofrido uma derrota; começa então a privar-se do que julgava que devia comer, temendo antes o detrimento de sua glória que o tormento da fome. E, se encontra alguém de aparência mais pálida, condena-se a si mesmo por vil, e já não pode viver tranquilo. Como não pode ver seu próprio rosto nem saber o impacto de seu semblante entre os outros, olha suas mãos e seus braços, toca suas costelas, apalpa suas clavículas e suas omoplatas. Pretende assim verificar, segundo o estado de seus membros, mais ou menos descarnados, o que seu rosto pode delatar.

Vive enfim sempre à espreita de seus próprios interesses, ao passo que é indolente quanto às coisas comuns. Vela na cama, dorme no coro. Dormita

tet, post vigilias aliis in claustro quiescentibus solus in oratorio remanet: exscreat, et tussit, gemitibus ac suspiriis aures foris sedentium de angulo implet. Cum autem ex his quae singulariter, sed inaniter agit, apud simpliciores ejus opinio excreverit, qui profecto opera probant quae cernunt, sed unde prodeant non discernunt; dum miserum beatificant, in errorem inducunt (Isa. III, 12).

43. Credit quod audit, laudat quod agit, et quod intendat non attendit. Obliviscitur intentionem dum amplectitur opinionem. Quique de omni alia re plus sibi credit, quam aliis, de se solo plus aliis credit, quam sibi: ut non jam verbo tenus, aut sola operum ostentatione suam praeferat religionem, sed intimo cordis credat affectu omnibus se sanctiorem: et quidquid de se laudatum agnoverit, non ignorantiae aut benevolentiae laudatoris, sed suis meritis arroganter ascribit. Unde post singularitatem, sextum sibi gradum jure arrogantia vindicat. Post hanc praesumptio invenitur, in qua septimus gradus constituitur.

44. Qui enim alios se praecellere putat, quomodo non plus de se, quam de aliis praesumat? Primus in conventibus residet, in consiliis primus respondet: non vocatus accedit, non jussus se intromittit: reordinat ordinata, reficit facta. Quidquid ipse non fecerit aut ordinaverit, nec recte factum, nec pulchre existimat ordinatum, Judicat judicantes, praejudicat judicaturis. Si, cum tempus advenerit, non promoveatur ad Prioratum; suum abbatem aut invidum judicat, aut deceptum. Quod si mediocris ei aliqua obedientia injuncta fuerit, indignatur, aspernatur, arbitrans se non esse minoribus occupandum, qui se ad majora sentit idoneum.

Sed qui sic promptulus ad omnia se magis temere, quam libere consuevit ingerere, impossibile est eum aliquando non errare. Ad praelatum

toda a noite, durante o mesmo canto das vigílias; depois, enquanto os outros se encontram quietos no claustro, permanece sozinho no oratório; pigarreia e tosse; e do canto em que está perturba com seus gemidos e suspiros aos que estão sentados do lado de fora. Mas, com todas essas singularidades, age inanimemente, consegue para si entre os mais simples uma alta consideração, que têm por certo o que vêem e não discernem de quem procede, ou seja, de um mísero monge, e incorrem assim em erro.[45]

Sexto grau: a arrogância

XV. 43. Crê o arrogante no que ouve [a seu respeito], louva o que faz, mas não atende ao que pretende. Esquece-se da intenção, porque abraça a opinião. Em qualquer outra coisa, fia-se mais em si mesmo que nos outros: só quando se trata dele mesmo, é que crê mais nos outros que em si mesmo, de modo que já não só prefere seu palavrório e sua pura ostentação à religião, senão que no íntimo do coração se tem como o mais santo de todos; e, quando lhe louvam algo, não o atribui à ignorância ou à benevolência de quem o elogia, mas arrogantemente a seus próprios méritos. Desse modo, em seguida à singularidade, a arrogância reivindica para si o sexto grau. Segue-se a ela a presunção, que é o sétimo.

Sétimo grau: a presunção

XVI. 44. Aquele que está convicto de que sobressai aos outros, como não presumirá mais de si que dos outros? Nos capítulos, senta-se primeiro; nas deliberações, é o primeiro a responder; apresenta-se onde quer que o chamem, intromete-se no que não lhe diz respeito; reordena o já ordenado, e refaz o já feito. O que não tocaram suas mãos, não está bem nem no devido lugar. Julga os tribunais, e prejulga os que serão julgados. Se, ao se reordenarem os cargos, não o nomeiam prior, pensa que seu abade é invejoso ou que está enganado. Se lhe confiam algum cargo insignificante, encoleriza-se, tem asco de tudo, pensando que alguém tão capaz de grandes empresas como ele não deve ocupar-se de coisas tão triviais.

Mas é impossível acertar sempre, particularmente aquele que tanto se intromete em tudo, mais por temeridade que por espontaneidade. Cabe ao superior

45 Is 3, 12.

autem pertinet errantem arguere. Sed quomodo culpam suam confitebitur, qui nec esse putat, nec putari culpabilis patitur? Propterea cum ei culpa imputatur, crescit, non amputatur. Si ergo cum argutus fuerit, declinare cor ejus videris in *verba malitiae*, in octavum gradum, qui dicitur defensio peccatorum, noveris corruisse.

45. Multis vero modis fiunt excusationes in peccatis. Aut enim dicit qui se excusat, Non feci; aut, Feci quidem, sed bene feci; aut, Si male, non multum male; aut, Si multum male, non mala intentione. Si autem et de illa, sicut Adam vel Eva, convincitur, aliena suasione excusare se nititur. Sed qui procaciter etiam aperta defendit, quando occultas et malas cogitationes, cordi suo advenientes, humiliter revelaret abbati?

46. Licet vero genera haec excusationis eatenus mala judicentur, quatenus ore prophetico verba malitiae appellantur (Psal. CXL, 4); multo tamen periculosior est fallax ac superba confessio, quam pervicax [al. procax] et obstinata defensio. Nonnulli enim cum de apertioribus arguuntur, scientes quod si se defenderent, sibi non crederetur, subtilius inveniunt argumentum defensionis, verba respondentes dolosae confessionis. *Est quippe*, ut scriptum est, *qui nequiter humiliat se, et interiora ejus plena sunt dolo* (Eccli. XIX, 23). Vultus demittitur, prosternitur corpus: aliquas sibi lacrymulas extorquent, si possunt; vocem suspiriis, verba gemitibus interrumpunt. Nec solum qui ejusmodi est, objecta non excusat, sed ipse quoque culpam exaggerat: ut dum impossibile aliquid aut incredibile culpae suae ore ipsius additum audis, etiam illud, quod ratum putabas, discredere possis; et ex eo quod falsum esse non dubitas dum confitetur, in dubium veniat quod quasi certum tenebatur. Dumque affirmant quod credi nolunt, confitendo culpam defendunt, et aperiendo tegunt; quando et confessio laudabiliter sonat in ore, et adhuc iniquitas occultatur in corde: quatenus magis ex humilitate quam ex veritate confiteri putet qui audit, aptans eis illud Scripturae: *Justus in principio sermonis accusator est sui* (Prov. XVIII, 17).

corrigir ao que falta; mas como há de confessar sua culpa aquele que nem sequer pensa que é culpado nem suporta que o tenham por tal? Por isso, quando o culpam de algo, em vez de fazê-lo livrar-se da culpa isso a agrava. Se ao ser corrigido vires que seu coração reage com palavras maliciosas, advertirás que incorreu no oitavo grau, dito "a escusa dos pecados".

Oitavo grau: a escusa dos pecados

XVII. 45. De muitos modos, porém, se fazem escusas nos pecados. O que se escusa diz, com efeito: "Eu não o fiz"; ou "sim, eu o fiz, mas o fiz bem". Se fez mal alguma coisa, diz: "Não o fiz de todo mal". Se o fez muito mal, diz então: "Sem má intenção". Se o convences de sua má intenção, como a Adão e a Eva, esforça-se por escusar-se dizendo que outros o persuadiram. Mas quem escusa com descaramento o evidente, como poderá revelar com humildade a seu abade as cogitações más e ocultas que lhe chegam ao coração?

Nono grau: a confissão simulada

XVIII. 46. Ainda que todos esses gêneros de escusa sejam maus, e que o profeta os chame palavras de malícia,[46] a confissão enganosa e soberba, todavia, é muito mais perigosa que a escusa atrevida e teimosa. Alguns há que, ao ser repreendidos por faltas evidentes, sabem que se se defenderem não lhe crerão. E encontram, assim, astutos, um argumento em sua defesa: respondem com palavras que simulam uma verdadeira condição. Como está escrito, "Há os que se humilham com malícia, enquanto no interior estão cheios de dolo" [Eclo 19, 23]. Abate-se o rosto, inclina-se o corpo. Esforçam-se por derramar algumas lágrimas, suspiram e soluçam, e vão além da simples escusa: confessam culpados até ao exagero. Ouvindo tu de sua mesma boca coisas impossíveis ou incríveis que lhes agravam a falta, começas a duvidar do que tinhas por certo. Assoma-lhes aos lábios uma confissão pela qual mereceriam louvor; mas a iniqüidade abriga-se-lhes oculta no coração. O que os ouve pensa que se escusam antes por humildade que por veracidade; e aplica-lhes aquilo das Escrituras: "O justo, ao começar a falar, acusa-se a si mesmo" [Pr 18, 17].[47]

---

46 Sl 140, 4.

47 Em muitas citações feitas por Santos Padres e escritores escolásticos, prevalecia essa versão de Provérbios 18, 17, levemente alterada nas traduções atuais. [Nota do Editor]

Malunt enim apud homines veritate periclitari, quam humilitate, cum apud Deum periclitentur utrinque. Aut si adeo culpa manifesta sit quod nulla penitus versutia tegi possit; nihilominus tamen vocem, non cor poenitentis assumunt, qua notam, non culpam deleant, dum ignorantiam manifestae transgressionis, decore recompensant publicae confessionis.

47. Gloriosa res humilitas, qua ipsa quoque superbia palliare se appetit, ne vilescat! Sed haec cito tergiversatio a praelato deprehenditur, si ad hanc superbam humilitatem non leviter flectitur, quo magis dissimulat culpam, vel differat poenam. Vasa figuli probat fornax, et tribulatio vere poenitentes discernit. Qui enim veraciter poenitet, laborem poenitentiae non abhorret: sed quidquid sibi pro culpa quam odit injungitur, tacita conscientia patienter amplectitur. In ipsa quoque obedientia duris ac contrariis rebus obortis, quibuslibet irrogatis injuriis sustinens non lassescit, ut in quarto gradu se stare indicet humilitatis.

Cujus vero simulata confessio est, una vel levi contumelia, aut exigua poena interrogatus, jam humilitatem simulare, jam simulationem dissimulare non potest. Murmurat, frendet, irascitur; nec in quarto stare humilitatis, sed in nonum superbiae gradum corruisse probatur, qui secundum quod descriptus est, recte simulata confessio appellari potest. Quanta putas tunc confusio sit in corde superbi cum fraus decipitur, pax amittitur, laus minuitur, nec culpa diluitur? Tandem notatur ab omnibus, judicatur ab omnibus: eoque vehementius omnes indignantur, quo falsum conspiciunt quidquid de eo prius opinabantur. Tunc opus est praelato, ut eo minus illi parcendum putet, quo magis omnes offenderet, si uni parcere.

48. Hic nisi eum miseratio superna respiciat, (quod valde difficile talibus est) universorum judiciis tacitus acquiescat; frontosus mox et impudens factus, tanto deterius, quanto desperatius in decimum gradum per rebellionem corruit: quippe prius latenter arrogans fratres contempserat, jam patenter inobediens etiam magistrum contemnit.

Diante da opinião dos homens, prefere periclitar na verdade a fazê-lo na humildade; mas diante de Deus periclita nas duas. Se a culpa é tão manifesta que não pode encobrir-se por subterfúgio algum, então assume palavras de penitente, sem que porém o faça o coração; quer apagar com elas o indício, não a culpa. Desse modo, a ignorância de uma manifesta transgressão é compensada decorosamente por uma confissão pública.

47. Gloriosa coisa é a humildade, de que a própria soberba procura disfarçar-se para não envilecer. Mas esse subterfúgio é logo descoberto pelo superior, se este não se abranda facilmente diante de tal soberba humildade, quer dissimulando a culpa, quer diferindo o castigo. O forno prova os vasos do oleiro; a tribulação discerne os verdadeiros penitentes. O que verdadeiramente faz penitência, esse não aborrece o trabalho da penitência: aceita pacientemente e sem queixa alguma qualquer ordem que lhe dêem para que repare uma culpa que abomina. E, se na mesma obediência surgem conflitos duros e contrários, ao topar com qualquer sorte de injúrias, suporta-os sem desfalecer. Manifesta assim que se encontra no quarto grau da humildade.

O que porém se acusa com dissimulação, quando é posto à prova por qualquer injúria, ainda alguma insignificante, vê-se incapaz de aparentar humildade e de dissimular o próprio fingimento. Murmura, brama de furor, é tomado da ira, e não mostra indício algum de que se encontre no quarto grau da humildade. Manifesta antes que está situado no nono grau da soberba, que, como se disse, pode retamente chamar-se confissão simulada. Quanta e quão grande confusão no coração do soberbo! Com efeito, quando se descobre a fraude, ele perde a paz, e vai-se-lhe minguando a reputação: enquanto isso, permanece intacta a culpa. Por fim, todos lhe apontam o dedo; todos o condenam; e tanto mais se lhes eleva a indignação quanto mais descobrem o logro de que eram vítimas. Então, deve o superior manter-se firme, e deve pensar que, se o preservar, ofenderá a todos os outros.

Décimo grau: a rebelião

XIX. 48. Se a misericórdia celeste não lhe vem em socorro, já não tem remédio: é muito difícil que aceite as acusações alheias; o normal é que se faça mais afrontoso e impudente, ao ver que sua situação está tão deteriorada quanto é desesperada. Incorre assim no décimo grau pela rebelião: doravante, já não terá arrogâncias latentes para com os irmãos, senão que já patentemente desobedecerá ainda mais e com desprezo ao mestre.

49. Sciendum autem est, quod omnes gradus, quos in duodecim partitus sum, in tres tantummodo colligi possunt: ut in sex superioribus contemptus fratrum, in quatuor sequentibus contemptus magistri, in duobus, qui restant, consummetur contemptus Dei. Notandum quoque, quod hi duo superbiae gradus ultimi, qui et humilitatis ascendendo primi inveniuntur; sicut extra congregationem ascendendi sunt, ita in congregatione descendi non possunt.

Quod autem ante ascendi debeant, ex hoc aperte datur intelligi, quod de tertio gradu in Regula legitur: «Tertius,» inquit, «gradus est, ut quis pro Dei amore omni obedientia se subdat majori.» (Regul. 7, 31.) Si ergo in tertio gradu subjectio collocatur, quae procul dubio fit, quando novitius primum conventui sociatur; consequens est, quod duo jam anteriores transcensi intelligantur. Denique ubi fratrum concordiam, et magistri sententiam monachus spernit, quid ultra in monasterio, nisi scandalum facit?

50. Post decimum itaque gradum, qui rebellio dictus est, expulsus vel egressus de monasterio statim excipitur ab undecimo. Et tunc ingreditur vias, quae videntur hominibus bonae, quarum finis (nisi forte Deus eas illi sepierit) demerget eum in profundum inferni, id est in contemptum Dei. Impius siquidem cum venerit in profundum malorum, contemnit (Prov. XVIII, 3). Potest autem undecimus gradus appellari libertas peccandi, per quam monachus, cum jam nec magistrum videt quem timeat, nec fratres quos revereatur, tanto securius, quanto liberius sua desideria implere delectatur, a quibus in monasterio tam pudore, quam timore prohibebatur.

Sed etsi jam vel fratres, vel abbatem non timet, nondum tamen Dei penitus formidine caret. Hanc ratio, tenuiter adhuc submurmurans, voluntati proponit, nec sine aliqua dubitatione quaeque primum illicita perficit; sed, sicut is qui vadum tentat, pedetentim, non cursim vitiorum gurgitem intrat.

51. At postquam terribili Dei judicio prima flagitia impunitas sequitur, experta voluptas libenter repetitur, repetita blanditur. Concupiscentia

49. Há que saber que todos estes graus, doze no total, podem reduzir-se a três. Com efeito, os seis primeiros referem-se ao desprezo dos irmãos; o quatro seguinte, ao desprezo do mestre; os dois últimos, ao desprezo de Deus. Deve notar-se ainda que estes dois últimos graus da soberba correspondem inversamente aos dois primeiros da humildade, e que devem subir-se antes de entrar na congregação, sem que se possam descer na mesma congregação.

A mesma Regra supõe que devem subir-se previamente, como lemos no terceiro grau de humildade: "O terceiro grau", diz, "consiste em submeter-se por amor de Deus ao superior com toda a obediência".[48] Se se põe a submissão no terceiro grau, adquire-a o noviço quando se associa à comunidade. Supõe-se pois que já subiu os dois graus anteriores. E, enfim, quando despreza a concórdia entre os irmãos e as ordens do mestre, que faz o noviço no mosteiro senão causar escândalo?

Décimo primeiro grau: a liberdade de pecar

XX. 50. Após o décimo grau, que se disse rebelião, o monge ou é expulso do mosteiro ou se vai dele por si mesmo: incorre então no décimo primeiro. E então ingressa em um dos caminhos que parecem retos aos homens, mas cujo fim, se Deus não o impedir, submerge no profundo do inferno, ou seja, no desprezo de Deus. "O ímpio, ao cair no profundo dos pecados, cai também no desprezo" [Pr 18, 3]. Por isso o décimo primeiro grau pode chamar-se liberdade de pecar: aqui o monge já não vê a um mestre a quem tema, nem a irmãos a quem respeite; regozija-se com realizar seus desejos com tanto mais tranquilidade quanto mais livre se encontre dos que de algum modo o coibiam ou pelo pudor ou pelo temor.

Se porém já não teme aos irmãos nem ao abade, resta-lhe ainda certo resto de temor de Deus. E sua razão, que ainda insinua algo, antepõe este temor ao desejo e comete coisas ilícitas, ainda que não sem alguma hesitação. Imita ao que atravessa um rio: não se precipita, senão que entra antes paulatinamente na corrente dos vícios.

Décimo segundo grau: o costume de pecar

XXI. 51. E, depois de por um terrível juízo de Deus se terem seguido impunes as primeiras infâmias, repete-se livremente a volúpia experimentada, a

48 *Regula cum commentariis*, cap. 7, 3º grau (PL 66, 384B).

reviviscente sopitur ratio, ligat consuetudo. Trahitur miser in profundum malorum, traditur captivus tyrannidi vitiorum, ita ut carnalium voragine desideriorum absorptus, suae rationis divinique timoris oblitus, dicat insipiens in corde suo: *Non est Deus* (Psal. XIII, 1). Jam indifferenter libitis pro licitis utitur, jam ab illicitis cogitandis, patrandis, investigandis animus, manus, vel pedes non prohibentur: sed quidquid in cor, in buccam, ad manum venerit, machinatur, garrit et operatur, malevolus, vaniloquus, facinorosus.

Quemadmodum denique ascensis his omnibus gradibus, corde jam alacri et absque labore pro bona consuetudine justus currit ad vitam: sic descensis impius eisdem, pro malo usu non ratione se gubernans, non timoris freno retentans, intrepidus festinat ad mortem. Medii sunt qui fatigantur, angustiantur: qui nunc metu cruciantur gehennae, nunc pristina retardati consuetudine, descendendo vel ascendendo laborant.

Supremus tantum et infimus currunt absque impedimento, et absque labore. Ad mortem hic, ad vitam ille festinat; alter alacrior, alter proclivior. Illum alacrem charitas, hunc proclivem cupiditas facit. In altero amor, in altero stupor laborem non sentit. In illo denique perfecta charitas, in isto consummata iniquitas foras mittit timorem. Illi veritas, huic caecitas dat securitatem. Potest ergo duodecimus gradus appellari consuetudo peccandi, qua Dei metus amittitur, contemptus incurritur.

52. *Pro tali* jam, inquit Joannes apostolus, *non dico ut quis oret* (I Joan. V, 16). Sed nunquid dicis, o Apostole, ut quis desperet? Imo gemat qui illum amat. Non praesumat orare, nec desistat plorare. Quid est quod dico? An forte ullum remanet spei refugium, ubi oratio non invenit locum? Audi credentem, audi sperantem, nec tamen orantem. Domine, inquit, *si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus*. Magna fides, qua credidit sua praesentia Dominum nortem prohibere potuisse si adfuisset. Modo autem quid? Absit ut quem credidit vivum potuisse servare, mortuum dubitet posse resuscitare. *Sed nunc*, inquit, *scio quia quaecunque poposceris a Deo, dabit tibi Deus*. Deinde quaerenti ubi posuissent eum, respondet: *Veni, et vide*. Quamobrem? O Martha, magna nobis tuae fidei insignia tribuis: sed quomodo cum tanta fide diffidis? *Veni*, inquis, *et vide*. Cur et, si non desperas, non sequeris, et dicis, Et

qual, com tal repetição, se torna afagadora. Com o ardor da concupiscência, a razão adormece, e o costume liga-a. O miserável sente-se arrastado ao profundo dos males, torna-se cativo da tirania dos vícios, ao ponto de que, aturdido na voragem dos desejos carnais e esquecido de sua razão e do temor de Deus, diz-se "como o insipiente em seu coração: Não há Deus" [Sl 13, 1]. Doravante o prazer é sua norma moral, e nada impede que sua alma, suas mãos e seus pés pensem, executem e investiguem coisas ilícitas; e – malévolo, bravateador, delinquente – maquina, intriga e leva a termo quanto lhe vem ao coração, à boca, às mãos.

Enfim, assim como justo, após haver subido todos estes graus, lança-se facilmente à vida com um coração gozoso, levado pelo bom costume, assim também o ímpio, após descer todos os graus correspondentes, já não se governa pela razão nem se domina pelo temor: impedem-lho os maus hábitos, e marcha assim, temerariamente, para a morte. Entre tais dois extremos, encontram-se os que se esforçam e se angustiam, ou seja, os que, atormentados pelo temor do inferno, ou enredados ainda em seus maus costumes, se debatem entre altos e baixos.

Não marcham sem tropeços nem estafas senão os que estão ou no grau supremo ou no grau ínfimo. Uns vão celeremente para a morte, enquanto os outros o fazem para a vida. Estes caminham alegremente, enquanto aqueles tresloucada e vertiginosamente. Aos primeiros, estimula-os a caridade; aos outros, arrasta-os a paixão. Nem aqueles nem estes sentem o peso da vida, porque, com efeito, tanto o perfeito amor como a rematada iniqüidade estão isentos de todo e qualquer temor. É que a uns dá-lhes segurança a verdade, enquanto aos outros o faz a cegueira. Por isso o décimo segundo grau pode dizer-se "costume de pecar", no qual se perde o temor de Deus e se incorre em desprezo d'Ele.

XXII. 52. "Não digo", diz o apóstolo João, "que rogue alguém por ele" [I Jo 5, 16]. Queres então, ó Apóstolo, que se desespere? De modo algum: que o que o ama chore. Não pense em rogar, mas não deixe de chorar. Que é o que digo? Restará alguma esperança ali onde a oração já não tem sentido? Escuta a alguém que crê e que espera, e que porém já não ora: "Senhor, se tu tivesses estado cá, meu irmão não teria morrido" [Jo 11, 21]. Fé magna: crê que o Senhor, se ali estivesse estado, haveria podido impedir com sua simples presença a morte. E então? Estamos longe de pensar que quem creu que o Senhor houvesse sido capaz de manter vivo a Lázaro duvide de que, morto este, o possa ressuscitar. "Mas também sei agora que tudo o que pedires a Deus, Deus to concederá" [Jo 11, 22]. E em resposta ao Senhor, que lhe perguntara onde o haviam posto, diz: "Vem, e vê" [Jo 11, 34]. Para quê? Ó Marta, tu nos dá um grande testemunho de tua fé: mas como com tanta fé podes desesperar? "Vem, e vê", dizes-lhe. Se todavia não desesperas, por que não prossegues e

resuscita? si autem desperas, cur Magistrum sine causa fatigas? An forte fides aliquando recipit, quod oratio non praesumit? Denique appropinquantem cadaveri prohibes, et dicis: *Domine, jam fetet; quatriduanus enim est* (Joan. XI, 21, 22, 34, 39). Desperando dicis hoc, an dissimulando? Sic quippe ipse Dominus post resurrectionem finxit se longius ire (Luc. XXIV, 28), cum mallet cum discipulis remanere.

O sanctae mulieres Christi familiares, si fratrem vestrum amatis, cur ejus misericordiam non flagitatis, de cujus potentia dubitare, pietate diffidere non potetis? Respondent: Sic melius tanquam non orantes oramus, sic efficacius tanquam diffidentes confidimus. Exhibemus fidem, perhibemus affectum: scit ipse, cui non est opus ut aliquid dicatur, quid desideremus. Scimus quidem quod omnia potest: sed hoc tam grande miraculum, tam novum, tam inauditum, etsi ejus subest potentiae, multum tamen excedit universa merita humilitatis nostrae. Sufficit nobis potentiae locum, pietati dedisse occasionem; malentes patienter exspectare quid velit quam impudenter quaerere quod forsitan nolit. Denique quod nostris meritis deest, verecundia fortasse supplebit. Petri quoque post gravem lapsum lacrymam quidem video, sed precem non audio: nec tamen de indulgentia dubito.

53. Disce et in Matre Domini magnam in mirabilibus fidem habere, in magna fide verecundiam retinere. Disce verecundia decorare fidem, reprimere praesumptionem. *Vinum*, inquit, *non habent* (Joan. II, 3). Quam breviter, quam reverenter suggessit, unde pie fuit sollicita! Et ut discas in hujusmodi magis pie gemere, quam petere praesumptuose; pietatis aestum pudoris temperans umbra, conceptam precis fiduciam verecunde suppressit. Non frontose accessit, non palam locuta est, ut audacter coram omnibus diceret: Obsecro, fili, deficit vinum, contristantur convivae, confunditur sponsus; ostende quid possis. Sed licet haec aut multo plura pectus aestuans, fervens loqueretur affectus; privatim tamen potentem pia Filium mater adiit, non potentiam tentans, sed voluntatem explorans. *Vinum*, inquit, *non habent*. Quid modestius? quid fidelius? Non defuit pietati fides, voci gravitas, efficacia voto. Si ergo illa, cum mater sit, sese

dizes: "e ressuscita-o"? Se desesperas, com efeito, por que então causas fadiga ao Mestre? Será que a fé alcança às vezes o que a oração não ousa rogar? E, por fim, quando se aproxima do cadáver, tudo o paras e dizes: "Senhor, ele já cheira mal, porque já está aí há quatro dias" [Jo 11, 39]. Tudo o dizes por desesperança, ou com dissimulação? Também o Senhor simulou ir para mais longe, quando o que queria era ficar com os discípulos.[49]

Ó santas mulheres, familiares de Cristo: se amais a vosso irmão, por que então não pedis instante e repetidamente a misericórdia do Senhor, se não podeis duvidar de sua onipotência ou de sua clemência? Respondem: "Embora pareça que não oramos, desta maneira oramos melhor. Se à primeira vista desconfiamos, em verdade confiamos mais intensamente. Testemunhamos a fé, oferecemos amor. Ele não precisa que se lhe diga nada: sabe o que desejamos. Sabemos que pode tudo; mas este milagre, muito grande, único, inaudito, embora esteja em suas mãos, excede largamente os méritos de nossa humildade. A nós nos é suficiente oferecer caminho para seu poder, e prestar ocasião para a piedade, preferindo a paciente esperança no que Ele queira à tentativa temerária de alcançar d'Ele o que Ele talvez não queira. Pensamos, enfim, que a modéstia há de suprir a falta de nossos méritos". Com efeito, após a grave queda de Pedro, Ele ouviu seus soluços, não sua oração; tampouco, no entanto, duvidou da indulgência.

53. Aprende também da Mãe do Senhor a ter grande fé nos milagres, e a reter certo pudor com respeito a esta mesma magna fé. Aprende a revestir de modéstia a fé, e a reprimir a presunção. "Não têm vinho", diz [Jo 2, 3]. Que breve, que reverente sugestão, expressão de sua terna solicitude! Boa lição para aprender em situações semelhantes, nas quais é sempre melhor chorar piedosamente que pedir presunçosamente. Maria temperou o ardor da piedade com a sombra do pudor; temperou humildemente a plena confiança inspirada por sua oração. Não se aproximou afrontosamente, não falou publicamente, de modo que dissesse arrogantemente diante de todos: "Acabou-se o vinho, os convidados estão aborrecidos, e o esposo confuso; anda, Filho, age". Conquanto seu ardente coração e seu fervoroso afeto lhe pudessem sugerir tais palavras ou muitas outras, a piedosa mãe, todavia, aproxima-se privadamente do Filho poderoso sem incitar seu poder; simplesmente lhe tenteia a vontade: "Não têm vinho", diz. É possível maior modéstia e fé mais profunda? Não faltou fé à sua piedade, nem gravidade às suas palavras, nem eficácia ao seu desejo. Se ela, sendo mãe, mas esquecendo-se de que o era, não ousou pedir

49 Lc 24, 28.

matrem oblita non audet petere miraculum vini; ego vile mancipium, cui permagnum est Filii simul ac Matris esse vernaculum, qua fronte praesumo pro vita petere quatriduani?

54. Duo etiam in Evangelio caeci visum, alter accepisse, alter recepisse leguntur: alter quem amiserat, alter quem nunquam habuerat; unus scilicet excaecatus, alter caecus natus. Sed qui excaecatus, miserabilibus mirisque clamoribus miram misericordiam meruit: qui vero caecus natus, tanto misericordius, quanto mirabilius nullis suis precibus praeventum sui illuminatoris beneficium nihilominus sensit. Illi denique dictum est, *Fides tua te salvum fecit*: huic autem non (Luc. XVIII, 35-43; Joan. IX). Duos quoque recenter mortuos, tertium jam quatriduanum, lego resuscitatos: solam tamen Archisynagogi filiam, in domo adhuc positam, precibus patris; duos autem ex insperata magnitudine pietatis (Marc. V, 35-42; Luc. VII, 11-15; Joan. XI).

55. Simili etiam forma si contigerit (quod Deus avertat) aliquem de fratribus nostris, non in corpore, sed in anima mori; quandiu adhuc inter nos erit, pulsabo et ego meis qualiscunque peccator, pulsabo et fratrum precibus Salvatorem. Si revixerit, lucrati erimus fratrem: sin vero non mereamur exaudiri, ubi jam vel tolerare vivos, vel tolerari a vivis non poterit, sed incipiet efferri, semper quidem fideliter gemo, sed jam non ita fiducialiter oro. Non aperte audeo dicere, Veni, Domine, suscita mortuum nostrum: corde tamen suspenso, tremulus intus clamare non cesso, Si forte, si forte, si forte desiderium pauperum exaudiet Dominus, praeparationem cordis eorum audiet auris ejus; et illud, *Nunquid mortuis facies mirabilia, aut medici suscitabunt, et confitebuntur tibi? et de quatriduano: Nunquid narrabit aliquis in sepulcro misericordiam tuam, et veritatem tuam in perditione?* (Psal. LXXXVII, 11, 12.) Potest interim Salvator, si vult, insperate et improvise occurrere nobis, lacrymisque portantium motus, non precibus, mortui vitam reddere vivis, aut certe jam sepultum revocare a mortuis.

Mortuum autem dixerim illum, qui sua peccata defendens, in octavum jam corruit gradum. A mortuo enim, tanquam qui non est, perit confessio (Eccli. XVII, 26). Post decimum vero, qui tertius est ab octavo, jam effertur

o milagre do vinho, como eu, vil escravo, cuja maior insígnia é ser escravo simultaneamente do Filho e da Mãe, como vou atrever-me a pedir a vida para alguém que está morto há quatro dias?

54. Lê-se também no Evangelho que, de dois cegos, um recebeu a visão, enquanto o outro a recobrou: um a perdera, o outro nunca a tivera, ou seja, um ficara cego, o outro nascera cego. O que perdera a visão atraiu grande misericórdia por seu clamor intenso e lastimoso, enquanto o que nascera cego, sem nada pedir, recebeu a iluminação daquele que era sua luz. Dom de todo gratuito em que a misericórdia reluz a par do milagre. A um, enfim, lhe disse: "Tua fé te salvou" [Lc 18, 42; Mc 10, 52]; ao outro, não. Leio ainda três ressurreições: duas, pouco após a morte; uma, quatro dias após o enterro. Dos três casos, só a menina que ainda estava em casa foi ressuscitada em razão das orações dos pais; os outros resultaram de uma inesperada magnitude de piedade.[50]

55. Semelhantemente ainda, se acontecer – não o permita Deus – que algum de nossos irmãos morra, mas não no corpo, e sim na alma, enquanto ainda está entre nós, eu pecador, com minhas orações e com as de todos os irmãos, importunarei vezes seguidas o Salvador. Se reviver, teremos ganhado o irmão. Se todavia não merecermos ser escutados, porque não podem suportar-se mutuamente os vivos e os mortos, enterraremos o defunto. Mas eu continuarei a gemer fielmente, apesar de já não rezar com toda a confiança. Não ousarei dizer em voz alta: "Vem, Senhor, e ressuscita nosso morto"; mas, tremendo com o coração suspenso, não deixarei de clamar interiormente: "Talvez o Senhor atenda o desejo dos humildes, e seu ouvido escute os anseios do coração", e aquilo: "Porventura fazes milagres em favor dos mortos? Porventura os defuntos se levantarão para louvar-te?" [Sl 87, 11]. E do há quatro dias morto: "Acaso publicam na sepultura a tua bondade, e a tua fidelidade nos infernos?" [Sl 87, 12]. Enquanto isso, o Salvador, se quiser, pode improvisada e inesperadamente tornar-se-nos acessível e comover-se, não pelas orações, mas pelas lágrimas dos que levam o defunto, e assim devolver-lhe a vida; ou, se já está enterrado, chamá-lo dentre os mortos.

Chamei morto àquele que, escusando seus pecados, incorreu no oitavo grau. Um morto, com efeito, porque já não vive, é incapaz de confessar seus pecados.[51] Quem transpõe o umbral do décimo grau da soberba, o qual é o terceiro se se começa a contar do oitavo, é expelido do consórcio do mosteiro,

50 Mc 5, 35-42; Lc 7, 11-15; Jo 11.
51 Eclo 17, 26.

in libertatem peccandi, quando expellitur a consortio monasterii. At postquam quartum transierit, jam recte quatriduanus dicitur, dum in quintum decidens per consuetudinem sepelitur.

56. Absit autem a nobis, ut etiam pro talibus, etsi palam non praesumimus, vel in cordibus nostris orare cessemus: cum Paulus eos quoque lugeret, quos sine poenitentia mortuos sciret (II Cor. XII, 21). Etsi enim a communibus orationibus ipsi se excludunt, sed ab affectibus omnino non possunt. Viderint tamen in quanto periculo sint, pro quibus Ecclesia palam orare non audeat, quae fidenter etiam pro Judaeis, pro haereticis, pro Gentilibus orat. Cum enim in Parasceve nominatim oretur pro quibuslibet malis, nulla tamen mentio fit de excommunicatis.

57. Dicis forte, frater Godefride, me aliud quam tu quaesisti, et quam ipse promisi, tandem exhibuisse, cum pro gradibus humilitatis, superbiae gradus videar descripsisse. Ad quod ego: Non potui docere nisi quod didici. Non putavi congruum me describere ascensiones, qui plus descendere, quam ascendere novi. Proponat tibi beatus Benedictus gradus humilitatis, quos ipse prius in corde suo disposuit: ego quid proponam non habeo, nisi ordinem meae descensionis. In quo tamen, si diligenter inspicitur, via forsitan ascensionis reperitur. Si enim tibi Romam tendenti homo inde veniens obviaret, quaesitus viam, quid melius quam illam, qua venit, ostenderet? Dum castella, villas, urbes, fluvios, ac montes, per quos transierit, nominat, suum denuntians iter, tuum tibi praenuntiat: ita ut eadem loca recognoscas eundo, quae ille pertransiit veniendo.

In hac similiter nostra descensione gradus ascensorios fortasse reperies, quos ascendendo melius tu in tuo corde, quam in nostro codice leges. Amen.

e transportado para a liberdade de pecar. Passado o quarto grau, contando sempre a partir do oitavo, já é [como o] cadáver quatriduano; ao incorrer no quinto pelo costume de pecar, é enterrado.

56. Ainda que já não ousemos fazê-lo publicamente, nunca cessaremos de orar no coração por esses, assim como Paulo, que também chorava pelos que haviam morrido impenitentes. E, conquanto eles mesmos se excluam das orações comunitárias, não os podemos expulsar de todo de nosso afeto. Considerem eles mesmos em quanto perigo se encontram: porque a Igreja, que reza confiantemente pelos judeus, pelos hereges e pelos gentios, não o faz porém abertamente. E na Sexta-feira Santa, quando reza expressamente por toda classe de maus, não faz nenhuma menção aos excomungados.

Volta àquele a quem escrevo

57. Talvez digas, irmão Godofredo, que escrevi sobre algo muito diferente do que tu me havias pedido e eu prometido: pode parecer-te que, em vez dos graus da humildade, descrevi os graus da soberba. Mas considera minhas razões: não poderia ensinar nada distinto do que aprendi; e, se não me pareceu conveniente descrever as subidas, é porque tenho mais experiência nas descidas. Que te exponha São Bento os graus da humildade, os quais ele dispôs antes de tudo no coração. Quanto a mim, não posso apresentar-te senão a ordem que segui na descida. Se meditares seriamente sobre isto, talvez aches aqui teu mesmo caminho de subida. Se tu, com efeito, a caminho de Roma, deparas com um homem que vem de lá, e lhe perguntas a direção que leva até ela, que melhor lhe pode fazer que assinalar o caminho já percorrido? Quando te refere castelos, vilas e urbes, rios e montes pelos quais passou, está a indicar-te seu caminho e a uma só vez a traçar-te o teu. Ao retomares a marcha, irás reconhecendo os mesmos lugares pelos quais aquele homem acaba de passar.

Similarmente, em minha descida provavelmente encontrarás os graus ascendentes; e, ao galgá-los, lê-los-ás muito melhor em teu coração que em nosso códice.

Bibliografia citada

A. Vacan, E. Mangenot e É. Amann, *Dictionnaire de Théologie Catolique*, t. 2, p. 1, Paris, Letouzey et Ané, 1932.

D. Idelfonso Herwegen, *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*, Rio de Janeiro, Edições Lumen Christi, 1953.

García M. Colombás, *La Tradición Benedictina*, t. 4, Siglo XII, Zamora, Ediciones Monte Casino, 1994.

Guilherme de Saint-Thierry, *Vita Prima Sancti Bernardi Claraevallis Abbatis* (PL 185, 225-268).

Papa Pio XII, Encíclica *Doctor Mellifluus*, 24 de maio de 1953.

S. Bento de Núrsia, *Regula cum commentariis* (PL 66, 215-933).

S. Bernardi Claraevallensis Opera Omnia

Apologia ad Guillelmum
Capitula haeresum Petri Abaelardi
De adventu Domini
De Consideratione
De Moribus et Officio episcoporum
De S. Clemente
Dominica I post octavam Epiphaniae
Dominica infra octavam assumptionis B. V. Mariae
Dominica IV post Pentecosten
Dominica VI post Pentecosten
Epistolae
Hymnus de S. Malachia
In annuntiatione B. V. Mariae
In ascensione Domini
In assumptione B. V. Mariae
In capite ieiunii
In circumcisione Domini
In Coena Domini
In conversione S. Pauli
In dedicatione ecclesiae
In die sancto Paschae
In Dominica Palmarum
In Epiphania Domini
In feria IV Hebdomadae Sacrae
In festo omnium sanctorum
In festo Pentecostes
In festo S. Andreae apostoli
In festo S. Martini
In festo S. Michaelis
In festo SS. Petri et Pauli
In natali S. Benedicti
In natali S. Victoris confessoris
In nativitate Domini.
In nativitate S. Ioannis Baptistae

In nativitate SS. Innocentium
In navitate B. V. Mariae
In obitu D. Humberti
In octava Epiphaniae
In octava Paschae
In psalmum Qui habitat
In Purificatione B. Mariae
In Quadragesima
In rogationibus
In Septuagesima
In tempore resurrectionis
In transitu S. Malachiae
In verba Evangelii
In vigilia nativitatis Domini
In vigilia S. Andreae apostoli
In vigilia SS. Petri et Pauli
Liber ad milites Templi de laude novae militae
Liber de diligendo Deo
Liber de Passione Christi et doloribus matris ejus
Officium de S. Victore Confessore
Parabolae
Pro Dominica I Novembris
Scala paradisi
Sententiae
Sermo de Conversione, ad clericos
Sermones de diversis
Sermones in Cantica canticorum
Super hymnum Iesu nostra redemptio
Tonale
Tonale S. Bernardi
Tractatus ad laudem gloriosae virginis Mariae
Tractatus cantandi Graduale
Tractatus de baptismo aliisque quaestionibus
Tractatus de cantu
Tractatus de corpore Domini
Tractatus de erroribus Petri Abaelardi
Tractatus de gradibus humilitatis et superbiae
Tractatus de gratia et libero arbitrio
Vita S. Malachiae

COLEÇÃO ESCOLÁSTICA

Nesta sua obra de juventude, São Bernardo de Claraval (1090-1153) já dava mostras inequívocas da altitude a que poderia chegar como místico, como teólogo e como apologeta. Trata-se de um comentário espiritual ao capítulo VII da Regra de São Bento, escrito a pedido de Godofredo de la Roche-Vanneau (?-1164), seu primo, então abade do mosteiro cisterciense de Fontenay.

Ao falar da virtude da humildade, Bernardo se vê compelido a pô-la em paralelo com o seu vício contrário, a soberba, mostrando de maneira grandemente pedagógica o dinamismo da psique humana a partir do simbolismo da escada de Jacó. Dele se vale o notável santo para apresentar a humildade como o primeiro degrau duma subida heróica, e a soberba, por sua vez, como o primeiro passo duma descida culpável.

Não se pense que este breve tratado é uma *schola humilitatis* útil apenas para monges ou pessoas consagradas, pois ele diz respeito à dificultosa caminhada do homem sobre o pó deste mundo, durante a qual se vê desafiado a vencer as suas próprias debilidades e alcançar um equilíbrio sempre tênue, sempre tenso, sempre frágil; um equilíbrio feito de inúmeras incertezas, porém vincado na certeza de que, em Deus, ele pode superar-se a si mesmo, transcender-se misteriosamente, sem deixar de viver as contradições inerentes à sua condição de ente situado entre os planos sensível e inteligível.

Ao trazer à luz esta obra-prima da oratória e da espiritualidade, a Editora Concreta contribui sobremaneira para a recivilização do Brasil, que hoje luta para sair do atoleiro espiritual, moral, estético e político no qual se afundou.

CONCRETA

Este livro foi produzido graças a uma campanha de financiamento coletivo. Acesse o site da Concreta, conheça nossos outros projetos e ajude você também a cultura do Brasil.

www.editoraconcreta.com.br

ISBN 978-85-68962-22-0